Eça de Queiroz

Uma Campanha Alegre

VOL 2

DAS FARPAS

A EDITORA,
LISBOA

UMA CAMPANHA ALEGRE

VOLUME II

Typ. da Companhia Nacional Editora—L. do C. Barão, 50.

EÇA DE QUEIROZ

UMA CAMPANHA ALEGRE

DAS FARPAS

VOLUME II

LISBOA
COMPANHIA NACIONAL EDITORA
Largo do Conde Barão, 50
1891

«Quem o sabe? Quem o saberá?» diz o cuco da lenda.

Que te trará elle a ti, fiel camarada das *Farpas* e da sua campanha ironica? Um accesso no teu emprego? A herança de um velho tio? Uma noiva de cinta airosa? Uma bella viagem por conta do Estado? Um pequerrucho guloso de leite?

«Quem o sabe? Quem o saberá?» diz o cuco da lenda.

Que elle, o Annò Novo amavel, te conserve a cabeça serena, o estomago são, o bolso sonoro, e a mão decidida. Eis o bom e o positivo na vida. E tambem que faça penetrar em ti como um calor reconfortante a estima das *Farpas*—ou, pelo seu nome generico, a estima do *Bom senso*.

E que trará elle á Patria? É justo que pensemos um pouco na Patria. Porque emfim, temos uma *patria*. Temos pelo menos—um *sitio*. Um *sitio* verdadeiramente é que temos: isto é—uma lingua de terra onde construimos as nossas casas e plantamos os nossos trigos. O nosso *sitio* é Portugal. Não é propriamente uma *nação*, é um *sitio*. Já não achamos máu! A Laponia nem um *sitio* é: apenas uma dispersão de cabanas na vaga extensão da neve. Podemos pelo menos desdenhar a Laponia. A miseravel Laponia! Como a nossa organisação é

mais rica, a nossa raça mais digna! Nós ao menos temos um *sitio!*

O que vae trazer á nossa terra, debaixo da sua capa, o digno Anno de 1872?

Trar-lhe-ha a paz, como um folhetim monotono continuado da vespera?

Trar-lhe-ha a guerra, coma uma aventura emmovente a marche-marche?

Trar-lhe-ha, embrulhada n'um cartucho, a revolução?

Trar-lhe-ha, no meio de um espantado *oh!* universal — uma idéa?

Trar-lhe-ha entre os braços, para lhe depositar no collo, uma nova dynastia — de mama?

Trar-lhe-ha, como um noivo para a fecundar, o eximio prelado de Vizeu que recua e cora de pudor?

Atirar-lhe ha aos pés, com um mimo de céo, Melicio, melhor que os favos?

«Quem o sabe, quem o saberá?» diz o cuco da lenda.

Nem elle mesmo o sabe talvez, o Anno Novo! Os annos chegam desprevenidos, sem plano, e começam por tomar informações com os annos que sahem E então, pelas notas colhidas, como um dramaturgo, preparam os seus episodios! Ah! que di-

ria o Anno Velho, ao partir com as suas malas e as suas rugas, a este Novo Anno que chegava inexperiente e curioso? Que confidencias trocaram, ao encontrar se n'essa mysteriosa estrada por onde caminham os dias e os annos, pacientes transeuntes da Eternidade?. . Pois nós, os feiticeiros das *Farpas*, por grande maravilha o sabemos! Anno Velho e Anno Novo cruzaram se na fronteira, em Badajoz. O Anno Velho estivera trezentos e sessenta e cinco dias em Portugal; recolhia enfastiado e embrutecido; tinha os dedos queimados do cigarro; levava o estomago estragado da mesa do hotel; ia ressequido da falta de banhos; palitava os dentes com as unhas; sabia ajudar á missa; assoava-se a um lenço vermelho; perguntava a todo o proposito *que ha de novo?*; e era reformista. Estava aportuguezado. Anno Novo esse sahia da frescura do Céo.

Cumprimentaram-se, risonhamente.

E no silencio da noite, á sombra dos muros d'Elvas, d'onde nós escutavamos, palpitou entre os dois, vivo e rapido, este dialogo:

Anno Novo (preparando a carteira e o lapis):

—Este paiz em que vou entrar é uma monarchia ou uma republica?

Anno Velho (gravemente).

—As geographias dizem que é uma monarchia...

Pelo que vi pareceu-me que nem era uma monarchia, nem uma republica — e que era apenas um *chinfrim*.

— Mas, Anno Velho pelo menos ha um rei?

— Ha um, Anno Novo. Os jornaes revelam de vez em quando a sua existencia — contando que fôra photographar-se! É quanto se sabe da sua vida publica.

— Mas, esse rei reina.

— Reina — como quando se diz na descripção de uma sala: «no alto, ao pé da cornija, *reina* um friso dourado...»

— E por onde se governa esse paiz?

— Este paiz tem a *Carta*, que se manifesta todos os mezes nas musicas regimentaes — em hymnos; e actua nas reparticões de anno a anno — em suettos... É tudo o que o paiz sabe d'ella.

— E de que vive o paiz? Tem rendimentos, tem orçamento?

— Tem de menos, todos os annos, para pagar as despezas da casa — uns cinco ou seis mil contos. É a isto que elles chamam — as finanças. Cada ministerio...

— Um momento! Eu sou um simples, um ingenuo, chego... O que é um ministerio?

— É uma collecção de doze homens que se encarregam (seis trotando a cavallo atraz dos outros

seis) de governar o paiz — isto é, de ter a mão na chave da despensa. Quando se pertence a um partido...

— Pertencer a um partido, caro collega, vem a ser?...

— É metter-se a gente n'um omnibus que leva aos empregos — e a que pucha o chefe do partido, sempre com o freio nos dentes!

— Mas a questão da fazenda, dizia...

— É uma especie de nó que todos, um por um, são chamados a desatar — e que cada um aperta mais.

— Sem nunca entalar os dedos?

— Bem ao contrario! A alguns fica-lhes na mão o pó da corda. Ora é com esse pó que se compram os melões.

— E o paiz, em que se emprega?...

— Nas secretarias. São salas onde homens tristes escrevem em papel almasso «ill.mo e ex.mo sr.» — para poderem jantar, e ter este accesso: aos 20 annos semi-inuteis, aos 30 inuteis, e aos 45 inuteis e semi.

— E d'onde sáem esses homens?

— Do lyceu, que é um logar com bancos, onde em rapaz se decoram boccados de livros — para ter o direito de não se tornar a ler um livro inteiro depois de homem.

— Perdão, mas ha uma Universidade, parece...

— Ha. Mas é apenas um edificio historico para se provar que existiu D. Diniz, seu fundador.

— Mas ahi, Santo Deus, não se estuda?

— Sim, estudam-se sciencias que levam cinco annos a estudar — e que estão atrazadas vinte annos; — com excepção de uma, a theologia, que acabou ha um seculo.

— E como é a organisação dos estudos?

— O alumno, ao entrar, faz uma cortezia profunda ao lente; lê lá dentro um romance que traz na algibeira; e sáe fazendo ao lente outra cortezia profunda. Se não fizer isto é reprovado.

— E tudo isso para quê?

— Para se ser bacharel — uma qualidade que se exige para tudo, e que se não respeita para cousa nenhuma.

— E a que chama a *politica,* meu amigo? Tenho-lhe ouvido...

— A politica é a occupação dos ociosos, a sciencia dos ignorantes, e a riqueza dos pobres. — Reside em S. Bento...

— Um santo do calendario?

— Uma sala que a carta instituiu para *perpetuamente* se discutir quem ha de organisar o paiz *definitivamente.*

— E qual é a posição dos deputados?...

— Na apparencia sentados, por dentro de cocoras.

— Perdão...

— Ah sim! a posição para com o governo? Empregados de confiança do governo, nomeados pelo governo;— consentindo-se ao povo, para o contentar, que assigne o decreto!

— Explique-me uma palavra dos meus apontamentos: — «eloquencia parlamentar?»

— É a serie de palavras sabidas que vae de Barros e Cunha a Osorio de Vasconcellos — passando por Santos e Silva.

— Quem são esses homens?

— São elles mesmos — e teem um trabalho immenso para serem tanto.

— Ha ainda, ao que parece, outra camara..

— A dos pares. É um fôrno apagado onde cada governo mette lenha nova — para poder coser o seu pão.

— Extranhos casos! E ha um partido anti-dynastico?...

— Perfeitamente: ha um partido que se ri do rei por ter tão pouco poder sobre o seu povo — e lastima o povo por soffrer tanto poder do seu rei.

— Fale-me da aristocracia...

— E uma collecção de capacetes, vasios das velhas cabeças, as quaes iam cahir ao chão, e onde se

mettem, para os sustentar, cabeças novas de merciei-ros, que pagam para isso ao governo.

— Ainda bem! fale-me agora do povo...

— É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre, porque lhe não montam na anca; — e o desgraçado não se lembra da canga!

— E a burguezia?

— Chut! Mais baixo! Esse é o nome de desprêso com que os tendeiros enriquecidos que já descan-çam fulminam os tendeiros pobres que ainda traba-lham.

— E este paiz, que crédito tem entre os outros, para além dos Pyrineus?

— Portugal lá fora é estimado pela laranja.

— E a diplomacia?...

— Cada governo, meu amigo, costuma mandar como embaixadores para fora aquelles que não quer vêr dentro como chefes da opposição. Na realidade os diplomatas são como os criados que os compa-nheiros mandam espreitar para a sala — para elles comerem mais á vontade na cozinha.

— Tem viajado de certo, amigo. Fale me das ci-dades... Ha boas estradas?

— Ha: mas estão todas na secretaria das obras publicas, para não se deteriorarem.

— E o caminho de ferro?

— É novo em Portugal, gatinha ainda.

— Mas... E o Porto o que é?

— Uma terra onde se é negociante para ter os meios de fingir que se é aristocrata.

— E Coimbra?

— Uma cidade onde o muncipio não varre as ruas para não perturbar os que estudam,—emquanto os que estudam, com o barulho que fazem na rua, não deixam dormir o municipio.

— E Lisboa, emfim?

— Lisboa é a cidade onde Melicio habita. De resto uma burgueza que desejaria parecer-se com uma *cocotte*— se podesse costumar-se a lavar os dentes.

— Mas então os portuguezes não são escrupulosos no aceio?

— Outr'ora, collega, quando os criados inexperientes dos hoteis viam chegar o viajante portuguez, traziam-lhe, como a todos, uma tina cheia e fresca. E o portuguez respondia invariavelmente: «obrigado, não tenho sede!»

— Mas a vida elegante de Lisboa?

— É não ser cigarreiro da fabrica de Xabregas. Tudo o mais é elegante.

— E os portuguezes são intelligentes, ao menos?

— Foi o A B C que espalhou isso—vaidoso de que o tivessem comprehendido!

— E a familia?...

— É um grupo de egoismos — que janta de chinellas.

— Mas as mulheres?

— Pessoas excellentes, que teem a doçura de fingir que não teem espirito — só para não humilharem os maridos!

— E são bonitas?

— São bonitas — nos intervallos da cuia.

— E honestas?

— Muito mais do que os maridos dão a entender.

— E ternas?

— Apprenderam a ternura de cór — mas recitam-n'a mal.

— Que tal conversam?

— Não se sabe. Nunca tiveram com quem.

— E amorosas?...

— Diz o sr. Vidal que sim.

— E femininas?

— Meu amigo, são utilitarias. Acham em tudo o que acharam na propria walsa — uma utilidade.

— Na walsa? qual é?

— O meio de suar com elegancia em sociedade.

— Oh! bom Deus, voltemos ás generalidades! O paiz é rico?

— Portugal é um paiz que todos dizem que é rico, povoado por gente que todos sabem que é pobre.

— Mas a agricultura?

— A agricultura aqui é a arte de assistir impassivel ao trabalho da natureza.

— E as colonias?

— Velhas salvas de familia, que se enferrujam ao seu canto.

— Mas este paiz tem um exercito...

— Pode-se permittir essa formalidade, — porque tem segura a paz.

— E policia?

— A policia é uma instituição que passeia apparatosamente em certas ruas — para prevenir os malfeitores que vão para outras.

— Falou de malfeitores. Como são as cadeias?...

— São latrinas — onde tambem se guardam prêsos.

— Mas a camara municipal, ao menos vela pela cidade?

— Zelosamente. Por uma das suas posturas, por exemplo, é prohibido a qualquer cidadão, sob pena de uma grave multa, ter em sua casa mais de seis mezes — um lobo damnado!

— É extraordinario! E o bom senso, não o ha?

— Evita-se: porque tel-o chama se pedantismo, e publical-o chama-se insulto.

— Mas esse povo nunca se revolta?

— O povo ás vezes tem-se revoltado por conta alheia. Por conta propria — nunca.

— Em resumo, qual é a sua opinião sobre Portugal?

— Um paiz geralmente corrompido — em que aquelles mesmos que soffrem não se indignam por soffrer. De resto a patria do grande Affonso de Albuquerque e d'outros.

— E não ha um protesto? Agora me lembro!... As *Farpas?* fale-me d'ellas...

— Um jornal que tem um só merecimento — sentir-se com bom senso e não aspirar á dictadura.

Mas tendo percebido que os escutavam (eramos nós) o Anno Novo e o Velho Anno separaram-se, com grandes *shake-hands*. E o Novo Anno, senhor de uma serie de definições que o habilitavam a conhecer o paiz, entrou a fronteira, ao repicar dos sinos. Bem vindo! E Boas Festas!

II

Janeiro 1872.

AO EX.mo SR. FONTES PEREIRA DE MELLO.—Vimos agradecer-lhe, sr. ministro, a proposta pela qual é extincto o imposto do pescado. As *Farpas* tinham apresentado, com um relêvo doloroso, toda a cruel indignidade d'esse imposto. Não sabemos se v. ex.ª já viveu algum tempo nos costas de Portugal. Devia-o ter feito. Nada mais duramente instructivo. Um interior de cabana ensina mais que um livro de Mauricio Block. (Mesmo os livros do dito Mauricio não ensinam nada.) A pesca não constitue uma industria regular, mas um ganho de surprêsa. O mar, sr. ministro, não tem a calma tranquillidade da terra. Essa estende-se ao sol, como a nympha antiga, e deixa serenamente na sua impassibilidade santa que a violem, a dilacerem, lhe tirem o vinho, o pão, as fructas, até o carvão. e aos que a rasgam e roubam dá tudo o que é necessario para que o corpo viva, e ainda a mais as verduras e as flôres para

que a alma se alegre. O mar, sr. ministro, esse, defende-se. Olha o homem como um inimigo; cerca-se de rochas, embuça-se traidoramente na nevoa, apavora com o seu ladrar monotono. É necessario espreital-o, vêr quando dorme: então o pescador, rema em silencio, deita as redes, e rouba-o. Já vê, sr. ministro, que não temos aqui uma industria disciplinada—mas a pirataria da fome.

Anda ás vezes uma lancha quarenta e oito horas sob a chuva, o vendaval e a neblina, na inclemencia da agua. Os homens estão *perdidos e trabalhados,* como dizia Camões. É necessario passar a noite no mar. Deitam a ancora e as redes, accendem uma lanterna, persignam-se, e, sob a escuridão e a tormenta, embuçados nos gabões, encharcados, alli ficam no vasto mar escuro. Tudo isto para erguer as redes vasias, quantas vezes rôtas! Vão homens e vão creanças. Um homem de companha ganha 80 réis por cada pesca, dois dias de trabalho aspero. Uma creança ganha um vintem. É necessario vêr como habitam. Em Espinho—e é uma das costas mais populosas e mais ricas—vivem em casebres de páu, onde a chuva, o vento, a nevoa, entram livremente; dormem sobre farrapos de velhas jaquetas e de antigas vellas inuteis; comem n'uma grande tigella, promiscuamente, a caldeirada escassa de sardinha e codeas de brôa. Isto no tempo feliz e abun-

dante. No inverno internam e pedem esmola. Tal é aquella vida a traços largos. Escusamos falar-lhe, sr. ministro, dos temporaes, dos naufragios, de barcos partidos, de redes inutilisadas, do fim d'elles sobre a terra, que é o hospital, do seu fim debaixo da terra, que é a valla. Vir sobre estes homens o fisco, e tirar-lhes, por meio de uma conta de dividir, parte d'aquillo que elles ganham por meio de um risco de morrer, era excessivamente torpe, mesmo para portuguezes! Os pescadores teem, sr. ministro, um verdadeiro imposto: as grandes ondas que viram as lanchas.

Agradecemos, sr. ministro, a sua sympathica iniciativa.

III

Janeiro 1872.

O *India*, o melhor navio que temos, o navio novo, expressamente feito para uso do paiz, comprado com madura reflexão, examinado com escrupulosa sciencia, gloria da nossa marinha, defeza das nossas colonias, garantia da nossa honra, o *India*, que sábias commissões approvaram, que uma recta imprensa exaltou, que professores da eschola normal celebraram, que custou muitas mil libras, que é novo, perfeito, impeccavel, o *India*,—mette apenas cinco pollegadas de agua por dia!

Louvemos a Providencia em humilde attitude: o *India* podia não ter fundo!

Mas não, o *India* é o nosso glorioso vaso, conhece o brazão heroico que usa, comprehende a responsabilidado que avora, vê que lhe cumpre sustentar o nome da Luzitania, e portanto o *India*, com uma moderação que nos commove até as lagrimas,

o *India* — mette apenas cinco pollegadas de agua por dia!

E todavia o *India* podia — quem lh'o impediria? quem ousaria cohibir-lhe a nobre vontade? — o *India* podia não ter casco! O *India* poderia não ter costado!

Mas não! o *India* sabe os deveres de todo o honrado transporte de guerra para com a patria que o emprega. O *India* — limita-se a metter apenas cinco pollegadas de agua por hora!

IV

Janeiro 1872.

Ao sr. d. americo, bispo do porto. — Deve v. ex.ª reverendissima saber que o *Diario da Tarde*, jornal d'essa diocesse, tem publicado cartas trocadas entre o sr. Camillo Castello Branco, que no mundo profano é um romancista excellente, e Rocha, que é no mundo ecclesiastico — qualquer cousa. Trata-se, parece, de dicidir se existem as famosas labaredas do Inferno. A discusão tomou uma feição theologica. O sr. Camillo Castello Branco traz a ella toda a originalidade fogosa da sua veia peninsular; o chamado Rocha divaga, requenta sediços argumentos theologicos, defende os missionarios, e aconselha a prática das suas doutrinas. Ora n'uma das cartas do dicto Rocha encontra-se, reverendissimo prelado, esta phrase, para a qual chamamos a attenção intelligente de v. ex ª e a sua auctoridade hierarchica: «Diz o sr. Camillo que a presença dos missiona-

«rios augmenta a faina da roda dos expostos. Pois «bem, eu digo que melhor, porque augmenta a po-«pulação.»

O que significa, dignissimo prelado:

«É um bem que os missionarios seduzam as suas ouvintes — porque augmentam a população.»

Foi escripta esta phrase, excellentissimo prelado, na cidade do Porto no anno de 1871, dezembro, por um chamado Rocha, ecclesiastico.

Excellentissimo prelado! Isto é simplesmente o missionarismo que ameaça a virgindade. Temos aqui o missionarismo, que — ferido, irritado da contradicção, torcendo-se sob a mordedura da verdade, levado violentamente contra o muro — faz como os gatos longo tempo perseguidos e espicaçados, assanha-se, encrespa-se, sopra, desenrosca-se, attaca — e grita:

— «Ah! eu estou convencido de ser impudico? Melhor! Confesso o meu impudor, sustento-o! É um bem, por que augmento a população.»

E prepara-se! Pedimos excellentissimo prelado, a interferencia da sua mitra.

Se, entre nós os profanos, nos tribunaes civis, um assassino declarasse que matára fulano, para diminuir a população; se um ladrão se gabasse de que roubara sicrano, para fazer girar os capitaes, — nós mandariamos estes dois reformadores bene-

meritos, que se haviam sacrificado pela justiça, britar pedra com a argola da grilheta!

Não sabemos o que as leis ecclesiasticas cominam áquelles senhores missionarios que entendem do seu dever desflorar as mulheres—para augmentar os homens!

Se nada estatuem, então, excellentissimo prelado, dê-nos v. ex.ª na sua capella um logar para irmos ahi agradecer a Providencia maternal, de rojo nas lages,—pois que é tão benevola com a terra de Frei Bartholomeu dos Martyres que, no meio das nossas desgraças e da nossa pobreza, nos dá ao menos o moedeiro falso que augmenta o capital e o missionario que augmenta a população!

Como porém a justiça e conhecida dignidade de v. ex.ª não deixarão passar em impunidade a palavra do chamado Rocha, vimos humildemente pedir a v. ex.ª reverendissima que attenda a que a phrase do chamado Rocha é a expressão synthetica de uma theoria de missionario;—que os missionarios são muitos;—que os máus sacerdotes fazem desertos os melhores altares;—que Christo, o supremo Mestre, desfaria o seu azorrague n'estes vendilhões de bentinhos;—e que uma vez que os seus padres, excellentissimo prelado, ameaçam augmentar a população, não será injusto que nós suppliquemos a v. ex.ª que açame os seus padres!

Beijamos o annel pastoral de v. ex.ª reverendissima — sendo, como somos,

Admiradores da sciencia e crentes da virtude de v. ex.ª reverendissima.

V

Janeiro 1872.

Querem conhecer um cidadão absolutamente optimista, *rara avis*, n'esta terra?—É o nosso amigo Pinheiro Chagas.

Revela-o elle, muito finamente, no seu folhetim de 5, no *Diario de Noticias*. Ahi, accusando com gentil espirito, os que «fustigam a patria», desenha o paiz como superiormente perfeito, tão perfeito que na sua superficie social e moral não é possivel encontrar nem uma fenda nem uma mancha: e ahi declara que todo aquelle que achar na Lusitania defeitos e no cysne farruscas—*é burlesco*.

Parece que, segundo o feliz Pinheiro Chagas, nós possuimos toda a perfeição de administração, toda a abundancia de riqueza, toda a virtude d'alma, toda a elevação de caracter, toda a belleza de forma —como aquella cidade ideal onde o joven Telemaco e o calvo Mentor passeavam, coroados de loiros,

trocando os periodos sonoros que o puro Fénelon lhes collava alternadamente aos labios.

E sabem quaes são as provas que o nosso admiravel amigo dá d'este estado de perfeição a que chegou Portugal, d'esta superioridade inteiramente inaccessivel ás raças inferiores?

Duas provas:

Termos descoberto o caminho da India!

Termos, com a nossa energia, domado o Indostão!

Assim, segundo esta theoria de impeccabilidade, —sabem por que razão é o sr. Bramcamp um grande philosopho? — Por que nós descobrimos o caminho da India. E todo aquelle que, ou sobre a philosophia do sr. Braamcamp ou sobre a grandeza de qualquer instituição nossa, pozer restricções ou duvidas — é *burlesco*. Assim as *Farpas* seriam *burlescas* — se ousassem duvidar da superioridade philosophica do sr. Braamcamp; e sel-o iam se se atrevessem a negar, sorrindo, a excellencia da nossa instrucção publica. E isto porque nem o sr. Braamcamp pode eximir-se a ser um philosopho tão profundo como Kant, nem a instrucção se pode esquivar a ser tão derramada como na Prussia — desde o momento em que nós outr'ora domamos o Indostão!

É este um systema de progresso social facil e commodo: domar o Indostão. Quem doma o Indos-

tão está, desde esse momento, na plenitude da verdade e na posse da abundancia. Foi por não o ter domado que a França se acha nos embaraços da inconstituição. Foi por o não ter domado que Babylonia caiu! É um erro que uma nação comece a viver — sem se ter prevenido com alguns Indostões domados. Doma o Indostão e deita-te a dormir. Doma o Indostão e fecha a eschola — a população saberá ler. Doma o Indostão e não faças estradas — a circulação augmentará.

As *Farpas* accusam a desorganisação dos estudos. Mentira, os estudos são perfeitos, veja-se a energia com que domamos o Indostão!...

As *Farpas* censuram a inefficacia da direcção economica. Como, esqueceis o Indostão domado?...

As *Farpas* accusam o enfraquecimento dos caracteres. E o Indostão, o soberbo Indostão domado, desgraçadas?...

As *Farpas* condemnam o procedimento tumultuoso da camara dos deputados. Que ousaes dizer, pois não domámos nós o Indostão?...

As *Farpas* revelam a decadencia litteraria. Que novo aggravo — pois nem a recordação do Indostão que domamos?...

O paiz pode e deve dizer, em verso:

«Zoilos tremei, que o Indostão foi meu!»

VI

Janeiro 1872.

O clero começa a reconhecer entre a egreja e a vida incompatibilidades inesperadas.

Ainda ha pouco Mgr. Dupanloup, bispo d'Orleans e antigo academico, pedia á academia a sua demissão por incompatibilidade com Littré, positivista e academico recente. Isto, bem entendido, obrigaria Mgr. Dupanloup (se nos não transvia uma erronea logica) a pedir a sua demissão de deputado á assembléa, porque onde está a *fé-dupanloup* não pode estar a *impiedade-littré*—e o positivista Littré é deputado á assembléa. Mas sendo Littré cidadão francez—deve Mgr. Dupanloup, pela logica da incompatibilidade, demittir-se de cidadão francez. Resta porém alguma cousa. Littré é homem, e o principio de Mgr. Dupanloup obriga-o desde já, se é consequente, a demittir-se da sua qualidade de homem. E não é tudo ainda. Littré é animal vertebrado, e portanto o logico e incompativel Mgr. Dupanloup

deve correr perante a auctoridade competente e demittir-se nobremente de animal vertebrado. Mais ainda! Littré é ser — (parte do universo etc.) e Mgr. Dupanloup, que é incompativel com tudo o que é Littré, segundo as suas palavras, deve trabalhar até conseguir — a sua demissão de sêr. E emfim demittido de academico, de deputado, de francez, de homem, de materia, e de ser — o que fica, d'este bispo de Orleans, sábio latinista e pamphletario illustre?

Em Portugal, agora, o clero descobre incompatibilidade entre a qualidade de *catholico* e a qualidade *maçâo.*

Ora, como sabem, hoje as associações maçonicas (que perderam ha muito a sua feição carbonaria, jacobina, etc.) são em Portugal associações publicas com os seguintes fins:

Eleições;

Soccorros mutuos:

Beneficencia;

Auxilio e protecção reciproca aos irmãos no paiz e no extrangeiro.

De sorte que, segundo a opinião recente do clero, um catholico — não pode tratar de eleições,

Nem soccorrer, proteger e auxiliar os seus amigos.

Em quanto a eleições, os srs. ecclesiasticos são os mais lesados em que haja incompatibilidade entre a qualidade de catholico e de agente de eleições, porque a carreira sacerdotal de ss. sr.as depende essencialmente da sua habilidade eleitoral: e ss. sr.as não fôram subtis apresentando a *caça ao voto* incompativel com a *devoção a Roma*. Querem os srs. parochos definitivamente abandonar a urna? Então ss. sr.as arriscam-se a crearem bolor nas suas pobres parochias de aldeia. Pretendem continuar a proteger candidatos? Em tal caso perdem a sua natureza catholica e não podem ganhar pelo altar.

Quererão ss. sr.as dizer-nos que não trabalham em eleições? É a sua missão mais clara e effectiva. Na ultima eleição, n'uma diocese proxima de Lisboa, a auctoridade ecclesiastica superior officiou aos parochos de todas as suas freguezias para que desenvolvessem o maior zêlo, influenciassem por todos os modos patentes e occultos na lucta politica. É por esta estrada de votos que se chega ás boas parochias.

Emquanto a *soccorros e protecção* — não nos parece que os srs. sacerdotes sejam muito mais habeis declarando que ser *catholico* é incompativel com ser *beneficente*. Devem lembrar-se que a Egreja vive de esmolas! que o Papa vive de esmolas! E essa theo-

ria nova leva a supprimir o dinheiro de S. Pedro, a congrua, todos os viveres ecclesiasticos.

Por outro lado se o sacerdote começa a esmiuçar á beira do leito de morte a vida do moribundo para achar n'ella incompatibilidades com o céo, podem dar-se casos terrivelmente burlescos. Porque se é um peccado irresgatavel o ter trabalhado em eleições (o que constitue uma das occupações da maçonaria) sel-o-ha egualmente ter pertencido a uma philarmonica — outro emprego fortuito da maçonaria. Em algumas terras do reino as sociedades maçonicas filiaes, — não tendo trabalhos, nem fins mais altos — reunem-se usualmente como bandas de musica! E assim chegaremos ainda a tempos amargos em que os jornaes publiquem esta retractação:

«Declaro que renego e me arrependo do facto culpado e terrivel de ter, em companhia criminosa, esquecido todos os deveres christãos, e sob a influencia do espirito máu — tocado o «Barba-Azul» no clarinete!»

Não se vê menos embaraçado o proprio governo, elle!

A egreja condemna a maçonaria; mas a maçonaria é hoje simplesmente uma sociedade constituida

para fazer eleições;—a egreja portanto condemna completamente o trafego eleitoral.

Tem pois o governo a escolher entre *fazer eleições*, o que lhe attrahe a reprovação da Egreja, ou contentar a Egreja, o que lhe traz a perda do poder! Porque ter depois de morto a gloria do céo, e em vivo a delicia de gosar como deputado o sr. Melicio—não pode ser!

Tem de escolher entre Melicio para a camara e o céo para a bemaventurança. Se, para ganhar o céo, repelle Melicio com pudico e mystico meneio—perde um formoso appoio: e se, para ter esse voto consideravel, acolhe Melicio com amoroso braço, rasgam-se-lhe sob os pés as fendas do abysmo theologico.

Tem de decidir— entre o céo e a maioria. Devoto, perde as eleições; eleitoral, perde o paraizo. Ou S. Pedro ou Melicio.

Melicio está-lhe de frente, com todas as appetitosas attracções da maçã prohibida, nas manhãs do paraizo. Se estende mão ávida para colher Melicio, Satan, o terrivel commissario civil do abysmo, deita-lhe a mão á gola do casaco: se se affasta, e deixa, sem o colher, Melicio baloiçando-se na ponta do ramo verde, perde um voto immenso. E emfim o céo é o céo, mas um Melicio é um Melicio. Que fazer? colher Melicio?—é o ranger de dentes. Deixar Melicio nas arvores para que os pardaes o

comam?—é a queda do poder. Porque aqui Melicio é mais que homem, aqui Melicio é pomo, o pomo d'onde depende o Bem e o Mal! (E não fallamos do sr. Melicio, intelligente e laborioso rapaz, que amamos: falamos do grande symbolo constitucional, d'Elle, de Melicio!)

Que fará o governo n'esta questão espinhosa? Renunciará ás eleições ou renunciará ao céo?

VII

Janeiro 1872.

Ha no relatorio da *Reforma de Administração*, um phrase de poderosa realidade.

«Sei — diz o sr. Sampaio — que muitos concelhos mortos para a administração vão resuscitar para a resistencia.»

É a verdade. Ha concelhos em que nem camara, nem administração, nem regedoria se manifestam mais do que em atravessar pomposamente a praça, no dia da procissão dos Passos, fazendo reluzir ao sol o oleo espesso do penteado. A villa está entregue aos accasos naturaes. Nenhumas obras; as viellas descalçam, os muros abatem, os enchurros empoçam. Nenhuma hygiene: a immundicie apodentra em socego, os máus cheiros fazem atmosphera, os porcos fossam ás portas, a praça é uma capoeira publica. Nenhuma policia; no mercado a desordem, na taberna o jôgo, nas esquinas os bebedos. A administração namora as moças, a regedoria barbeia

os freguezes. Não se cria nada, nem se conserva cousa alguma. O que ha serve tranquillamente para se estragar: desde eschola que vae perdendo os discipulos, até á cadeia que vae perdendo as grades. É uma villa que apodrece. Ha ahi o silencio dos sitios em que cresce o bolor. Um marchante que passa, uma egoa que trota, surprehendem: as creanças escancaram a bôcca, as auctoridades espreitam do canto. Ninguem é rico, ninguem é vivo. Dizem-se apenas meias palavras e aperta-se apenas meio botão. Não se vive inteiramente, como não se vestem inteiramente os casacos: a vida e os casacos — trazem-se ás costas.

Pois bem, um dia uma portaria diz: «Este concelho está extincto — e fica annexado a tal outro...»

Indignação! Clamor! «O que! quer o governo impedir que nós mesmos construamos as nossas estradas, dotemos as nossas escholas? quer amarrar a vontades alheias a fôrça dos nossos braços? É assim que recompensa o nosso zelo provado?... Nós que ha tanto tempo curamos desveladamente etc...»

Ora se, em attenção a estas reclamações anciosas, fôsse concedido a este concelho o continuar a administrar — elle continuaria a apodrecer.

Extranha inconsequencia provinciana! Escandalisar-se uma excellente villa — por a lei lhe tirar um

trabalho que ella espontaneamente já tirára de si! Arrufar-se por que a lei lhe estabelece como preceito—o que até ahi era n'ella desleixo! Amuar-se —por que a lei lhe legitima o erro! Reclamar—por que o que fôra o vicio da sua imbecilidade se torna a virtude da sua obediencia! Singular, singular!

VIII

Janeiro 1872.

Tinhamos já coordenado uma pagina, tendente a mostrar que a portaria que impunha ao sr. Alves Branco um silencio, tão anti-hygienico, sobre o hospital de S. José, era uma portaria que de longe se parecia com uma torpeza, mas que, vista de perto e mais á luz, positivamente se reconhecia que era um crime!

Os jornaes officiaes accodem porém a declarar que o sr. ministro assignou a portaria sem a ler! E exaltam a sua dedicação em acceitar a responsabilidade publica d'aquella distracção burocratica!

É realmente louvavel que o sr. ministro sustente, por dignidade, o que assignou por surpreza. Mas seria mais louvavel que castigasse a surpreza para desafrontar a dignidade! Porque o introduzir subrepticiamente, sob a penna ministerial que vae correndo, papeis obscenos, é uma acção cuja indole se parece singularmente com aquella outra tão conhe-

cida dos tribunaes—que consiste em metter subrepticiamente a mão na algibeira de um semelhante e prival-o dos seus valores. Roubar uma assignatura official para legalisar uma acção particular—não differe inteiramente de roubar uma bolsa alheia para saciar um vicio proprio.

Mas houve realmente distracção ministerial? Antes queremos acreditar que o sr. ministro ordenou que se redigisse uma portaria no sentido inteiramente justo de fazer uma inspecção ao hospital, e que os senhores empregados se *equivocaram* a ponto de a redigir—no sentido de prohibir toda a critica e exame do hospital. Tal se nos afigura este caso immundo.

No emtanto parece-nos que, se não der alguma attenção mais aos papeis escriptos que lhe passam sob a penna, o sr. ministro se arrisca a empallidecer de surpresa deante de todos os numeros do *Diario do Governo*. Estando as secretarias, como é notorio, povoadas de vates lyricos e outras especies sentimentaes não menos torpes, é possivel, oh Deus, que se leiam ainda estas linhas, para sempre infamantes:

«Pela presente portaria fica determinado:

«Que não fujam, não findem os dias
«Que eu ditoso prelibo a teu lado,

«Nunca sôe o momento fadado,
«Em que eu deva deixar-te e partir...

«Secretaria dos negocios do reino.— O ministro, Antonio Rodrigues Sampaio.»

Emquanto á portaria em si propria todo o seu castigo está n'este facto: declara-se *officialmente* que ella foi introduzida *enganosamente* á assignatura do ministro! O que as *Farpas* podessem considerar sobre esse documento—seria apenas a beliscadura debil de uma unha ironica. Aquella declaração é para ella a mordedura fumegante do ferro em braza.

IX

Janeiro 1872.

Não queremos privar os nossos amigos da historia de um concurso, scintillante de jovialidade, que estala de riso por todos os poros, espuma paradoxalmente de pilheria.

Havia um logar de cirurgião do banco no hospital de S. José. O concurso era documental. Dois medicos apparecem, concorrendo. Um, o sr. Boaventura Martins, apresenta como documentos os certificados de onze cadeiras do curso medico, tendo dez approvações plenas com louvor, e seis diplomas de premios. O outro concorrente não tem nos seus documentos nem louvor, nem premio; e tem apenas um R. A administração do hospital classificou o sr. Boaventura em primeiro logar, como lhe impunha a logica e a fôrça inatacavel dos documentos. O governo tambem o considerou digno d'essa classificação. Sómente succedia que o ministro não que-

ria despachar o sr. Boaventnra e anciava por despachar o cavalheiro do R. Mas (supremo embaraço!) os documentos, os louvores, os premios, tinham uma evidencia inilludivel. «Que fazer?» como se diz nas operas-comicas. O governo ruminou nas profundas do seu peito, e tirou d'elle esta sentença: «O sr. Boaventura não pode ser despachado por não ter sido recenseado.» Surpreza! Assombro!...

Eis o que succedêra:

A lei diz:—«Não pode exercer logar publico o individuo que não tenha sido recenseado...» Ora acontecêra que o sr. Boaventura não fôra recenseado em tempo competente por descuido da camara. Quando reconheceu esta omissão requereu precipitadamente á camara para ser incluido no recenseamento. A camara respondeu com bom senso que, tendo passado os 21 annos da lei, o sr. Boaventura não devia ser recenseado, e que seria inutil que o fôsse porque o contingente do seu anno estava plenamente preenchido.

O sr. Boaventura juntou aos seus papeis este attestado da camara. Pois foi justamente fundado n'elle que o governo o excluiu do logar! Não podendo negar-lhe a superioridade de classificação — negou-lhe a validade do concurso!

De sorte que, tacitamente, o governo confessa:

Que dez louvores e seis premios n'um curso ha-

bilitam, com superior razão o sr. Boaventura a exercer o logar de medico do banco do hospital; sómente que de nada lhe valem louvores e premios, porque a camara municipal se esqueceu de o recensear!

Debalde a camara exclama pela voz dos seus documentos: «Não, por causa de mim, não! esse cavalheiro requereu para ser recenseado! sómente é agora inutil que o seja porque o seu contingente está preenchido!

O governo insiste: —«Não! desde o momento em que a camara se esqueceu de o recensear, esse medico pode ser um habil carpinteiro, um fino miniaturista, mas é-lhe vedada a clinica!» E immediatamente se aproveita d'esta interdicção do sr. Boaventura para despachar um cavalheiro protegido e querido!

Portanto o que se collige é que o concurso não tinha esta interrogativa racional: —«qual é o melhor medico?» Tinha esta extranha interrogativa: —«qual é o mais bem recenseado?»

O mais bem recenseado seria o mais apto, segundo o governo, para curar, operar, tratar doentes.

Logo o recenseamento substitue o curso. Ora ninguem negará que qualquer soldado do 5 ou do 18 está mais bem recenseado, e prova melhor a efficacia do seu recenseamento, do que o sabio professor

Thomaz de Carvalho. Portanto quem, segundo a doutrina do governo, deveria reger a cadeira de anatomia, seria um soldado do 18 com a auctoridade da sua fardeta suja, e não o sr. Thomaz de Carvalho com a auctoridade do seu largo saber.

Tal é a historia jovial e immunda d'este concurso!

X

Janeiro 1872.

Agradecemos ao sr. ministro do reino a sua portaria, resolvendo o enterro dos impios nos cemiterios publicos. E—*agradecemos*—porque fôram as *Farpas* que se insurgiram contra os escrupulos e as resistencias dos srs. ecclesiasticos perante o cadaver dos *in*beatos e dos *in*devotos. A portaria estatue que haja no cemiterio publico, jazigo civil dos cidadãos mortos, um logar para os corpos d'aquelles que, ou por dissidencia de egreja como os protestantes, ou por differença de religião como os israelitas, ou por principios philosophicos como os racionalistas—sejam não-catholicos.

Fazer recolher ao cemiterio cadaveres que o clero quereria affastar para as estrumeiras é já um progresso de bom senso, uma acquisição para a dignidade civil, um lucro para a hygiene.

A camara municipal não vê almas, vê corpos. Ora depois da morte nem todas as almas se salvam, mas

o que sabemos de positivo é que todos os corpos apodrecem; e os cemiterios são a suppressão administrativa d'esta infecção fatal. Portanto cumpre á camara vigiar que o transeunte, o eleitor, o contribuinte não seja prejudicado pelos miasmas—nem do atheu nem do devoto. E a sua obrigação civil é enterrar a putrefacção—sem indagar quaes sejam as suas crenças religiosas ou as suas opiniões philosophicas. A Deus o que é de Deus, á camara o que é da camara. Deus escolherá e distinguirá as almas: a camara deve dar egualmente aos corpos atheus e aos corpos beatos uma cova hygienica. Isto é o legitimo bom senso.

A portaria no emtanto não é completa, porque, por uma concessão espiritualista, faz collocar n'um sitio separado, longe dos tumulos catholicos, o jazigo dos irreligiosos ou dos dessidentes. E não podendo a portaria referir-se nem aos protestantes nem aos israelitas que teem o seu cemiterio privativo —é decerto para os impios que reserva, a um canto, aquelle logar de desdem.

Mas quem decidirá que o cidadão morto foi um atheu? A auctoridade ecclesiastica? É entregar ao clero a policia do cemiterio, que é toda civil.—A auctoridade administrativa? É entregar ao Estado uma averiguação que é toda da philosophia.

A portaria teria evitado este embaraço decidindo

com uma simplicidade antiga que todo o cidadão morto será sepultado no cemiterio publico.

No emtanto, pelo progresso que estabelece, a portaria é excellente. Aos racionalistas não deve importar que o seu cadaver seja enterrado na parte do cemiterio onde só ha cruzes negras, ou n'aquella parte onde só ha arvores verdes. (Teem mesmo a perspectiva de gosarem n'este caso um fresco tecto de folhagens que o vento e os passaros encherão de dôces murmurios.)

E á hygiene, á policia, á dignidade civil, o que importa é que os corpos sejam enterrados nos cemiterios, e não atirados para os cantos dos quintaes — o que era uma degradação para o morto e uma infecção para o vivo!

XI

Janeiro 1872.

O sr. Luciano de Castro, chefe da opposição, fez no relatorio que precede o seu projecto de Reforma Administrativa uma exposição sombria da administração do paiz. Ahi confessa que acabou a fé politica e a dignidade politica; que não existem partidos com idéas, mas fracções com invejas; que o paiz está desorganisado e entregue ao abandôno; que cada reforma cáe successivamente com cada governo; que as leis são um apparato de eloquencia parlamentar e não uma efficacia de organisação civil... Emfim — que o paiz chegou á ultima decadencia administrativa.

Registemos esta preciosa declaração do chefe da opposição. Vamos guardal-a, como uma joia — em algodão.

O sr. Sampaio, ministro do reino, no relatorio do seu projecto de Reforma administrativa, declara

que a administração, como está, é uma confusão vergonhosa, uma desorganisação funesta, um abandôno mortal... Emfim—que o paiz chegou á ultima decadencia administrativa.

Registemos esta confissão sincera do sr. ministro do reino. Vamos guardal-a, como um bicho precioso—em espirito de vinho.

Resultado: o Ministro do Reino e o Chefe da opposição declaram officialmente o paiz n'um estado deploravel de administração.

Ora nem a reforma do sr. Luciano se effectuará, nem a reforma do sr. Sampaio se realisará.

De tal sorte, que resta? Que estamos n'um abominavel estado de administração,—segundo confessa o governo e segundo confessa a opposição: e que ficamos n'esse estado!

É risonho.

XII

Janeiro 1872.

Alguns jornaes accusam-nos, com toda a gravidade, de sermos violentamente hostis á realeza e á familia real: e obliquamente insinuam que estamos comprados pela demagogia para atacar a corôa.

Outros jornaes accusam-nos, com toda a severidade, de sermos benevolamente cortesãos com a realeza e a familia real: e perfidamente suggerem que estamos comprados pela corôa para vergastar a demagogia.

Fundam-se os primeiros em que fômos menos amoraveis com Sua Majestade a Rainha—revelando a historia indecorosa do mendigo prêso.

Fundam-se os segundos em que fômos vassallamente aduladores com Sua Majestade El-Rei—revelando que elle espalhava, no bairro da Ajuda, seis contos de reis de esmolas.

As pessoas imparciaes comprehendem de certo o nosso embaraço:

Por um lado quereriamos desde já atirar palavras pungentes á corôa, para efficazmente provar que não estamos comprados pelo seu ouro: — mas então patentemente se perceberia que o que nos inspira a prosa amarga são as bolsas de dinheiro com que nos cobre a pallida demagogia.

Por outro lado quereriamos desde já devotar periodos amorosos á corôa, para mostrar que não nos acorrenta a fôrça dos thesouros demagogicos —: mas então abertamente se veria que, se falamos com um som tão meigo, é sob a influencia dissolvente dos cofres da corôa! Livida collisão!

De tal sorte que resolvemos imprimir estas duas cartas, pedindo a rapida justificação da nossa integridade á Monarchia e á Revolução.

AO REI DE PORTUGAL

Senhor.—Alguns malevolos, nossos communs inimigos, espalham subtilmente que vossa majestade nos sacia de ouro, para que as *Farpas* conservem perante vossa majestade uma attitude curvada e risonha. Rogamos a vossa majestade se digne declarar se já deixou cahir na nossa mão estendida—o seu corruptor metal! Vossa majestade, com mal disfar-

çado despeito o dizemos, nem sequer é assignante das *Farpas!* Procedimento este que prova não ser inteiramente erroneo o que a historia conta dos crimes da realeza. Aproveitamos a occasião de lembrar a vossa majestade que são esses actos que tornam odiosos os tyrannos—e que, mais tarde ou mais cedo, erguem o desagradavel cadafalso de Carlos I. Um rei que não assigna as *Farpas* vae por um declive, ao fundo do qual tem de encontrar a chorosa vereda do exilio ou o gottejante corredor da masmorra. A recusa da *assignatura* merece a desforra da revolução! Cuidado! Em todo o caso, por hoje o que pedimos a vossa majestade é que declare, como é a intransigivel verdade, que nunca vossa majestade passou para a nossa mão uma parte dos seus valiosos thesouros.—*Humildes vassallos.*

Á HYDRA DA ANARCHIA

Tendo alguns jornaes dado a entender que nós attacavamos a realeza porque estavamos para isso pagos pela Hydra da anarchia—pedimos ao dicto bicho declare publicamente a falsidade d'esta asserção immunda.

Acceite, sr.ª Hydra, os protestos da maior consideração—*Os redactores das Farpas.*

XIII

Janeiro 1872.

Os grandes factos politicos do mez fôram as *reformas da Carta* (plural melancholico!):

A reforma da instrucção publica:

A reforma da administração:

A reforma das comarcas...

Estas formidaveis iniciativas parece que deviam ser acompanhadas pelas *Farpas* com commentarios condignos.

Mas, para que? Todas estas immensas reformas, lançadas triumphantemente a grande ruido de tambor e rethorica, durarão, como a rosa de Malherbes — o espaço de uma manhã! Que necessidade ha pois de encaixilhar na nossa critica uma folha que vae seccar? Para que entremear de notas o fumo ephemero de um cachimbo? para que erguer pedestal á estatua de neve que em breve se derreterá?

Reforma da administração, reforma da instrucção, reforma da Carta, reforma da judicatura! Parece

que é toda uma regeneração do paiz! Pois são apenas folhas de papel que palpitam um momento ao vento da contradicção, e que d'aqui a pouco cahirão miseravelmente e para sempre a um canto escuro das repartições. Uma luva côr de palha serve para entrar n'um baile, apertar finas cintas na valsa, anediar o bigode ovante — e eis que ao outro dia vae no cisco, enodoada e perdida, ser o lixo da esquina! Assim as reformas politicas servem um ou dois mezes para um ministerio fingir que administra, illudir a nação ingenua, imitar a iniciativa fecunda dos reformadores «lá de fora», apparentar zêlo pelo bem da patria, justificar a sua permanencia no «poder», fornecer alimento á oratoria constitucional: e depois tendo feito o seu serviço, eis que as reformas vão, como todos os papeis velhos e inuteis, ser desfeitos e enrodilhados sob as vassouras justiceiras dos srs. varredores publicos!

As reformas dos srs. ministros são como as fardas dos srs. ministros. As fardas servem para ir ao paço, ás galas, ao beija-mão. São o distinctivo official e bordado dos que governam. Emquanto se tem correio, são escovadas, lavadas com chá, enrodilhadas em papel de seda, estendidas em lençoes de linho, cercadas da attenção zelosa da creada e do pasmo do aguadeiro. Quando o sr. ministro é despedido, a farda é vendida, reduzida a jaqueta de

toureiro para se aproveitarem os bordados, dependurada no prego miseravel de uma loja de adello; e depois de ter chegado ás costas suadas d'um mascara do Casino ou de um comparsa do Salitre, perde-se emfim e amarfanhada na dispersão melancholica dos trapos inuteis! Assim as reformas. Com ellas o ministro governa, illude, caracolla sobre a eloquencia de aluguer, e despacha: e no fim, quando s. ex.ª é empurrado de novo para a vida particular, as pobres reformas, com que elle tanto se empertigou e tanto se assoalhou, vão, esquecidas e inuteis, jazer na confusão amarellada dos archivos estereis! As reformas em Portugal são um adorno externo do ministerio - como o correio, e os bordados da gola!

Todo o ministerio que entra — deita reforma e *coupé*. O ministro cáe — o *coupé* recolhe á cocheira e a reforma á gaveta.

Senão vejam:

Reformas Fontes: inuteis.

Reformas Reformistas: inuteis.

Reformas Braamcamp: inuteis.

Reformas Saldanha: inuteis.

Reformas Avila: inuteis.

Reformas Bispo: inuteis.

Reformas Regeneradoras: inuteis.

Cada ministro tem o dever tradicional de apresentar, como uma justificação da sua nomeação —

uma reforma. Os jornaes falam d'ella um momento, a opposição arranja representações na provincia contra ella, as commissões mettem os pés nos capachos e discursam sobre ella... Mas o ministerio, por uma intriga, por uma *bambocha*, ou por um enredo, cáe: e a reforma segue-o na sua sahida e logo se some como um sulco atraz da quilha!

Quantas reformas de administração, de instrucção, de finanças, não tem o paiz visto apparecerem no horisonte parlamentar, como sombras que vão chegar á vida, e logo esvairem-se sem terem provado da vida mais que a doçura d'um *reclame* nas gazetas subsidiadas!

Tem havido, nos ultimos tres annos, seis reformas de administração — todas irrealisadas, todas mortas ainda de mama! — E depois d'estas seis tentativas de reformas o ministro do reino actual confessa que a administração é um cahos vergonhoso — e o chefe da opposição actual brada que a administração é um vergonhoso cahos!

Haveria um livro a fazer, intitulado: *Da physiologia das reformas em Portugal.* Ha pelo menos esta definição a dar: — A reforma é uma formalidade que tem a preencher perante o paiz todo o ministro — menos essencial que o coupé de aluguer, mais necessaria que a farda de emprestimo!

Pedimos portanto, urgentemente, que o ministerio seja dispensado d'essa formalidade!

Que elle tenha coupé de aluguer — bem! Pede-o a civilisação, a honra do paiz, o commodidade dos seus callos officiaes, e os srs. correios que querem trotar!

Que elle tenha farda — melhor! Pede-o a Carta, a côrte, e a necessidade de evitar que ss. ex.as se apresentem a el-rei de quinzena e gabão.

Mas para que se ha de exigir a um portuguez, ainda que ministro, que reforme? Quem lucra com isso? Elle não — que não pode alugar essa formalidade na companhia lisbonense de carruagens, nem pedil a emprestada ao adelo da esquina. O paiz tambem não — como sabem.

Para que se ha de exigir pois esse trabalho de intelligencia, esse esforço de saber, a um pobre e debil lusitano?

Não, não, não! Que os srs. ministros, em nome da dignidade publica, sejam eximidos a essa formalidade ridicula, anachronica, caturra — de reformar a patria.

Antes se tome este alvitre:

Nas suas carruagens de aluguer os srs. ministros trazem apenas na almofada o cocheiro. Pois em vez de se lhe exigir uma reforma mais sobre qualquer

instituição — exija-se-lhe um creado mais sobre a almofada.

Nas insignias ministeriaes, nos symbolos do poder seja a reforma do paiz substituida — pelo apparato do trintanario! E o desgraçado Portugal lucrará!

XIV

Fevereiro 1872.

Um instante de attenção! O Imperador do Brazil, quando esteve entre nós (e mesmo fora de nós), era alternadamente e contradictoriamente — *Pedro d'Alcantara* e *D. Pedro II.*

Logo que as recepções, os hymnos, os banquetes se produziam para glorificar *D. Pedro II* — elle apressava-se a declarar que era apenas *Pedro d'Alcantara*. Quando os horarios dos caminhos de ferro, os regulamentos de bibliothecas, ou a familiaridade dos cidadãos o pretendiam tratar como *Pedro d'Alcantara* — elle passava a mostrar que era *D. Pedro II.*

De tal sorte que se dizemos que se hospedou entre nós *Pedro d'Alcantara* erramos — porque elle asseverou que era *D. Pedro II.* Se nos lisongeamos por ter hospedado *D. Pedro II* desacertamos — porque elle affirmou ser *Pedro d'Alcantara.*

Que farão os historiadores futuros? Dirão que via

jou em Portugal *D. Pedro II?* Mas se elle o negou! Contarão que Portugal foi viajado por *Pedro d'Alcantara?* Mas se elle o contradisse!

Qual é o nome d'esse homem veneravel que passou? A historia não tem nome a dar-lhe!

É por isso indispensavel, para segurança das chronicas, que se lhe imponha um nome que não recordando especialmente *Pedro d'Alcantara* nem *D. Pedro II* — seja bastante generico para os abranger ambos; e que ao mesmo tempo seja sufficientemente serio para se poder dar a um principe, se elle o fôsse! e sufficientemente simples para se poder dar a um plebeu, se elle o era!

Proporemos portanto aos presentes e aos futuros que Elle — que não pode ser chamado *Pedro d'Alcantara* por que o recusou, nem *D. Pedro II* porque o vedou — seja simplesmente chamado PST!

XV

Fevereiro 1872.

Falemos da malla d'este principe illustre! Todos a conhecem. Ella deixa na Europa uma lenda soberba. Durante mezes, viu-o o Velho Mundo absorto sulcar os mares, atravessar as capitaes, medir os monumentos, costear os montes, visitar os Reis, ensinar os sabios,—com a sua malla na mão! É uma malla pequena, de coiro escura, com duas azas que se unem. É por alli que elle a segura. Na outra mão trazia ás vezes o guarda-sol, debaixo do braço entalava a espaços um embrulho de papel. Muitas vezes depoz o guarda-sol, outras alheou de si o embrulho;—a mala nunca! Paris, Londres, Berlim, Vienna, Florença, Roma, Madrid, o Cairo, —conhecem-n'a. Ella ficou popular na Europa — como o pequeno chapéo de Napoleão o Grande, ou a grande cobardia de Napoleão o Pequeno! Mesmo a celebridade da malla encobre um pouco a gloria do principe. Como disse o bom Beranger da bata-

lha d'Austerlitz — «muito tempo se falará d'ella sob os lustres dos palacios e sob o tecto das cabanas.» D'elle — menos!

Confusas opiniões se erguem em tôrno d'essa malla fechada. Que continha ella? — Uns querem que ella tivesse no seu seio os thesouros imperiaes: outros affirmam que ella encerrava os imperiaes manuscriptos. Alguns, mais profundos, sustentam que dentro havia piugas: outros, mais discretos, affiançam que dentro não havia nada!

Tal se nos afigura a verdade — a malla não guardava nada!

A malla era uma insignia — a insignia do seu incognito. S. M. trazia em wagon a malla, pela mesma razão que usa no throno o sceptro. Como a corôa é o signal da sua realeza no Brazil, a malla era o signal da sua democracia na Europa. A malla formava o seu sceptro de viagem — como o perpetuo chapéo baixo constitue a sua corôa de caminho de ferro. Se S. M. trouxesse as mãos vazias, isso indicaria apenas que Sua Majestade não trouxera o sceptro porque o incommodava para dormir no beliche do paquete: mas não daria a ninguem o direito de affirmar que elle não era o Principe, o Imperante! Com a malla não! A malla significa que não só

não tem na mão o sceptro, mas traz na mão a bagagem; que não só deixou a realeza no Brazil, mas tomou a sem cerimonia na Europa! A malla é a taboleta do seu incognito! A malla diz:—«apertem-me a mão, tratem-me por Pedro, e não me toquem o hymno!» A Europa olhava-lhe para as mãos via-lhe a mala, e dizia logo:—«Ó aquelle, que tal te dás por cá? O Senhor Pedro trazia a malla para que o não confundissem com Sua Majestade. Aquillo significava:—«reparem que não sou Elle.» Á entrada das cidades, approximavam-se d'este Principe illustre os cortejos officiaes; mas Sua Majestade mostrava a malla—e immediatamente as auctoridades desabotoavam os coletes! Os camaristas dos outros reis iam beijar-lhe a mão; Mas Sua Majestade descobria a malla—e os cortesãos davam-lhe logo, alegremente, palmadas dôces no ventre.

Se Sua Majestade percebesse que uma só malla não bastava para mostrar o seu desejo de sem-cerimonia, Sua Majestade era homem para tomar—duas mallas! Se a etiqueta insistisse, Sua Majestade deitaria ao hombro—um bahú! Em Portugal, como receasse recepções apparatosas á entrada—Sua Majestade accrescentou á sua malla um guarda-sol, e ao seu guarda-sol um embrulho! Foi assim que o viram descer do wagon os povos perplexos! E se não tivesse havido a precaução de retirar

apressadamente todo o cerimonial sabe-se que Sua Majestade estava disposto a mostrar — as suas chinellas de moiro! Mas as auctoridades, em toda a parte, mal viam Sua Majestade começar a demonstrar, por meio de objectos familiares, que não era o principe — apressavam-se a recolher toda a gala, receosos que Sua Majestade levasse a sua demonstração até ao excesso de despir as calças.

Foi graças a estas precauções que Sua Majestade conseguiu atravessar a Europa — disfarçado na sua malla. Por isso ella vinha vasia. Sua Majestade não a usava como bagagem — punha-a como disfarce. Sua Majestade trazia a malla — como outros trazem um nariz postiço.

No emtanto — disfarce ou bagagem — a malla é profundamente sympathica. Dá a esta côrte em viagem uma nota nobre de simplicidade e de sinceridade Uma malla pequena não pode chegar para tudo: tapa por um lado o Imperador do Brazil — descobre por outro o homem de bem.

XVI

Fevereiro 1872.

Sua Majestade Imperial passa, com justiça, por um dos homens mais sobrios do seu vasto imperio. Sopa, carne cosida, legumes, agua e um palito, tal é o chorume dos jantares da côrte nos paços da Tijuca.

É verdade que os jornaes parisienses contaram que no banquete que o sr. Adolpho Thiers, (presidente certo de uma republica incerta) deu ao Imperador do Brazil,—Sua Majestade a cada momento cortava a conversação litteraria e sceptica que faiscava em redor da mesa, para gritar com a sua imperial bôcca cheia: «que precioso peixe! que sublime galinhola!»

No emtanto, esta circumstancia de estupefacta gula, narrada com ironia pelos jornaes de Paris — não offerece autenticidade: é um *réclamo,* uma adulação politica á cozinha do dicto Adolpho! As gazetas republicanas como não encontram nada a exal-

tar nas idéas politicas de Adolpho — querem ao menos glorificar-lhe as iniciativas culinarias. E já que não podem dizer: «que organisação elle dá á França!» gritam: «que jantares elle dá aos Reis!» A verdade incontestavel é que Sua Majestade o Imperador é um sobrio.

Ha porém um só petisco ácêrca do qual Sua Majestade revela uma gula excepcional. Sua Majestade desdenha demagogicamente, desde a truffa até ao Johanisberg, todos os delicados mimos da fornalha ou da adega. Uma só cousa n'este planeta lhe aguça a lingua. Para uma só cousa tem uma soffreguidão incansavel e sorvedoura: — para o idioma hebraico!

Sua Majestade é um goloso de hebraico. No hebraico — rapa os pratos e lambe os dedos. E, por uma inexplicavel imprevidencia, Sua Majestade não traz comsigo nem um homem de raça hebrea, nem sequer um christão hebraisante, nem mesmo um professor de hebraico! De tal sorte que nos longos dias preguiçosos de paquete, nas horas fastidiosas de wagon — Sua Majestade passa crueis privações de hebraico. Por isso chega sempre esfaimado de hebraico: e mal entra as portas festivas dos hoteis, ainda com a malla na mão, rompe logo a pedir nos corredores, com ganidos de gula, quasi com assomos de colera,—o seu hebraico!

Quando Sua Majestade imperial chegou a Londres, o principe de Galles enviou-lhe um dos seus ajudantes de campo—um d'aquelles bellos capitães d'*Horse-gards,* que põem á noite um jasmim do Cabo na jaqueta escarlate e ouro. Este dandy marcial perguntou a Sua Majestade o que desejava, n'aquelle momento em que punha o seu pé d'além mar nas plagas verdes d'Albion. Esperavam todos que Sua Majestade pedisse chá—ou um banho.

Sua Majestade respondeu ávidamente:—«hebraico!»

Os officiaes olharam-se consternados. E o Imperador, com os labios seccos, as mãos nervosas, o appetite enristado, repetia famintamente:—«hebraico! só hebraico!» Então, por um rasgo genial, os ajudantes do principe de Galles levaram, a toda a brida fogosa de um *landau,* o Imperador do Brazil —á Synagoga! Sua Majestade precipitou-se entre os hebreus. Os sabios *rabbis*, que são doutores da lei, cercaram o homem augusto, e, vorazmente, a grandes boccados, com guinchos de goso, o Imperador do Brazil, consumiu incalculaveis porções de hebraico. Depois de se fartar, olhou em redor—e pediu mais!

Certos donos de hoteis, em cidades da Europa, ficavam apavorados e confusos quando Sua Majestade assomava aos limiares das portas, pedindo he-

braico a fortes brados. Alguns arriscavam timidamente:

— Se Vossa Majestade quizesse antes um caldo...

— Hebraico!...

— Se Vossa Majestade quizesse antes um monumento...

— Hebraico!

Foi assim em Lisboa, no Lazareto. Sua Majestade, já ao descer as escadas do paquete, vinha resmungando: «salta o meu hebraicosinho!» E d'ahi a minutos expedia gritos famintos. Que consternação! Tudo estava preparado: a *canja*, a *orelheira*, a *brôa*, o *capilé*, o *caldo d'unto*, todos os artificios do genio portuguez. Mas ninguem se lembrára do hebraico! E Sua Majestade estrebuchava!

Partiram então exploradores em todas as direcções — e por fim voltaram trazendo, estonteado e surprehendido, o sr. Salomão Saragga, que lê e fala o hebraico.

Sua Majestade esperava anciosamente, debruçado na janella. Não houve cumprimentos, nem se poz toalha. Serviram-lhe o sr. Saragga, assim mesmo, — crú! Sua Majestade deixou-lhe uns restos!

XVII

Fevereiro 1872.

A Universidade e os seus doutores teem espalhado apreciações rancorosas sobre a maneira como Sua Majestade o Imperador se apresentou na sala dos capellos, n'um dia de doutoramento e de cerimonia. Dizem que Sua Majestade, trajando jaquetão de viagem, com um chapéo desabado e um sacco a tiracolo, se veiu sentar nos bancos severos da antiga sala adamascada—com a mesma familiaridade com que se sentaria na almofada da diligencia dos Arcos de Val de Vez. E a Universidade quiz vêr no jaquetão de Sua Majestade e no seu chapéo braguez a mesma significação desattenciosa que o Parlamento de Paris viu, em outras eras, nas altas botas moles e no chicote de estalo do defuncto Luiz XIV.

Não nos parece justificavel o despeito da Universidade.

É verdade que um principe pode deixar de se comportar com a pompa de um rei — sem que por isso passe a comportar-se com a maltrapice de um varredor. Entre o manto de arminhos e a rabona — ha gradações. Um rei por não ir ao passeio com o seu sceptro de ouro — não se segue que vá com as suas chinellas de ourello: e por não receber as auctoridades revestido do seu uniforme — não é honesto que as receba vestido apenas com a sua pelle. Mas tembem não nos parece que uma quinzena e um chapéo desabado seja *toilette* que escandalise a douta Universidade!

É necessario que os srs. doutores saibam que a *toilette* só é realmente exigida — quando a *toilette* é um fim. N'um baile, n'uma *soirée*, n'uma gala, na Opera — a gravata branca, a luva côr de perola, a gardenia ou a gra-cruz são essenciaes, porque estas festas constituem unicamente uma reunião de elementos elegantes, entre decorações elegantes, para um fim elegante. Tudo ahi deve convergir para a harmonia geral — desde as *toilettes* até ás flôres. Trata-se d'um fino prazer dos sentidos — e a *toilette*, com o seu brilho exterior, é requerida para o tornar completo e perfeito.

Mas quando se trata apenas de doutorar o sr. Fulano, bacharel — não nos parece que tenham cabimento as exigencias de elegancia. Se a veneranda

cerimonia do capello é uma festa que reclama os requintes de *toilette* — onde estão as rosas, os gelados, as joias nos collos núS, o rumor dos *flirts*, as caudas de seda ondeando na valsa? Se o capello é um sarau galante, porque é que o sr. dr. Brito, de direito, nos priva do maravilhoso contorno do seu seio, trazendo batina — afogada? Por que não vemos os srs. lentes jubilados moverem os leques com a mão calçada em luva de 16 botões? E por que é que o sr. Forjaz não dirige os arrebatamentos do cotillon? Ah, quereis *toilette?* Valsae! — Quereis gravatas brancas? — Offerecei gelados! — Quereis luvas côr de palha? — Amae, venerandos doutores!

Mas para aturar uma enfiada de carões sorumbaticos e de batinas caturras, immoveis n'um estrado; para ouvir uma charanga torpe dilacerando a grandes golpes de figle um minuete da sr.ª D. Maria I; para admirar quatro archeiros sebaceos perfilados entre ramos de louro murcho — quereis vós que a gente ponha gravata branca e um jasmim do Cabo na lapella? Pois não vemos ahi os srs. de Theologia, antigos egressos espapados de gordura, com as suas velhas lobas ennodoadas? Não vemos os srs. de Direito, antigos commentadores do Pegas, com os seus sapatos achinellados? — Quando foi que a Universidade teve jámais a curiosidade e o respeito da *toilette?* Ella que ainda ha pouco levava ao carcere os

estudantes que usavam collarinho! Ella que reprovava os estudandes que entravam nas aulas com luvas! Ella que prohibia em Coimbra os estabelecimentos de banhos! Ella que, destinada a bacharelar as novas gerações, conseguia sobretudo — sujal-as! E abespinha-se por que Elle foi vêr um capello, elle viajante, elle Pedro, elle espectador, elle turba multa — de jaqueta e chapéo braguez! E onde então? Na sala dos capellos — que é a Egreja onde se professa para doutor, onde se troca a graça mundana pela semsaboria cathedratica, onde o sujeito deixa de ser um homem para ser um lente, onde faz o voto de melancholia e de carranca perpetua, e onde se subtitue a alma por um compendio. E é n'este logar funerario que os srs. doutores emergem da somnolencia sepulchral para murmurarem (talvez em latim!) — *olha aquelle de jaquetão!* A Universidade dando se ares de saber que existe o alfaiate Poole! Irrisoria vaidade conimbricense?

É celebre! Vimos sempre a Universidade, quando se tratava de pôr gravata branca — desculpar-se com as suas preoccupações scientificas. E, agora que se tratava d'uma consagração doutoural, a Universidade revolta-se por que um dos assistentes não está de gravata branca!

Pois que! Recebe a Universidade um sabio, e em

logar de se perder com elle nos retiros difficeis das mais sérias questões do saber—recua, e exclama com uma exigencia mundana de cocotte: *para traz! que horror! vós não estaes de casaca!* E não comprehende o que havia de intencional, de amavel, na *toilette* de Pedro! Elle quiz-se apresentar entre sabios, na rabona de sabio! Elle não quiz humilhar nenhum sr. doutor—pelo aceio da sua roupa branca! Vestiu-se com o rigor scientifico. Antes de sahir para o capello, em logar de molhar os dedos n'um frasco de agua de colonia (sabe-se isto!) ensopou as mãos n'um tinteiro! Elle seguiu a velha tradicção universitaria—que o rasgão é uma gloria e a tomba na bota uma respeitabilidade! E, se a Universidade tivesse logica, devia escandalisar-se e corar—não por elle se ter abstido da gravata, mas por ousar entrar n'aquelle recinto classico da porcaria com tão poucas nodoas no fato!

91

XVIII

Fevereiro 1872.

Deu-se um facto equivoco no sarau do Paço, offerecido ao Imperador:—e foi que, segundo as mais veridicas informações, numerosos srs. ecclesiasticos assistiram ao concerto do Paço.

Ora o concerto não era uma recepção official dos corpos do Estado—mas uma festa!

Uma festa com luzes, aromas, orchestras, mulheres decotadas, flôres e dansas. Perguntamos se os srs. ecclesiasticos com os seus votos podem participar d'estes gosos mundanos.

Ou conhecemos muito pouco a essencia do catholicismo—ou não nos parece que os srs. ecclesiasticos possam estar legitimamente e segundo a lei da Egreja n'um logar onde um homem toma nos braços uma mulher, e a arrebata através da sala, roçando-lhe as pontas dos bigodes no calor do collo nú.

Da tradicção dos Padres e dos Santos não consta

que as piedosas e mysticas figuras d'esses Homens do Espirito fôssem vistas jámais por entre o rumor languido dos violoncellos e o palpitar amoroso dos leques... De S. Bernardo sabemos que vivia em Clairvaux para fugir á riqueza de Cister, e ahi, sob um alpendre de folhagem, comendo pão duro e bebendo no fio dos regatos, preparava-se para Deus: se se correspondia com o rei de Inglaterra e com o imperador da Allemanha era em dez linhas apressadas: mas era em dez paginas que escrevia a pobres monges afflictos de alma para os encher da Graça. De S. Domingos sabemos que, descalço e esfarrapado, na santa ferocidade da sua fé, prégava e impellia uma cruzada contra os hereges do Languedoc: que vendia os seus livros para comprar lenha aos mendigos: e que um dia para soccorrer uma mulher pobre, como já não tinha dinheiro—se quiz vender a si como escravo. Do poetico S. Francisco de Assis sabemos que renegou as suas riquezas, viveu muito tempo n'um buraco, e partiu a peregrinar as terras, beijando as arvores dos caminhos, fallando aos passaros que lhe voavam em roda—e espalhando sobre todos os seres, flôres, rochas, feras, o amor divino que o enchia! Está assim a lenda dos santos cheia de renunciamentos mysticos e d'uma intratavel hostilidade aos regalos. E de nenhum se conta—que fôsse espairecer do serviço de Deus

para um buffete resplandecente de baixellas, entre champagne e perdizes truffadas.

A theologia nos ensina, que nunca o sacerdote deve arredar um só momento o seu espirito da contemplação de Deus e da meditação da Graça. Ora não é natural que ss. ss.as estivessem possuidos d'estas preoccupações espirituaes no galante sarau d'El-Rei.

Que tinheis em tôrno de vós, srs. ecclesiasticos? Os molles sofás que inclinam ás preguiças romanticas; os aromas perturbadores de pó d'arroz e de *femina*; as caudas de seda ondulantes e languidas; os cabellos lustrosos, constellados de joias: os pescoços brancos d'um pollido de marmore... Entre estas seducções sataniferas que pensavam vv. ss.as, srs. ecclesiasticos?

Mais longe no buffete estava a truffa e o Champagne... Um sarau dá sede. Como a saciasteis, srs. sacerdotes?

A nós outros, homens peccadores e perdidos, não causa já grandes estremecimentos a presença da belleza mortal: estamos acostumados, pela educação, ás glorias do decote. Tambem nos não perturba o demonio côr de opala que faisca no Champagne, Conhecemos Satanaz em todas as edições. Para nós um collo decotado não é a mysteriosa fatalidade do mal—é o pescoço da sr.a fulana, casada com o con-

selheiro sicrano: e o Champagne, sobretudo o do Paço, é uma triaga feita com agua-pé de Bucellas. Mas para vv. ss.as, educados no isolamento e no regimen do seminario, amarrados pelos votos tyrannicos, emergidos da frieza da sachristia, fatigados do do breviario... Ah para vv. ss.as!

E, srs. ecclesiasticos, os tempos vão de molde que o povo já se affasta dos simples virtuosos — reclama santos! Ora os santos não se suppõem entre o frou-frou dos setins e o suspirar das rebecas. Ninguem crê que uma rosa saia intacta de um forno, e um sr. ecclesiastico puro de um baile. E um povo que não crê na pureza dos seus padres — termina por se esquecer dos martyrios do seu Deus!

A verdade — aqui entre nós — é que vv. ss.as podem ao subir para as festas dar ao creado os seus paletots a guardar; mas não lhe podem dar a guardar — os seus votos. Ora votos por mais fortes que sejam, se os passearem entre hombros nús, se os fizerem encostar ao buffete sobre os aromas do *Madeira*, se os deixarem scismar aos compassos de Strauss, terminam sempre por lhes acontecer o que acontece ás casas commerciaes que abusam das festas — quebrar!

Se porém succedeu que vv. ss.as fôram ao concer-

to por que Sua Majestade Imperial, assim como quiz lá vêr os folhetinistas, desejou vêr lá os sacerdotes — então lamentemos todos o singular temperamento d'este principe que vae para o vagar dos saraus passar revista ás profissões! Apressado, curioso, espicaçado pelo tempo escasso, este Imperante pretendia ter nas salas do Paço o indice dos nossos costumes e Portugal em resumo? Sendo assim ainda bem que esse principe, assim como exigiu que na salla do concerto estivessem as profissões — não pretendeu que lá se achassem tambem os estabelecimentos! Ainda bem que, para poupar passadas elle não reclamou que além dos folhetinistas e dos sacerdotes comparecessem tambem no sarau — as typographias e as egrejas! — Que embaraço para El-Rei nosso Senhor!

XIX

Fevereiro 1872.

Sua Majestade Imperial visitou o sr. Alexandre Herculano. O facto em si é inteiramente incontestavel. Todos sobre elle estão accordes, e a Historia tranquilla.

No que porém as opiniões radicalmente divergem — é ácêrca do logar em que se realisou a visita do Imperador brazileiro ao historiador portuguez.

O *Diario de Noticias* diz que o Imperador foi á *mansão* do sr. Herculano.

O *Diario Popular*, ao contrario, affirma que o Imperador foi ao *retiro* do homem eminente que...

O sr. Silva Tullio, porém, declara que o Imperador foi ao *Tugurio* de Herculano; (ainda que linhas depois se contradiz, confessando que o Imperador esteve realmente na *Thebaida* do illustre historiador que...)

Uma correspondencia para um jornal do Porto affiança que o Imperador foi ao *aprisco* do grande etc.

Outra vem todavia que sustenta que o Imperador foi ao *abrigo* d'esse que...

Alguns jornaes de Lisboa, por seu turno, ensinam que Sua Majestade foi ao *albergue* d'aquelle que...

Outros comtudo sustentam que Sua Majestade foi á *solidão* do eminente vulto que...

E um ultimo mantém que o imperante foi ao *exilio* do venerando cidadão que...

Ora, no meio d'isto, uma cousa terrival se nos affigura: é que Sua Majestade se esqueceu de ir simplesmente a *casa* do sr. Alexandre Herculano!

XX

Fevereiro 1872.

CARTA A S. M. O IMPERADOR DO BRAZIL.—Ousamos dirigir-nos a Vossa Majestade Imperial, por um motivo de indeclinavel justiça. Veiu Vossa Majestade a estes reinos, e apesar de termos a obrigação de acreditar (segundo as ordens de Vossa Majestade) que não era Vossa Majestade que estava entre nós, succedeu que alguns imprudentes, em risco de cahir no imperial desagrado, ousaram affirmar por factos publicos que Vossa Majestade era Vossa Majestade! Egualmente aconteceu que, se por um lado Vossa Majestade negava ser o Imperador do Brazil, dava bastantemente a entender, por outro, que não err inteiramente nem o defuncto Pilatos, nem o actual varredor da travessa das Gaveas. Emfim alguns indiscretos vendo um homem alto, forte, encanecido, venerando, academico, irmão dos terceiros da Lapa e com uma mala na mão—não esperaram mais, e no seu impulso febril e ávido de glorificar o

Imperador do Brazil festejaram Vossa Majestade. Deliberaram então estes sujeitos accender em honra d'aquelle que Vossa Majestade diz não ser, uma illuminação no Rocio ao pé da estatua do Pae de Vossa Majestade — a quem nós, por abreviatura, n'este paiz apressado e preguiçoso, chamamos familiarmente «o Dador!» Estes individuos ergueram dois obeliscos de madeira e envolveram-n'os de tubos de gaz: o gaz não ardeu. Mas Vossa Majestade não era Vossa Majestade: — e a illuminação pelo mesmo motivo não foi a illuminação, querendo tambem passar *incognita*. No emtanto, se a illuminação se recusou obstinadamente a resplandecer, ficou inteira e pura a intenção dos illuminantes. Elles não tinham lumes em seus obeliscos — mas sua alma estava cheia de lamparinas.

Ora fazendo estas illuminações (secretas), elles tinham, Imperial Senhor, um fim supremo, e dôcemente esperado. Elles, Senhor, são todos homens de bem e de boas familias, manejam regularmente as quatro especies, não comem com a mão, e usam boa roupa branca; — mas são acanhados. São acanhados como araras. Deram amplamente o seu dinheiro, mas não dão facilmente o seu segredo. Tremem, recuam. Nós, por isso, compadecidos e generosos, tornamo-nos o verbo d'estes silenciosos!

Senhor! Eil-os, esses homens prestantes!

Aqui os tem Vossa Majestade a seus pés. Vossa Majestade pode verificar que estão todos bem barbeados. Elles pedem, Senhor, uma cousa bem insignificante. Não é que Vossa Majestade os visite a Valle de Lobos. Nem que Vossa Majestade lhes pergunte pela familia, como áquelle de quem falam os telegrammas de Santarem. Nem que Vossa Majestade lhes faça a elles a honra que fez á orelheira de porco — proval-os. Nem que Vossa Majestade lhes compre os mimos de Pomona, que a plebe ignorante chama maçãs. Não! Estes cavalheiros, pedem simplesmente que Vossa Majestade os condecore com a commenda da Rosa! Ora ahi está!

Ah Imperial Senhor! é que elles fôram incançaveis! Vigiavam alta noite os trabalhos dos obeliscos! Reanimavam com falas exaltadas o cançasso dos operarios! Chegaram a estar de cocoras, revolvendo a terra! Quando a illuminação não ardeu, elles sopraram com desvairada furia pelos canos! Alguns ficaram calvos! E se não puzeram mais illuminações é que, como Vossa Majestade comprehende, — a cidade não podia ficar inteiramente ás escuras!

Ousamos dizel-o. Vossa Majestade deve lhes a commenda! Elles não ergueram os dois obeliscos para regalar os principes nem para allumiar a plebe. Para isso accendiam phosphoros! foi no interesse

superior das suas casacas pretas! Senhor, foi para a commenda. E gastaram o seu rico dinheiro! gastaram contos de réis, Imperial Senhor!

Vossa Majestade é generoso, claro em sabedoria, inexgotavel d'alma! Esperamos com os joelhos no chão, aos pés do Imperador...

Mas Vossa Majestade sorri! uma benevolencia radiosa sobe ao seu rosto! Já o *sim* desejado lhe baila nos labios!... Oh obrigado, senhor! A generosidade d'esta graça será recordada nas glorificações da historia! (E vós maganões da Commissão dos Festejos — esfregae as manapulas. Abichasteis a commenda!)

Nós, Senhor, penhorados até á profundidade da nossa essencia — aqui ficamos n'estes paizes, para o seu serviço bem amado, ou como historiadores dos seus feitos ou como fornecedores de mais orelheira de porco. — Deus tenha Vossa Majestade sob o seu olhar paternal.

XXI

Fevereiro 1872.

Ha longos annos a *Brazileiro* (não o brazileiro brazilico, nascido no Brazil — mas o portuguez que emigrou para o Brazil e que voltou rico do Brazil) é entre nós o typo de caricatura mais francamente popular. Cada nação possue assim um typo creado para o riso publico. As comedias, os romances, os desenhos, as cançonetas espalham-n'o, popularisam-n'o, desenvolvem-n'o, aperfeiçoam-n'o, e elle torna-se o *grotesco* classico — que chega a ser motivo d'ornato industrial, cinzelado em castiçaes, aguarellado em caixas de phosphoros, torneado em castões de bengala. A França tem o inglez de côco diminuto na nuca, de larga e aguda suissa em forma de costelleta aloirada, dentuça taluda, collarinho alto como um muro de quintal, rabona de xadrezinho, pé largo como uma esplanada, e ar lorpa: ultimamente tem a mais o prussiano, d'immenso bigode na focinheira, cabello em bandós, capacete em bico, um

sabre prodigiosamente insolente e um relogio de sala roubado debaixo do braço!

Nós temos o Brazileiro: grosso, trigueiro com tons de chocolate, pança ricassa, joanetes nos pés, collete e grilhão d'ouro, chapéo sobre a nuca, guarda sol verde, a vozinha adocicada, ôlho desconfiado, e um vicio secreto. É o *brazileiro:* elle é o pae achinellado e ciumento dos romances romanticos: o gordalhufo amoroso das comedias salgadas: o figurão barrigudo e bestial dos desenhos facetos: o maridão de tamancos, sempre trahido, de toda a boa anecdota.

Nenhuma qualidade forte ou fina se suppõe no *brazileiro:* não se lhe imagina intelligencia, como não se imaginam negros com cabellos loiros; não se lhe concede coragem, e elles são, na tradição popular, como aquellas aboboras de agosto que soffreram todas as soalheiras da eira: não se lhes admitte distincção, e elles permanecem, na persuação publica, os eternos toscos da rua do Ouvidor. O povo suppõe-n'o o auctor de todos os ditos celebremente sandeus, o heroe de todas as historias universalmente risiveis, o senhor de todos os predios grotescamente sarapintados, o frequentador de todos os hoteis sujamente lugubres, o namorado de todas as mulheres gordalhufamente ridiculas.

Tudo o que se respeita no homem é escarnecido

aqui no *brazileiro*. O trabalho, tão santamente justo, lembra n'elle, com riso, a venda da mandioca n'uma baiuca de Pernumbuco: o dinheiro, tão humildemente servido, recorda n'elle, com gargalhadas, os botões de brilhantes nos colletes de panno amarello: a pobreza, tão justamente respeitada, n'elle é quasi comica e faz lembrar os tamancos com que embarcou a bordo do patacho *Constancia*, e os fardos de café que carregou para as bandas de Tijuca: o amor, tão teimosamente idealisado, n'elle faz rir, e recorda a sua espessa pessoa, de joelhos, dizendo com uma ternura babosa—oh *minina!*

De facto, o pobre *brazileiro*, o rico *torna-viagem* é hoje para nós o grande fornecedor do nosso riso.

Pois bem! É uma injustiça que assim seja. E nós os portuguezes que *cá* ficamos não temos o direito de nos rirmos dos *brazileiros* que de *lá* voltaram. —Por que, emfim, o que é o Brazileiro? É simplesmente a expansão do Portuguez.

Existe uma lei de retracção e dilatação para os corpos, sob a influencia da temperatura. (Apprende-se isto nos lyceus, quando vem o buço). Os corpos ao calor dilatam, ao frio encolhem. A mesma lei para as plantas, que ao sol alargam e flôrescem ao frio acanham e estiolam. A bananeira, nos nossos climas, é uma pequena arvore timida, retrahida,

99

esteril: no calor do Brazil é a grande arvore triumphante, de folhas palmares e reluzentes, tronco possante, seiva insolente, toda sonora de *sábiás* e outros, escandalosa de bananas. Mesma lei para os homens. O hespanhol das Asturias, modesto, humano, discreto e grave—passando para o sol do Equador, nas Antilhas Hespanholas, torna-se o sul-americano vaidoso, ruidoso, ardente, palreiro e feroz. Pois bem! O Brazileiro é o Portuguez—dilatado pelo calor.

O que elles são, expansivamente—nós somol-o, retrahidamente. As qualidades internadas em nós, estão n'elles florescentes. Onde nós somos á sorrelfa *ridiculitos* elles são á larga *ridiculões*. Os nossos defeitos, aqui sob um clima frio, estão retrahidos, não apparecem, ficam por dentro: lá, sob um sol fecundante, abrem-se em grandes evidencias grotescas. Sob céo do Brazil a bananeira abre-se em fructo e o portuguez rebenta em brazileiro. Eis o formidavel principio! O Brazileiro é o Portuguez desabrochado.

É o sol de lá que nos fecunda. O Chiado sob os tropicos dá inteiramente a rua do Ouvidor. Rir-mo'-nos da brazileiro é rirmo-nos de nós sem piedade. Nós somos o germen, elles são o fructo: é como se a espiga se risse da semente. Pelo contrario! o brazileiro é bem mais respeitavel, por que é completo,

attingiu o seu pleno desenvolvimento: nós permanecemos rudimentares. Elles estão já acabados como a abobora, nós embryonarios como a pevide. O Portuguez é pevide de Brazileiro!

Que somos nós? Brazileiros que o clima não deixa desabrochar. Sementes a que falta o sol. Em cada um de nós, no nosso fundo, existe em germen um brazileiro entaipado, afogado—que para crescer, brotar em diamantes de peitilho, callos e predios sarapintados de verde, só necessita embarcar e ir receber o sol dos tropicos. Cada lisboeta, sabei-o, traz em si a larva d'um brazileiro. Nós aqui vestimos côres escuras, lemos Renan, repetimos Paris, e no emtanto cá dentro, fatal e indestructivel, está aboborando—um brazileiro.

Quem o não tem sentido agitar-se, como o feto no seio da mãe?—Fitaes ás vezes uma gravata verde com pintas escarlates? É o Brazileiro a remecher por dentro—Desejaes inesperadamente uma boa feijoada comida em mangas de camisa? É o Brazileiro.—Appetece-vos ir visitar a Memoria do Terreiro do Paço? É o brazileiro, lá dentro.—Lembravos reler uma ode de Vidal ou uma fala de Melicio? É o Brazileiro! Elle está dentro de vós lisboetas! Ah sabei-o! vós estaes sempre no vosso estado interessante—d'um Brazileiro!

E quereis uma prova? É o verão! É o cruel ve-

rão! Então sob a temperatura germinadora — o Brazileiro interior tende a florir, a desabrochar, a alastrar em cachos. Então começaes a deitar o chapéo para a nuca, a usar quinzena de alpaca, a passear depois do jantar com o palito na bôcca, a exigir dos vendedores a agua do Arsenal, a frequentar a Deusa dos Mares! Sabeis o que é? É o Brazileiro, que lá tendes dentro na entranha, attrahido pelo sol, a querer romper!

Portanto quando nos rimos d'elle — intentamos a nós mesmo um processo amargo. No inverno a pevide contém a abobora: mas quando a abobora cresce no verão é ella que contém a pevide. Nós cá contemos o brazileiro; elle lá, chegado ao Brazil, germina, brota em fructo, e nós ficamos-lhe dentro. Ora se esmagarmos a abobora a grandes golpes de chacóta, é sobre a nossa propria e rica pessoa que descarregamos o riso fero. Tenhamos juizo! Reconheçamo-nos n'elles como nós mesmos — ao sol!

Taes são as sabias verdades que soltamos de nossas mãos. Aproveitae-vos, compatriotas!

E sobre tudo certificae-vos que vós outros que não deixaes a capital, não valeis mais que o minhoto que volta de Pernambuco.

O brazileiro não é bello como Apollo, nem como o mais recente D. Juan: — mas tu, ó portuguez, tu

tambem não és bello, e se a tua bem amada t'o diz é que não tem mais nada que te dizer e mente por mero deleite.

O brazileiro não é espirituoso como Mery ou Rochefort: — mas tu, portuguez, não és certamente espirituoso! De cima dos embrulhos d'aquella tenda, quarenta folhetins t'o provam!

O brazileiro não é elegante como o conde de Orsay ou Brummel: — mas tu portuguez, dandy desventuroso do Chiado, ou contribuinte da rua dos Bacalhoeiros, tens a tua elegancia dependurada no bom Nunes algibebe!

O brazileiro não é extraordinario como Peabody que deu de esmolas cem milhões, nem como Delescluze que queimou Paris: — mas tu portuguez, és tão extraordinario como uma couve, e ainda tão extraordinario como um chinello.

Ora o brazileiro que não é formoso, nem espirituoso, nem elegante, nem extraordinario - é um trabalhador. E tu portuguez que não és formoso etc. — és um mandrião! De tal sorte que te ris do brazileiro — mas procuras viver á custa do brazileiro. Quando vês o brazileiro chegar dos Brazis estallas em pilherias: — e se elle nunca de lá voltasse com o seu bom dinheiro morrias de fome! Por isso tu — que em conversas, entre amigos, no café, és inexgotavel a troçar o brazileiro, — no jornal, no

discurso ou no sermão, és inexhaurivel a glorificar o Brazileiro. Em cavaqueira é o *macaco;* na imprensa é o *nosso irmão d'além-mar*.

Brazileiro amigo, queres tu por teu turno rir do *lisboeta?* A esse collete verde, que tanto te escarnecem, fecha bem as algibeiras: esse predio sarapintado d'amarello, que tanto te caricaturam, tranca-lhe bem a porta; esses pés, a quem tanto se accusam os joanetes e os tamancos primitivos, não os ponhas mais nos hoteis da capital — e poderás rir, rir do carão amarrotado com que então ficará o Lisboeta, que tanto ria de ti!

XXII

Março 1872.

Eis aqui, com algumas reflexões e algumas cifras, o estado da instrucção publica em Portugal:

Em primeiro logar a instrucção entre nós está toda a cargo do governo.

As camaras municipaes, que por uma velha tradição nunca se occuparam das cousas da intelligencia — não dão sequer esmola ao A B C. Uma Camara tem antes de tudo, como objecto, macadamisar commodamente as ruas ou as viellas de ss. s.as os vereadores: depois tem de construir as estradas que levam ás quintas, onde ss. s.as os vereadores, de tamancos e colete aberto, suam sob a folhagem da faia — *sub tegmine fagi:* depois tem de empregar, subsidiar, e em geral manter, todos os afilhados de ss. s.as os vereadores. Quando chega a passar o A B C, ss. s.as tem a iniciativa cançada e a bolsa esvasiada.

52

Por seu lado os particulares, com singularissimas e sympathicas excepções, nunca levaram a mão á algibeira, para dar um pataco a uma eschola. (E como extranhar esta abstenção pode parecer uma originalidade phantasista, devemos lembrar que em Inglaterra, França, Allemanha, Dinamarca, Suecia, Italia, Russia, Hispanha, Estados-Unidos, os particulares sustentam com um hombro as paredes da eschola que os municipios amparam com o outro.)

A lei de 20 de setembro de 1844 concedeu ás camaras municipaes auctorisação para fundarem com os seus rendimentos escholas primarias. Quem attenta n'estes termos, suppõe muito racionalmente que as camaras estavam ávidas de fundar escholas, e que o amor da instrucção tinha verdadeiramente tomado o freio nos dentes: suppõe ainda que leis anteriores teriam circumspectamente domado este impeto desabalado de educar:— e que a lei de 1844, alargando um pouco as redeas, permittiu ás camaras palpitantes o crearem as appetecidas escholas, não n'uma carreira desordenada, mas n'um *choito* modesto: e suppõe emfim que, feita a concessão, as camaras se atiraram aos pulos, aos corcovos, com a clina esguedelhada, a levantar os alicerces das escholas! Pois bem, sabem quantas escholas teem as camaras fundado inteiramente, a expensas suas, desde 1844, ha quasi trinta annos? Uma, em Setubal!

De resto, não sejamos injustos. Algumas camaras tendo, com o curso dos annos, chegado a comprehender de que soletrar não é inteiramente tão criminoso como roubar, deram generosamente o auxilio dos seus cofres para a organisação do ensino — e as 300 camaras do paiz juntas ás 4:000 parochias teem concorrido, n'este espaço de 30 annos, com um subsidiosinho de tostões para a fundação de 41 escholas!

Tal é o desvelo, a intelligencia, o patriotismo com que ss. s.as as espessas camaras municipaes se occupam da instrucção.

É uma situação parallela á dos cafres — de nossos irmãos os cafres.

O Estado, por tanto, tem a instrucção inteiramente a seu cargo, e sob sua responsabilidade.

Ora, tendo um paiz a educar, eis o que o Estado tem feito:

Sabeis, amigos, quantas escholas ha, de Norte a Sul, n'este paiz onde floresce a vinha e Melicio pensa?

2:300!

Existindo no paiz, segundo as ultimas estatisticas, 700:000 creanças, e não sendo justo que se apartem na estreitesa abafada de uma eschola mais de

50 alumnos, (e já é fazer transpirar de mais tenros cidadãos imberbes) segue-se que deveriamos ter 14:000 escholas...

Temos 2:300!

Devendo pois fundar uma eschola para cada 50 creanças, possuimos apenas uma eschola para cada 300 creanças! Ha uma eschola para cada 2:600 habitantes!

Das 700:000 creanças que existem em Portugal o Estado, n'essas 2:300 escholas — ensina 97:000. Isto é, de 700:000 creanças estão fora da eschola mais de 600:000!

D'estas 97:000 creanças que frequentam as escholas, sabeis, amigos, quantas se apuram promptas, por anno? Segundo as ultimas inspecções — em cada 50 alumnos apura-se 1 alumno!

Portanto Portugal de 97:000 creanças que traz nas suas escholas — tira por anno, sabendo os rudimentos, 1:940!

Mordei-vos de ciumes, oh cafres!

Para esta situação concorrem o alumno, o mestre. e a eschola. E a culpa toda recae no Estado. Porque o Estado impossibilita o alumno, inutilisa o mestre e abandona a eschola. Vae como o general Boum por tres caminhos — contra o A. B. C!

Nos campos a familia é hostil á eschola, diz-se. Erro. A familia não nega o filho á eschola, requer o filho para o trabalho. A creança ahi, de sete a dez annos, já conduz os bois, guarda o gado, apanha a lenha, acarreta, sacha, collabora na cultura. Tem a altura de uma enchada e a utilidade de um homem. Sáe de madrugada, recolhe ás trindades, com o seu dia rudemente trabalhado. Mandal-o á eschola, de manhã e de tarde, umas poucas de horas, é diminuir a fôrça productora do casal. Um alumno de mais na eschola é assim um braço de menos na lavoura. Ora uma familia de lavradores não pode luxuosamente diminuir as suas fôrças vivas. Não é por o filho saber soletrar a cartilha que a terra lhe dará mais pão. Portanto tiram a creança á eschola para a empregar na terra.

O remedio a isto seria a creação de cursos nocturnos. Á noite, o campo, restituiria a creança á eschola. Os cursos nocturnos eram outr'ora exclusivamente para os adultos que tinham o seu dia tomada pela lavoura ou pelo officio. No emtanto n'um paiz pobre, como o nosso, de pequena cultura e de pequena industria, a creança trabalha quasi tanto como o homem. O filho tem o seu dia tomado pelo mesmo labor do pae. Os cursos nocturnos deveriam ser sobretudo para elle—se não para ambos.

54

Ora sabem quantos cursos nocturnos havia em Portugal em 1862? — 62!

Em Italia, paiz de população apenas quintupla, e cuja instrucção se arrasta vagarosamente, havia — 5:000!

Sabem quanto todos os municipios juntos, os *trezentos* municipios do paiz, dão para os cursos nocturnos, suprema facilitação da instrucção? 1:200$000 réis!

Sabem quanto dá o Estado para esses 62 cursos? 240$000 réis para os cursos nocturnos! 3$890 réis a cada curso! Pouco mais de tres quartinhos! É com estas despezas desvairadas que se fazem as bancas rôtas desastrosas!

Mas não é tudo! Em 1867 o ministro do reino promoveu energicamente a creação de cursos nocturnos. Fez-se um exforço arquejante, e conseguiu-se, depois de mezes prolongados, crear 545 cursos! As camaras, no primeiro enthusiasmo, prometteram magnanimamente para auxiliar estas creações — 12:000$000 réis. Pois bem, sabem o que succedeu? Mezes depois, as camaras negaram se a continuar as dotações!

Algumas mesmo não chegaram nunca a pagal-as!

Outras não quizeram satisfazer ao professor os ordenados já vencidos!

N'um districto, no bestial districto de Evora, dos

18 cursos nocturnos que se abriram, restavam apenas, mezes depois, 3!

No districto de Coimbra (oh lusa Athenas!) de todos os cursos que havia, não restava, passados mezes — nenhum!

Ultimamente em Peniche os cursos nocturnos eram frequentados por 700 alumnos. A hedionda camara fechou-os todos!

Dos 545 cursos que se conseguiram crear em 1867, restam menos de 100!

Que lhes parece, meus senhores, esta singular infamia?

Oh nossa patria! Deus na sua justiça te dê uma boa e feroz tyrannia, que te deite nas palhas das cadeias, te vergaste nos velhos pelourinhos que ainda existam, e te enforque nas traves apodrecidas das fôrcas de outr'ora!

Outra das vergonhas d'esta situação é o professor.

O professor de instrucção primaria é o homem no paiz mais humildemente desgraçado, e mais cruelmente desattendido.

Sabem quanto ganha um professor de instrucção primaria? 120$000 réis por anno, 260 reis por dia! Tem de se alimentar, vestir, pagar uma casa, comprar livros, e quasi sempre comprar para a eschola

papel, lapis, louzas etc. — com treze vintens por dia. Note-se que, para a alta moralidade da sua missão, o professor deve ser casado, Pois bem, para crear uma familia — treze vintens por dia!

Mas ouçam! Já em 1813 a junta directora dos estudos pedia ao governo que pelo menos désse aos professores primarios 200$000 réis. Pedia-se isto ha 60 annos! A junta dizia, energicamente: «decidamo'-nos; sem ordenados sufficientes não ha professores idoneos.» Em 1813, 200$000 réis para um professor era considerado pelas repartições competentes um ordenado — apenas sufficiente. E em 1872, com o extraordinario augmento dos preços, a triplicada carestia da vida — o professor tem ainda de ordenado os velhos 120$000!

Note-se mais! Ha 35 annos, Rodrigo da Fonseca Magalhães, considerando que o professor não podia viver, nem educar-se, nem aproveitar, com o ordenado avaro do antigo regimen — determinou que os professores de Lisboa tivessem 400$000 réis, e os das outras terras 250$000 réis. Pois bem. d'ahi a tres mezes essas medidas racionaes e inevitaveis fôram abolidas! Determinou-se até que aos professores não fôsssm pagos os ordenados vencidos — e arremessou se de novo, violentamente, o professor para a indigencia!

Além d'isso o professor de instrucção primaria

não tem carreira. Está fechado no seu destino como n'uma desgraça murada: crescer-lhe-hão os filhos, vir-lhe-hão os cabellos brancos, terá educado gerações, e continuará sem esperança de melhoria a soffrer dentro dos seus 120$000 réis! A falta de carreira é a extincção do estimulo, a petrificação da vontade, o abandono do ser á fatalidade, á rotina e á inercia. O homem assim não procura progredir: embrulha-se na somnolencia do seu officio como quem se accommoda para a eternidade.

Uma eternidade de 120$000 réis! E ainda d'este estreito salario tem quasi de sustentar a eschola. O alumno pobre só acceita o ensino absolutamente gratuito. Se tem de comprar pennas, lapis, louza, pauta, papel — abandona a eschola. O professor é forçado a pagar estes apetrechos, de outro modo desertam-lhe a aula, e o vasio da sua eschola seria o fim do seu salario.

Accresce que o professorado é uma alta, difficil sciencia que se necessita apprender. É esse o fim das escholas normaes — apprender a ser mestre. Só a Italia, tem hoje já 91 escholas normaes. Sabem quantas havia em Portugal? Uma. E sabem o que fez o governo para seguir esse movimento civilisador e fecundo que por toda a parte multiplicava as Escholas Normaes? Correu sobre a unica que tinhamos e — extinguiu-a! É verdade, meus senhores, ex-

tinguiu-a! Dera ella, no pouco tempo que viveu, 91 professores, todos aproveitados pelo Estado—porque 70 regiam ainda ha pouco escholas publicas, e o resto occupava-se no ensino livre!

Este professorado quasi sem salario, de todo sem carreira, sem apprendizagem normal, cria a seguinte situação:

Na ultima inspecção—d'entre 1:687 professores só fôram encontrados com habilitações litterarias 263! E só fôram julgados zelosos—172!

Que vos parece, patriotas?

A eschola por si offerece egual desorganisação. Os edificios (a não ser os legados pelo conde de Ferreira, que ainda quasi não funccionam) são na maior parte uma variante torpe entre o celleiro e o curral. Nem espaço, nem acceio, nem arranjo, nem luz, nem ar. Nada torna o estudo tão penoso como a fealdade da aula. Não pedimos de certo para uso do A B C os classicos jardins d'Armida: mas está na mesma essencia da organisação dos estudos a boa disposição material do edificio escholar. Sobretudo nas aldeias é quasi impossivel attrahir ao estudo, n'uma saleta tenebrosa e abafada, creanças inquietas que vem do vasto ar, da luz alegre dos prados e dos montes. A eschola não deve ter a melancholia da cadeia. Pestallozi, Frœbel, os grandes

educadores, ensinavam em pateos, ao ar livre, entre arvores. Froebel fazia alternar o estudo do A B C e o trabalho manual; a creança soletrava e cavava. A educação deve ser dada com hygiene. A eschola entre nós é uma grilheta do abecedario, escura e suja: as creanças enfastiadas, repetem a licção, sem vontade, sem intelligencia, sem estimulo: o professor domina pela palmatoria, e põe todo o tedio da sua vida na rotina do seu ensino.

Além d'isso, de 1:687 (como viram) só 172 fôram achados competentes!

É que ha um outro mal terrivel — a falta de inspecção. A inspecção é a consciencia publica da eschola. Sem inspecção, — o professor que não tem ordenado sufficiente, nem destino garantido, nem estimulo efficaz, desleixa-se por falta d'interesse, e a eschola desorganisa-se por falta de direcção. É o que se dá por todo o paiz. As escholas estão abandonadas á indolencia do professor: e o professor está abandonado á desesperança da vida!

Sabem como é feita a inspecção?

Em cada districto administrativo ha um commissario dos estudos que tem por anno, para inspeccionar as escholas do seu districto, a gratificação de— 120$000 réis. Ordinariamente é um professor do lyceu ou o reitor. Isto vigora desde 1844. Ora em

1854 o ministro do reino, dizia á camara dos deputados, n'um relatorio:—«os commissarios dos estudos, occupados na direcção dos lyceus, e nas regencias de cadeiras, não curam nem podem curar da visita e inspecção das escholas primarias!» É pois o Estado que claramente condemna o regimen estabelecido em 1844. Pois bem, ha perto de 20 annos que esta sentença condemnatoria da inspecção dos commissarios foi lavrada pelo governo—e ainda existe hoje, em 1872, a inspecção pelos commissarios á moda de 1844.

Eis resumidamente o estado da instrucção.

2:300 escholas n'um paiz de 4 milhões de habitantes!

De 700:000 creanças a educar apenas se encontram 97:000 nas escholas! D'estas 97:000 apenas se apuram 1:940. Por tanto de 700:000 creanças a educar—educa o paiz 1:940!

Sendo indispensaveis os cursos nocturnos—crearam-se 545. Hoje restam 100!

Os professores tem em 1872 o ordenado de réis 120$000,—que já em 1813 era julgado absolutamente insufficiente!

Só com boas escholas normaes se podem crear bons professores. Havia 1 em 68. Foi extincta! (Tenta-se agora crear 5).

De 1:867 professores fôram julgados com habilitações litterarias 263—e zelosos 172!

As escholas são curraes de ensino!

Inspecção, não ha. Já em 1854 se queixava d'isso o ministro do reino! Estamos em 1872!

Eis aqui o estado da instrucção publica em Portugal, nos fins do seculo XIX[1].

A instrucção em Portugal é uma *canalhice* publica!

Que o actual governo volte os seus olhos, um momento, para este grande desastre da civilisação!

[1] D'esta indifferença profunda e bestial que ha pela instrucção, devemos exceptuar os excellentes trabalhos do sr. D. Antonio da Costa. Os seus livros, escriptos com uma exacta sciencia e com um altivo sentimento, são o protesto da civilisação e a desforra do espirito.

XXIII

Março 1872.

A valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães. O homem é «profundamente filho da mulher,» disse Michelet. Sobre tudo pela educação. Na creança, como n'um marmore branco, a mãe grava;—mais tarde os livros, os costumes, a sociedade só conseguem escrever. As palavras escriptas podem apagar-se, não se alteram as palavras gravadas. A educação dos primeiros annos, a mais dominante e a que mais penetra, é feita pela mãe: os grandes principios, religião, amor do trabalho, amor do dever, obediencia, honestidade, bondade, é ella que lh'os deposita na alma. O pae, homem de trabalho e de actividade exterior, mais longe do filho, impõe-lhe menos a sua feição; é menos camarada e menos confidente. A creança está assim entre as mãos da mãe como uma materia transformavel de que se pode fazer—um heroe ou um pulha.

Dize-me a mãe que tiveste — dir-te-hei o destino que terás.

A acção de uma geração é a expansão publica do temperamento das mães. A geração burgueza e plebea de 1789 a 93 em França foi livre, sensivel e humana — porque as mães que a conceberam tinham chorado e pensado sobre as paginas de Rousseau.

A geração de 1830, gerada durante o primeiro imperio — foi nervosa, idealista, romantica, porque as mães tinham vivido nas emoções heroicas das guerras, na contemplação das fortunas maravilhosas.

Se a geração de 1851, em Portugal, foi mais forte e original do que a nossa — é porque as mães d'onde ella sahiu tinham sido as raparigas vivamente sacudidas pelos tempos dramaticos das luctas civis.

É pois superiormente interessante saber o que são hoje em 1872 estas gentis raparigas de 15 a 20 annos de quem nascerá, para bem ou para mal, a geração portugueza de 1893. Assim poderemos prever o que ellas serão mais tarde como mães, como educadoras.

Que ellas nos perdôem, essas gentis meninas, se a nossa penna nem sempre fôr glorificadora como um soneto de Petrarca: mas a tinta moderna sáe do pôço

da Verdade. O madrigal ficou para sempre suspirando esterilmente sobre a lombada dos livros de Curvo Semedo, o pastoril desembargador; não se atreve a pôr o seu pé florido n'estes caminhos revoltos da vida presente. Está tão longe de nós como os pastores vestidos de seda, apoiados a bordões de crystal. Hoje os pastores são rudes miseraveis, cobertos de farrapos. Não suspiram em versos sonoros, as meiguices a Chloris: pedem mais pão aos patrões!

O madrigal é triste como uma flôr de larangeira de papel, desbotada, atirada para o sotão. Não ha nada como bellas verdades, sadias e robustas, frescas e moças!

A menina solteira! Vejamos o typo geral de Lisboa. É um ser magrito, pallido, mettido dentro de um vestido de grande *puff*, com um penteado laborioso e espesso, e movendo os passinhos n'uma tal fadiga que mal se comprehende como poderá jámais chegar ao alto do Chiado e da vida.

O primeiro signal saliente é a anemia. Taine diz, pintando o solido vigor inglez — que o dever essencial de uma menina é ter saude. A saude é o explendor physico da innocencia. *Mens sana in corpore sano.* Uma pelle fresca e lisa, musculos que jogam livremente, busto direito, beiços vermelhos,

60

—indicam juizo forte, consciencia recta, um sentir puro. A pallidez, as olheiras, o peito deprimido, o ar murcho—revelam um ser devastado por appetites e sensibilidades morbidas. Ora entre nós, as raparigas não teem saude. Magrinhas, enfesadas, sem sangue, sem carne, sem fôrça vital—umas padecem de nervos, outras de estomago, outras do peito, e todas da chlorose que ataca os seres privados do sol.

Em primeiro logar não respiram. Os seus dias são passados na preguiça de um sofá, com as janellas fechadas;—ou percorrendo n'um passinho derreado a Baixa e a sua poeira. Por tanto falta de ar puro, são, restaurador. O ar da Baixa corrompe o sangue; e o ar das sallas, resguardadas por cortinas ou allumiadas a gaz, não tem oxigenio e portanto não alimenta.

Depois não fazem exercicio Uma ingleza tem por dever moral, como a oração, o passeio—o largo passeio, bem marchado durante duas horas, sem preoccupação «janota», todo de hygiene. Aqui, as que andam a pé, depois de ir de uma loja na rua do Ouro a uma egreja no Loreto, arquejam e recolhem á pressa no omnibus. Algumas mesmo não sabem andar; escorregam, saltitam, oscillam. Nada dá tanta idéa da constancia de caracter, como a firmeza do caminhar. Uma allemã, uma ingleza, anda

como pensa—direita e certa. As nossas raparigas, constantemente sentadas e aninhadas, quando tem de se pôr a pé e de marchar, gingam e rollam. Além d'isso, o habito do sophá, do recosto e da almofada —acostuma ás posições languidas; cabeça errante, braços amollecidos, corpo abandonado. Uma ingleza nunca toma, por pudor, estas attitudes. São attitudes de serralho ou de pomba amorosa. Uma menina está direita e firme. É como na pintura e na estatuaria se representa sempre a Innocencia.

Depois não comem: é raro vêr uma menina alimentar-se racionalmente de peixe, carne e vinho. Comem dôce e alface. Jantam as sobremesas. A gulodice do assucar, dos bolos, das natas, é uma perpetua desnutrição. Os antigos moralistas attribuiam-lhe mesmo uma influencia deploravel nos costumes e no caracter. Nas casas de provincia, onde a moral existe guardada em decrepitos proverbios como em frascos, dizem os velhos, com ingenuo horror: *mulher gulosa, bicha manhosa.*

Lisboa é uma cidade doceira como Paris é uma cidade intellectual. Paris cria a idéa e Lisboa o pastel. D'ahi a grande quantidade de doenças de estomago e de máus dentes. A deterioração pelo dôce começa aos quatro annos. O sangue alimentado a massa, ovos, natas, dá estes corpos debeis e estas almas amollecidas. O Baltresqui, o Ferrari, a con-

6L

feitaria Lisbonense arrasam o nosso organismo social.

Outra causa de doença é a *toilette*. Com estes penteados enormes, herrissados, insolitos, em forma de capacete, de fronha, de *chalet*, de concha, e com os materiaes tenebrosos que mettem por baixo para sustentar e erguer mais a construcção inclemente — accumulam sobre a cabeça um fardo, uma trouxa, que não deixa arejar o craneo. A transsudação accumula á raiz do cabello, fecha os poros, cria um estado d'inflammação. Ouve-se dizer quasi sempre ás mulheres — *Sinto hoje um pêso na cabeça!...* É o fardo. É o craneo que, sem ar, amollentado, está adoecendo como um corpo que se não despe.

Lisboa é a cidade do universo onde as meninas mais se apertam e se espartilham. O espartilho que destroe a belleza da linha, a melodia das curvas naturaes, difficulta ao mesmo tempo a circulação, a respiração e a digestão. Fere as tres causas da vida.

De modo que o balanço das condições physicas d'uma rapariga portugueza é este:

Musculos sem exercicio:

Pulmões sem ar;

Circulação cumprimida;

Digestão estrangulada.

A primeira consequencia é que uma rapariga assim destroe a sua belleza, a vivaz mocidade, e a

graça. A pelle amarellece, os olhos encovam, os labios gretam, ao orelhas despegam do craneo, o nariz afila, as mãos humedecem, todo o corpo corco va—e na bella edade da florescencia, e na fresca expansão da vida, uma pobre rapariga de quinze ou dezoito annos está como alguma cousa de amarrotado, de mellado, de murcho, de *em segunda mão*, com aquelle aspecto safado que o pó das estradas dá á virgindade das folhas.

Começam a precisar, para serem bonitas, da luz do gaz. No brilho artificial d'aquella luz crua uma menina, com os cabellos lustrosos, um pouco de pó d'arroz, e muitos tulles espalhados, tem encanto e pode seduzir. Mas que venha, ao outro dia, a sincera luz da manhã! Todas as maculas destacam: os cabellos chamuscados do ferro de frizar estão seccos e côr de rato, os beiços são como um velho bago de romã exprimida, o nariz tem na cartilagem que o liga ao rosto um vinco escuro, toda a pelle parece a d'uma gallinha cosida... Ah! o velho Páris não lhes daria a maçã.

É a moda, dizem.—Cruel razão! A moda começa por ter isto de absurda: não é ella que é feita para o corpo—mas o corpo que tem de ser modificado para se ageitar n'ella. A moda vem de fora, do figurino, feita pela phantasia burgueza de um

desenhador de armazem: e aqui depois a pobre mulher precisa de reformar o corpo, obra do seu bom Deus—para o accomodar ao *figurino*, obra do seu máu jornal. De modo que para sustentar o chapéo deforma-se a cabeça: para obedecer ao *puff* torce-se a espinha; para satisfazer ás botinas Luiz xv desconjunta-se o pé; para seguir o chic das cintas baixas destroe-se o busto. Nunca como hoje, sob o dominio da democracia, se despresou, se deteriorou o corpo humano. Não é com a intenção mystica d'aquella santa que cortou o nariz para aniquillar as glorias mortaes da sua belleza! Não! hoje mais que nunca se glorifica a belleza, e o corpo é o fim supremo. Sómente não se acceita o corpo que a natureza dá—e procura-se aquelle qne se vende nas modistas. Ah! onde estão os tempos em que a belleza era como uma santidade! em que a vida toda era uma educação e idealisação do corpo! em que se erguiam estatuas ás nudezas maravilhosas! em que o desfigurar o homem era punido com as velhas leis barbaras do sacrilegio! e em que o atheniense nas conversas dos porticos ou nos peristyllos dos banhos—se occupava menos da invasão de Xerxes do que do corpo de Lais! Veja-se então que racional, bella, harmonica *toilette*. Uma larga tunica de linho, d'amplas pregas, que deixava o corpo livre, inopprimido, em toda a bella originalidade das

suas linhas... Mas mesmo nos tempos barbaros se respeitava a perfeição da forma. E era em pleno ascetismo quando a carne se tornaria o crime da vida. Vejam-se nos tempos merovigios e carlovigios—os vestuarios d'aquellas rainhas sanguinarias e magnificas que brilham nas illuminuras dos velhos codices. Um vestido inteiro, branco ou negro, modelando o corpo como uma luva, o pescoço livre, os cabellos em duas tranças, ao comprido das costas.

A moda destroe a belleza e destroe o espirito. Um caixeiro dezenha a lapis, em Paris, um certo chapéo, um certo corpete, umas certas mangas—e todas, magras e gordas, as loiras e as trigueiras, as altas e as pequeninas, se introduzem, se alojam, se enfiam n'aquelle molde, sem se preocuparem se o seu corpo, a sua côr, o seu perfil, a sua altura, o seu peito, condizem, harmonisam, *vão bem* com o molde decretado e chegado pelo correio. Abandonando-se servilmente ao figurino, abdicam a sua originalidade o seu gôsto. Acceitam uma banalidade em seda—e um logar commum com folhos. Uma senhora que não inventa e não cria os seus vestidos —é como um escriptor que não acha e não inventa as suas idéas. Ter a toilette do figurino é fazer como os mercieiros que teem a opinião da sua gazeta. Deshabitua o espirito da invenção, da espontanei-

dade, da liberdade. É uma confissão tacita de que se não tem espirito, nem phantasia. Seguir um figurino é apprender a elegancia de cor, para a ir recitar na rua; é o ter o gôsto que se recebeu de encommenda; é alugar o *chic* ao mez: é mandar vir as idéas pelo correio: é o bom tom por assignatura. Que falta de espirito! e os maridos pagam-n'o!

Depois da anemia do corpo, o que nas nossas raparigas mais impressiona – é a fraqueza moral que revelam os modos e os habitos. Nada mais significativo, já notamos, que o seu modo de andar. Veja-se o andar de uma ingleza, elastico, firme, direito, serio: sente-se alli a saude, a decisão, a coragem, a personalidade bem affirmada. Veja-se o andar de uma menina portugueza, arrastado, incerto, hesitante, morbido: sente-se ahi logo a indicisão, a timidez, a incoherencia.

A sua preguiça é um dos seus males. O dia de uma menina de dezoito annos é assim dissipado: almoça, vae-se pentear, corre o *Diario de Noticias*, cantarola um pouco pela casa, pega no *crochet* ou na costura, atira-o para o lado, chega á janella, passa pelo espelho, dá duas pancadinhas no cabello, adeanta mais dois pontos no trabalho, deixa-o cahir no regaço, come um boccadinho de dôce, conversa vagamente, volta ao espelho, e assim vae puxando o

tempo pelas orelhas, derreada com a sua ociosidade, e bocejando as horas.

Outro mal seu é o medo, um medo horrivel de tudo; de ladrões, de trovoada, de phantasmas, da morte, dos corredores escuros, dos castigos de Deus, dos soldados e dos mascaras. Não são capazes de atravessar uma sala apagada á meia noite; se um rato corre no soalho saltam para cima dos móveis; gritam só com vêr um revolver; teem os terrores que teem os canarios.

Não ha n'ellas nenhuma decisão, um quasi nada as embaraça. É necessario que tudo em roda na vida seja muito facil, muito claro, muito prompto; de outro modo, hesitam, estacam, succumbem. Um *não*, uma carruagem que falta, o relogio que parou, o tempo que mudou — e ahi estão inutilisadas. Basta vêl-as no inverno, n'um grande dia de chuva. A ingleza se tem que fazer compras ou visitas, põe o seu *water-proof*, calça as suas golochas, toma o seu guarda chuva, e ahi vae chapinando a lama. A portugueza em casa, encolhida, amuada, *inclusa* (segundo a pittoresca expressão do nosso grande dezenhista Manuel de Macedo), cáe, por causa d'alguns pingos d'agua, n'uma desolação maior que a de Job sobre o seu monturo.

É vêl-a nas jornadas! se tem de montar a cavallo que sustos, que gritinhos, que *padre nossos* mur-

murados! A bordo de um paquete, a ingleza, a franceza gostam de subir á tolda, vêr o mar, sentir a brisa humida: a portugueza em baixo, geme, resa, e toma caldos.

D'aqui vem a sua falta de acção, a sua infeliz «passividade.» Uma menina portugueza, não tem iniciativa, nem determinação, nem vontade. Precisa ser mandada e governada; de outro modo, irresoluta e suspensa, fica no meio da vida, com os braços cahidos. Perante um perigo, uma crise de familia, uma situação difficil, rezam. Teem a fé abstracta que só Deus as pode inspirar, dar-lhes a decisão, a idéa precisa: mas terminam quasi sempre por seguir o conselho da criada.

Veja-se que companheira para a vida do homem —e do homem moderno que não é um trovador ou um contemplativo, nem um sultão para ter aninhadas, em fofos almofadas, hurís perfumadas; mas um trabalhador, que precisa ganhar o seu pão, arcar com todas as durezas da vida. Como ha de elle luctar com os braços sobrecarregados por estas creaturinhas que desfallecem e gemem, cheias de *puff*, de pó de arroz, de rabuge, e de mimos de romance!

Que differença de uma franceza, uma allemã, uma ingleza! Quantas d'estas encontrou um de nós, nos mais remotos paizes, nas ruinas e nos desertos, nas montanhas de Judéa, nos desfiladeiros do mar

Morto! Soffriam longas horas de sol e caminho, dormiam sob a tenda, comiam entre duas pedras no leito secco das correntes, e sempre alegres, vivas, rosadas, com o *shake-hand* franco, o riso facil. Nunca elle se esquecerá de duas nobres e bellas inglezas, que viu em Jerusalem.

Dezenove a vinte e dous annos, solteiras. Iam partir para o Jordão, pelo abrasado caminho de Mar-Saba. Uma sobretudo era admiravel com a sua alta figura de Diana, um vestido de amazona verde-escuro, justo como uma luva, grandes olhos verdes innocentes e fortes, o pescoço de uma brancura de camelia humida. Tinham ambas os seus chicotes, luvas de camurça, e á cinta os seus *revolvers*. Isto é: luctariam, e desfechariam tambem, se a sua cavalgada fosse atacada por beduinos de rapina. E eram duas creanças quasi: se as fitassem de certo modo, corariam, se lhes pedissem a bolsa fariam fogo: tal é a delicadeza da *miss*, tal é a sua força. Raça incomparavel — de coração doce e de caracter rijo.

*
* *

Vejamos, um pouco, como as nossas raparigas portuguezas se formam, lentamente, sob a educa-

65

ção interior. As mães põem nas suas pequerruchas todo o interesse que uma artista põe na sua gloria: e tratam de dar a essa gloria um relevo magnifico. Começam por as vestir como pequeninas senhoras! A pequerrucha de seis, oito annos, uma *baby*, um boccadinho de creatura, um nadinha de mulher, eil-a já com gravidades de dama, direita, seriasita, coberta de fitas, de rendas, de folhos! Na edade em que precisam de toda a liberdade de corpo e de movimentos para crescer, já trazem a cinta apertada n'um annel tyrannico, a cabeça opprimida por duros penteados em que o ferro lhes cresta o cabello, os pésinhos devorados pelo verniz, e *anquinhas* e *puffs*, e um grande apparato, que é o carcere do anjo.

Ora a *toilette*, como a nobreza — obriga. E assim a pequenina pouco a pouco se penetra da influencia dos seus vestidos. Aos oito annos olha-se ao espelho, tem perrices por causa de uma fita, põe pó de arroz conscientemente, quer a meia esticada e elastica para dar relevo a uma perninha mimosa. Todos os labios da familia peregrinam no claro, rosado rosto da Bébé; e a creaturinha, que é ainda uma argila santa, vae-se impregnando de vaidade como uma esponja de agua. Vivendo na certeza da sua belleza como uma santa no seu altar, toda preoccupada de vestidos, afogada em mimo, acclamada

e beijada — começa a ter certos sorrisos, a espreitar com um certo disfarce malicioso, a ter umas ternuras de andar, um modo de se retrahir, de se recusar, que ha de fazer corar por vezes o seu anjo da guarda. Desabrocham então as pequeninas sympathias, cheias de mysterio. Uma deu um dia a um nosso amigo um amor perfeito, em segredo, pedindo-lhe que o guardasse. Tinha nove annos. São graças, leves como fios. Mas a vaidade infiltra-se na alma, gota a gota, e cria no fundo aquelle lago immovel, negro e resplandecente, onde, segundo os Mysticos, habita e se move o Peccado.

Ao mesmo tempo vae-se-lhe ensinando o cathecismo e a doutrina. E' a educação moral. A pequerrucha aprende a persignar-se, a ajoelhar com gravidade, a recitar o *padre-nosso*. Depois, seguidamente, decora todas as orações da cartilha. E termina por papaguear a *Doutrina* correntemente, de cór, e salteada, como a taboada ou como as capitaes da Europa, — mas sem a menor comprehensão, sem ligar uma idéa sua ás palavras mortas, sentindo atravez d'ellas um certo terror — porque se trata de Deus e segundo lhe ensinam é Deus quem manda as trovoadas, as doenças, a morte.

Ora para que se ensina a religião a um homem ou a uma mulher? Para lhe dar um guia para a sua consciencia e um guia para a sua intelligencia; uma

doutrina que lhe mostre o que deve pensar e que lhe aponte o que deve fazer: criterio para bem-julgar e criterio para bem-viver. O que se lhe ensina porém no Cathecismo? Uma série de formulas e de palavras combinadas, cujo sentido lhe é tão estranho como uma lingua ignorada. Aprende-a machinalmente, á maneira d'uma lição de escola que tem de recitar a certas horas, de pressa ou de vagar, por obrigação, como se penteia e como trata as unhas.

De sorte que, tornada um exercicio de recitação, uma formula trivial que se repete de joelhos, a Doutrina Evangelica fica na memoria como uma toada que tem harmonia, mas não penetra o espirito como uma lei que tenha efficacia. A creança repete todos os dias *que os peccados mortaes* são: 1.º soberba, 2.º avareza, 3.º luxuria, 4.º ira, 5.º gula, 6.º inveja e 7.º preguiça, etc. Pois bem, qual foi a creança, que diante de um prato de bolos hesitou jámais em lhe deitar a mão, por se lembrar que a *gula* é um peccado mortal? Qual foi a que deixou de adormecer sobre os seus livros, por temor de commetter o peccado da *preguiça?* Qual foi a que se cohibiu de gritar para não cahir em *ira?* — E será por que contra a nossa natureza, fatalmente impregnada do mal, sejam impotentes, e se quebrem como bolas de sabão contra um muro as prescripções da religião? Não. E' que para obedecer a um preceito é

necessario comprehendel-o — como é necessario que para nos fazermos obedecer de um criado minhoto, não lhe fallemos allemão. Ora a creança, que recita machinalmente, á flor dos labios, o cathecismo — não o percebeu. Declamava-se-lhe a vontade de Deus, sem lh'a explicar; de modo que ás palavras que papagueia ella não liga idéa que a prenda

Desde que a creança sabe de cór o cathecismo suppõe-se que ella *tem religião*. Mas se, chegando aos quinze annos, lhe perguntarem — «qual é o teu dever como esposa christã? qual o teu dever de christã como mãe? ella ficará tão embaraçada, como se a interrogassem sobre calculo differencial. Da religião sabe a «reza», não sabe o dever: ou pelo menos o que ella suppõe o dever é ouvir missa aos domingos, e não comer carne á sexta feira. Principios que lhe sirvam para se dirigir na vida, como filha, como esposa, como mãe, como mulher sociavel, — não sabe *um*. Sabe rezar o Padre-nosso. Diante pois de qualquer circumstancia da vida ella, religiosa, christã e devota — como não se pode guiar pela religião que desconhece — guia-se pelo instincto ou pelo capricho. A religião de que tanto falla, e que tanto usa, aos domingos na Egreja, e á sexta feira na cosinha, não lhe serve muito mais do que a um canario ou a uma rola. Por que no fim o que a governa — é o instincto.

Contra as tentações da vida ella não terá no seu espirito conselho, força, resistencia ou interesse superior. Uma illusão, um momento de abandono podem-a perder: e toda a copiosa, apparatosa doutrina que lhe ensinaram e que não percebeu — não a póde salvar.

*
* *

A pequerrucha Bébé, aos cinco annos, quando dispõe inteiramente da palavra e da phrase — começa a mentir. Bébé mente. Uma senhora ingleza ou franceza ou allemã, se vê sua filha mentir sente-se verdadeiramente offendida. Uma só mentira contem duas culpas; deixamos de nos respeitar por que affirmamos o que é falso, e deixamos de respeitar os outros porque os induzimos voluntariamente em erro. Em Portugal a mentira da creança faz rir, é uma graça: prova o engenho, a faisca, a agudeza do pequenino cerebro. Bebé começa a mentir para ter triumphosinhos á mesa. No principio nega o que faz — o que é o germen da covardia: depois conta o que os outros não fizeram — o que é a semente da calumnia. De resto, entre nós, a mentira é um habito publico. Mente o homem, a politica, a sciencia, o orçamento, a imprensa, os versos, os sermões, a arte, e o paiz é todo elle uma grande consciencia falsa. Vem tudo da educação.

A creança cresce na mentira. — «E' um cesto roto esta creança» — diz a familia rindo. E não sabem que o «cesto roto» fará depois um intrigante, um falso, um calumniador, um intrujão. Ás meninas sobre tudo (como se suppõe que ellas não terão relações officiaes ou publicidade de vida em que a mentira possa prejudicar) consente-se a mentira, como uma vivacidade inoffensiva! Inoffensiva! como se não importasse menos que o homem minta na publicidade da rua — do que a mulher no recato da familia. O caso é que Bébé, o loiro, o engraçado anjo — mente!

*

* *

Além d'isso é curiosa. Não o diremos inteiramente como um defeito. A curiosidade tem sido muito calumniada: e este nobre impulso humano é quasi sempre considerado como um simples vicio de criado. No entanto da curiosidade proveiu toda a civilisação, a Sciencia, a Philosophia, as invenções, as descobertas de continentes, toda a Historia, toda a Critica, é obra da curiosidade. Ella é a viagem perpetua que o homem faz através dos factos e das idéas. Grande instrumento de acção, de certo! Mas é necessario saber como a educação o dirige. Descobrir a America e escutar a uma porta — são dois

factos de curiosidade. Toda a creança é curiosa: resta saber se os que a educam, pelos factos e pelas idéas que offerecem ao exercicio da sua curiosidade, farão d'ella — uma descobridora ou uma mexeriqueira.

Em Portugal, as mulheres, excluidas da vida publica, da industria, do commercio, da litteratura, de quasi tudo, pelos habitos ou pelas leis, ficam, apenas de posse de um pequeno mundo, seu elemento natural — a familia e a *toilette*. D'aqui provém que senhoras reunidas conversando giram, — como borboletas em torno de um globo de candieiro — em volta d'estes dois supremos assumptos: vestidos, e namoros. A creança — grande ouvido e grande curiosidade — absorve, como uma esponja chupa a agua, tudo o que ouve dizer em redor, no conchego das saias juntas. Espirito nascente, avido, trabalha principalmente sobre a idéa que contém mysterio. *Vêr o que está dentro*—é o ardor da creança, ou se trate de uma palavra que escutou, ou de um boneco que lhe deram. Ora quaes são aqui os factos que offerecem á sua curiosidade as conversas da familia, mãe, tias, amigas ou visitas? Que fulana casou, que aquella se separou do marido, que é inexplicavel a riqueza de *toilette* de outra, que sicrano lhe faz a côrte, mas que sicrano tem uma actriz. E sempre os namoros, os vestidos, os escandalos, os mexericos, as histo-

rias de paixões... O espirito da creança fita grandes olhos n'estes mysterios pittorescos! E toda esta vida do mundo, de que lhe chega já nas conversas um sopro e uma vaga sensação, dá á sua pequenina alma uma palpitação anciosa,—alguma coisa do que produz o primeiro cheiro das madre-silvas nas borboletas ainda afogadas na vida inerte do casulo.

Qual é depois o resultado? Que vemos aqui meninas, aos quinze annos, fallando com grande auctoridade sobre casamentos, dotes, adulterios, raptos e affirmando que tal comedia é fresca ou que tal romance é immoral.

*
* *

Uma das causas d'esta precocidade é a casa. Um grande agente na educação da creança é a casa. Em Lisboa as casas não teem quintaes, e isto só explica muitos destinos. N'um andar, com janella para a rua ou para o saguão, sem horisonte, sem arvores, sem ar,—a creança estiola. Estiolação lenta, que vae produzindo a sobreexcitação dos nervos, a propensão melancolica, a variabilidade de humor, a debilidade do caracter, etc.

Veja-se a creança educada n'uma quinta. Pela manhã já ella está solta, com um bibe, uns largos sapatos, um velho chapéu. Corre, visita os bois,

69

lucta com o carneiro, abraça o pacifico e grave jumento, preside á reunião das gallinhas, conhece os ninhos, sabe de cór as arvores; cae, enlamea-se, arranha os joelhos, cura-se pulando, recebe os largos abraços do sol, penetra-se de ar, de vida, de viço; e innocente como um bicho, fresca como uma madre-silva, com o bibe sujo, as mãos cheias de terra, o rosto vermelho como uma amora, as narinas palpitando de vida, sem sensibilidade e sem tristezas, com um cheiro de fenos e prados atravessados, espirito vivo da verde natureza, entra em casa aos pulos, berrando pela sua sopa. A' noite, cheia de fadiga, dorme como um canario. — E que educação superior, em verdade, não sae das arvores, das relvas, do pacifico marchar dos regatos, das recolhidas sombras, das searas, dos milhos, de todos os tranquillos seres que cumprem nobremente, e socegadamente o seu dever de crescer!

Mas o melhor é o resultado physico: bom sangue vermelho, forte musculatura, ampla respiração, cabeça fresca, digestão d'aço.

Em contraste veja-se uma menina de dez annos, aqui em Lisboa, n'estas altas casas encarceradas: pallida, curvada, acanhada, com olheiras, lendo já o jornal, cheia de si, caprichosa, ardendo em vontades, em curiosidades — uma boneca de cera habitada por um bico de gaz.

A pequerrucha na quinta habitua-se a estar sobre si, perde o medo, sabe defender-se, tem acção, decide-se. Na cidade são timidas, gritam, encolhem-se, tremem, empallidecem, hesitam, resam aos santos, e estão sempre promptas a refugiar-se nos primeiros braços que as acolhem. Mau habito — dizia a ama de Julieta.

Além d'isso (grave consideração) no campo a creança está longe da sala, das suas conversações, e da sua malicia: — aqui, aconchegada nos mesmos quartos, penetra-se, aos oito annos, do *espirito crescido*, o que é deploravel. E' por isso que ellas aos quinze annos dizem, com um desdem que espanta e faz recuar — *que estão cheias de experiencia!*

*
* *

Será necessario que penetremos nos collegios? — Espreitamos só pela porta. — Um dos grandes males do collegio é o tedio. O tedio enfraquece, annulla o espirito, a vontade, e só deixa viva e exigente — a curiosidade. De que? de tudo, do imprevisto, do que se não tem, do que está na rua quando nós estamos em casa, do que está no vicio quando nós estamos no dever. Ora se alguem se aborrece é uma collegial. Presa, abafada, arregimentada, pa-

rece uma flor apertada entre as duas folhas de um livro. Nada a pode prender ao collegio: nem a serenidade de vida — por que não é o sangue buliçoso e sacudido dos quatorze annos que aspira a repousar: nem o estudo — por que a mulher pela simples constituição do seu cerebro é adversa ao estudo e á sciencia: nem a satisfação de cumprir o dever — por que a comprehensão abstracta do dever não tem presa sobre o espirito feminino. A mulher do dever só comprehende um lado, e esse admiravelmente — o pudor. De sorte que, não a retendo a paz do collegio, nem o interesse da sciencia, nem a influencia do dever — tudo na sua natureza impaciente e curiosa a leva a desejar o mundo, o ruido, a vida exterior. E' n'esse estado de espirito que se encontra diante de horas regulamentadas, de lições, de costuras, o refeitorio insipido, a uniformidade claustral. O refugio são as conversas, as camaradagens, as grandes amizades, os segredos... Mas este mesmo regimen mantem a imaginação perpetuamente excitada. O mundo apparece-lhes como alguma coisa de maravilhoso, de confuso e resplandecente que se balança indefinidamente, ao rumor das orchestras, e sob o esplendor dos lustres: concebem-se, com desproporções absurdas, os theatros, as salas, os bailes: mesmo as que são pobres, e sabem que na familia estarão tão confinadas como no collegio,

teem esperanças sobresaltadas, podem casar, ser ricas... E os grandes impetos dos sonhos partem em largos vôos.

Tomam em desdem os livros e o estudo. Não ha educação litteraria mais falsa, mais esterilisadora do que a dos collegios. Ensina-se á rapariga de oito a dez annos (além das linguas, francez e inglez, que só aprendem bem depois nas familias, pelo uso) — dois monotonos martyrios de memoria — a geographia e a historia: a geographia com as suas listas de rios e montes, a historia com a sua lista de batalhas e reis. Uma creança gasta mezes n'uma lucta aspera, a aprender de cór nomes geographicos e anecdotas historicas — que dois dias depois de sair do collegio esquece voluntariamente, com gosto, como põe de parte o escuro vestido de merino do regimen escolar. A geographia e a historia ficam-lhe sendo assim duas recordações odiosamente collegiaes, duas sciencias caturras que lhe lembram os oculos da mestra e o seu dedo reprehensivo e aspero.

Os collegios, pelos seus methodos fatigantes, repellem o espirito das mulheres dos livros e das coisas da sciencia. E' o que nos acontece a nós os homens tambem com o *Telemaco* e com o *Virgilio*. Passamos sobre elles as compridas e somnolentas noites do estudo, tiramos-lhes palavra a palavra o si-

gnificado duro, choramos sobre as suas paginas a dôr das palmatoadas, de tal sorte que não voltamos mais nem ás piedosas e moralistas idéas do puro *Fenelon*, nem ao grande *Virgilio*, á sua *Georgica*, de profunda educação naturalista, nem á *Eneida*, primeira aurora do mundo moderno, poema genesico de uma transformação social.

Entre nós nenhuma senhora se dá ás serias leituras de sciencia. Não da profunda sciencia (o seu cerebro não a supportaria) mas mesmo dos lados pittorescos da sciencia, curiosidades da botanica, historia natural dos animaes, maravilhas dos mares e dos céus. Isso lembra-lhes a mestra, o dever, a monotonia do collegio. Depois acham vulgar, insipido. Querem ser impressionadas, abaladas — preferem o drama e o romance. As senhoras inglezas e francezas aos serões de familia, leem, ou para si, ou em voz alta aos irmãos mais pequenos ou aos filhos, livros de historia natural, curiosas vidas de animaes, viagens. Os livros de Michelet, tão profundamente sentidos, de uma tão grande harmonia moral, o *Passaro*, o *Insecto*, o *Mar*, a *Montanha* teem sido adoptados como livros de familia, leituras de serão, doce sciencia para espiritos delicados que amam a vida e os seres. Entre nós leem *Ponson du Terrail* ou *Dumas Filho* e o seu bando de analystas lascivos. E, todavia, quanto a historia e a vida das flores,

a maravilhosa existencia dos insectos, a narração de longas viagens, as regiões pittorescas da China, de Sião, das Antilhas, dos povos barbaros, contem mais drama e mais maravilhoso do que a descripção dos amores de Pedro e de Francisca, e como elle fitava uma estrella, e como ella arfava de voluptuosidade, e como ambos se perderam n'um caramanchão.

A imaginação que se desenvolve nos collegios tem outro mal — produz, entre as collegiaes, uma vida sentimental precoce e falsa. D'ahi as mil pequeninas coisas que todos sabem, innocentes no momento, mas que influem mais tarde. As senhoras, mesmo depois de casadas, as contam rindo: são grandes paixões que teem umas pelas outras, com ciumes, intrigas, vinganças, duellos: cartas que se escrevem em que uma assigna João, Pedro, ou conde de tal: o retrato de um primo que se obtem: o chapéu do mestre de musica que se abraça ás escondidas, etc., etc.

Depois, diante das mestras, é necessario que a rapariga esteja seria, correcta, fria — quando a imaginação palpita, arfa por voar e vencer. Para isto é necessario disfarçar. E' nos collegios que se aprende a astucia. As mulheres tornam-se ahi habeis em contradizer com o rosto a alma.

*
* *

Tem dezeseis ou dezesete annos: eil-a entrando na vida. A educação vae-se completar agora por duas influencias — uma interior, a *familia;* outra exterior, a *sociedade.*

A impressão que n'esta edade mais directamente lhe dá a familia — é toda positiva: a necessidade de ter dinheiro para viver. A organisação material da vida e o seu custo dão-lhe logo a certeza que sem dinheiro, sem um casamento rico, a vida moderna não é mais que uma perpetua decadencia e uma humilhação. Não fallamos aqui nem das ricas, nem das santas — duas raras especies. Na familia a rapariga vê a constante influencia do dinheiro; começa a misturar-se no governo da casa, a entrar nas conversas economicas dos paes, a examinar contas, a comprar; — hoje o rol dos fornecedores, ámanhã o da modista, depois o do estofador, e um chapéu, e um camarote de theatro, e as luvas. Tudo lhe mostra a vida applicada, como uma bomba aspirante, á bolsa da casa. A idéa do dinheiro torna-se n'ella fixa. Além d'isso, embebe-se d'ella, nas conversas, nos jornaes. Hoje, no fundo do pensamento ou do sonho, ha sempre o dinheiro. A pre-

occupação não é a religião, nem a patria, nem a arte — é o dinheiro. O desinteresse é despresado como uma ingenuidade bacouca. O mundo estende soffregamente a mão. Primeira, profunda influencia no espirito da mulher. — D'ahi o desejo de casar com dinheiro, casar rica; seja o marido velho, imbecil, rude ou trivial, comtanto que traga o dinheiro, e o poder que elle dá.

Por outro lado a sociedade diz-lhe: *gosa!* Ora na vida da mulher o que se entende por *gosar?* Ter um marido rico, grande luxo de casa, carruagem, camarote de opera, *toilettes* magnificas. — E' o que todo o pae em Portugal deseja para sua filha.

Casar rica para gosar: é em que se resolve a ambição de todo o destino feminino. Dinheiro — e sensibilidade.

Courbet, o mais poderoso pintor critico dos tempos modernos, fez um quadro: *As duas meninas do segundo imperio.* E' uma paizagem magnifica: duas mulheres solteiras descançam alli, na frescura tepida das sombras. Uma, alta, loira, branca, está sentada; tem o perfil frio, secco, o olhar direito, e, com um dedo apoiado á face, calcula: — sente-se que pensa em dinheiro, juros, acções de companhia e jogo de fundos. A outra, deitada na relva, com os braços estendidos como abraçando a terra, trigueira, de physionomia nervosa e imaginativa, a testa curta,

73

os labios seccos, scisma: sente-se que sonha festas, bailes, as grandes voluptuosidades, os encontros rapidos e perigosos no fundo de um parque, e todas as exaltações da sensibilidade. Hoje, pela educação moderna dos collegios, cidades, romances, theatros, musica, moral contemporanea, — as duas *meninas do segundo imperio*, estão em cada mulher: fria ambição de dinheiro, exaltado ardor do sentimentalismo.

Felizmente muitas ha que — pela educação severa, ou pela simplicidade de espirito, ou pelo sentimento intelligente da religião, ou pela influencia da existencia recatada ao modo inglez, — estão como n'uma redoma, não recebem o contagio do mundanismo, e perpetuam o typo puro da mulher perfeita.

*
* *

Julgamos inutil insistir n'estes estudos de moral contemporanea.

Uma só consideração resumirá estas notas: a mulher na presença do mundo tentador — está hoje desarmada. Desarmada, inteiramente. A familia, com a sua dignidade, enfraqueceu; a religião tornou-se um habito incomprehendido; a moral está-se transformando, e emquanto se transforma não influenceia

nem dirige; a fé já não existe; a pratica da justiça ainda não chegou: em que se apoiará a mulher? Isto poderá parecer vago. Um exemplo pois, nitido e pratico. Supponhamos uma mulher nova, educada em Lisboa, com a educação contemporanea. Supponhamos que se lhe diz: «tu terás todas as elegancias e triumphos da *toilette;* as tuas carruagens maravilharão a cidade; ninguem possuirá uma casa ornada com mais gosto e requinte; terás bailes, festas ruidosas e magnificas; amarás loucamente; serás doidamente amada por um homem, novo e bello; os vossos amores serão interessantes como um drama; mas para isto serás forçada a enganar teu marido e descuidar teus filhos, e a tua existencia será peccadora perante a religião, injusta perante a moral, indigna perante a familia.—Acceitas?» Trata-se de saber se a moral contemporanea dá bastante força a uma alma, para que ella repilla, sem magua, sem hesitação, com tédio — esta tentação scintillante.

Ha muita gente ingenua que suppõe que uma grande consideração para a mulher — é o terror da catastrophe. Pueril ingenuidade. Nada tem um encanto tão profundamente attrahente como a catastrophe. Ella satisfaz o desejo mais violento da alma — palpitar fortemente. O que se evita hoje, n'esta excitação do mundo, é o *terra a terra*, o trivial, a chinella, a tranquillidade, o palito nos dentes, e a

virtude plebeia. O que se pede é a commoção, a sensação, o sobresalto. Uns procuram n'a na politica, outros no deboche, outros nas conspirações, outros no amor, outros no dinheiro. Um negociante dizia um dia a Proudhon: *Ha um prazer horrivel em um homem se sentir fallir!* Esta palavra monstruosa contém a explicação de um mundo. Toda a litteratura, theatro, romance e versos educam n'este sentido: vibrar, sentir fortemente. Nós mesmos, que estamos aqui moralisando, escrevemos ambos um livro deploravel, que juntava á insignificancia litteraria, a esterilidade moral — *O Mysterio da estrada de Cintra.* O que é esse livro? A idealisação da catastrophe, o encanto terrivel das desgraças de amor. Sobretudo do amor illegitimo e culpado. Ahi o perigo, o final tragico, attrahem como um abysmo delicioso. O marido que mata a mulher, pensando dar um castigo justo ao peccado, dá um relevo poetico á paixão. O conde Du Bourg, ultimamente em Paris mata sua mulher: ella não morre das feridas: e subitamente, torna-se uma especie de anjo vehemente dos amores illegitimos, e a porta do hospital onde a recolheram á pressa para os primeiros soccorros (fôra ferida em casa do amante) está apinhada de senhoras, de elegantes, de mundanos, que pedem noticias d'ella, deixam-lhe os seus bilhetes, e vão ás egrejas pedir a Deus que a salve da morte.

Quem irá nunca orar ás egrejas ou deixar o seu bilhete á mulher obscura e pacata, que no silencio da sua casa cumpre prosaicamente, sublimemente o seu dever? E' que a nós só nos excita, nos exalta, o drama! O *drama*, eis o nosso ideal. Fazer *drama* eis a nossa perdição. Pelo *drama* desejamos a morte e commettemos o mal. Por elle nos lançamos nos destinos violentos. Ora o homem tem para fazer drama — a guerra, as revoluções, os duellos, os livros, e mesmo (infelizmente para muitos empresarios) o proprio theatro. As mulheres, confinadas no mundo do sentimento, — teem apenas o amor!

XXIV

Abril 1872.

Suppõe, querido concidadão, que no escuro isolamento de uma estrada, eras uma noite atacado por dois ladrões. Preparas-te para lhes deixar nas mãos, amigavelmente, o teu relogio e a tua bolsa de trama de prata. Mas os senhores ladrões pretendiam a mais um pequenino divertimento — que era crivar-te de facadas. Estás n'um momento deploravel... Sente-se de repente o trote de cavallos. E' uma patrulha, uma ronda de segurança! Chega, dispersa á pranchada os senhores assassinos, e restitue-te á vida, aos teus negocios, aos beijos dos teus pequerruchos, ao Gremio e aos teus vicios. Certamente entras em casa transbordando em gratidão sentida. Que excellente patrulha! Que bravura, que promptidão, que decisão! Que gente!

E no dia seguinte, ao teu almoço, recebes um papel dobrado, onde está escripto:

«Deve o senhor fulano á patrulha n.º tantos por soccorros prestados na estrada de tal—27$000 réis!»

Que dirias tu, concidadão amado?

*
* *

Tal foi um caso recente. Uma pequena embarcação acha-se em perigo á barra. Era de noite, escuro mar e escuro céu. A torre de S. Julião dá tiros de «alarme», a pedir soccorro. Mas a embarcação escapa-se á vaga e entra o rio, salva. Era uma bateira. No outro dia recebeu esta conta:

«Deve o barco tal, á torre de S. Julião, pelos tiros de hontem — 2$400 réis.»

*
* *

Ora a torre de S. Julião, avisando o porto, por meio de tiros, da imminencia de um perigo, cumpre um dever estricto de policia: e portanto apresentando ao barco protegido a conta sommada dos seus serviços — cae na inexplicavel singularidade d'aquella patrulha que te salva, concidadão. Esta patrulha argumenta assim: o senhor podia ser roubado e não o foi, estava eu aqui, de capote de oleado, a rondar: o Estado paga-me por isso 360 réis diarios: deve mais o senhor 4$800 réis!

Esta nova interpretação do preço da segurança vae transformar radicalmente os costumes: o bombeiro reclamará do incendiado a despeza de esfor-

ços e de trabalhos que adiantou: o salva-vidas apresenta, sorrindo, ao naufrago uma conta em que sommando as ondas e as forças de remo, — exige 7$200 réis por afogado. O pharol faz suspender a marcha dos navios e destaca o escaler com a conta *tanto de gaz e tanto de boa vontade.*

Animadas salutarmente por estes exemplos, a caridade e a philantropia abandonam o idealismo esteril do seu desinteresse — e reclamam salario. Um cidadão escorrega, outro ajuda-o a levantar, e atira-se logo para uma loja de papel a redigir a conta da sua acção piedosa. Um homem cae ao mar e o barqueiro decidido que o salva, apresenta-lhe, com grandes felicitações, este papel:

Por me ter molhado 1$000 réis.
Por ter nadado 1$200 réis.
Por ter de mudar de fato 800 réis.
Por seccar este 350 réis.
Deve o senhor ex-afogado — 3$350 réis.

*
* *

Uma coisa porém nos perturba n'este systema judaico da torre de S. Julião. E é que sendo ella tão escrupulosa que não adianta, por caridade, de graça, um tiro de polvora — é evidente que ha de por todos os modos pretender evitar que a sua des-

peza não seja integralmente paga. A illustre torre não pode querer de certo que a caloteiem! E de certo só adiantará os seus tiros com segurança de exacto pagamento! Mas como faz a illustre torre para conhecer da honradez dos seus navios? E de noite com um céu negro, um mar bravio, um vento ullulante, o barco é apenas uma fórma indistincta na agua inclemente. A illustre torre não pode saber se elle é uma rica galera ingleza de largo credito, — se uma pobre muleta de pescadores, proletaria das aguas.

Como distingue a preclara torre? Ella não pode fiar os seus tiros, ao acaso. Imagine-se que salvava apenas alguns miseraveis varinos de gabão esfarrapado! — Sua senhoria perdia a sua polvora! Tambem perante um navio em perigo, ella não pode dizer ao vento que se retraia, á vaga que detenha o seu salto, á rocha que se afaste — para ter tempo de perguntar ao capitão: «quem dá vocemecê por fiador?»

Lugubre embaraço!

*

* *

Por outro lado é bem possivel que nem todos os preços convenham ao navio. Um naufrago tem direito a ser salvo, por preços commodos. Pode que-

rer regatear. E a torre anda imprudentemente adiantando trabalho, morrão e polvora por uma embarcação afferrada aos cobres que depois se recusará e dirá: «Não, eu não pedi para ser salva por esse preço; tenho mulher e filhos, não o vou roubar á estrada; a senhora torre, se atirou, foi por que quiz; quem lhe encommendou o tiro?»

E a veneravel torre seria caurinada.

*
* *

Parece-nos isto pois um negocio em que a torre pode perder muito. E com ella o Estado! Porque evidentemente o Estado recebe avidamente o preço da polvora gasta. Nem podia deixar de ser. Não estamos n'uma situação de tal prosperidade que possamos com a imprevidencia de trovadores — gastar 2$400 réis para salvar vinte vidas. Nós damos frequentemente, nos castellos, nas torres do mar, nos navios, salvas de 21 tiros; mas para celebrar os dias de gala e honrar as esquadras ricas que nos visitam. Gastamos com esse luxo contos de réis de polvora — mas para sermos uma nação janota. Para salvar uma tripulação não podemos gastar a mais 2$400 réis. Meia moeda por doze vidas! Dois tostões por vida, é muito.

Não podemos ter a caridade gratuita. E' necessario que o naufrago largue a esportula. «Tu pobre barco, estás ahi n'essa demencia da agua impiedosa, torce-te o vento, ladra-te a onda, esperam-te os rochedos; vens cheio de agua, é de noite, e estamos nós sós, tu, barco perdido, eu, torre salvadora; vaes te despedaçar, vaes morrer. Ora muito bem... Quereis viver, vós tripulantes, ir para vossas casas tranquillos, para os contentamentos da vida, para o bom sol do dia, tu que és novo, para a tua noiva, tu que és velho, para a tua filha? Dae para cá tres moedas. Se sois miseraveis, vendei a rede, o barco, as amarras, mas passae para cá a quantia!»

Com taes fallas, tão logicas, é impossivel que o barco, — não largue os cobres. E o Estado não perderia o seu tempo e a sua polvora.

Tudo para maior grandeza d'este paiz, onde as vinhas florescem, e Osorio medita.

XXV

Abril 1872.

No Porto os missionarios teem ultimamente recommendado ás pessoas devotas que se vão confessar — a casa d'elles missionarios! Sendo as mulheres as que mais beatamente se acolhem á direcção espiritual de suas senhorias, esta recommendação toma desde logo uma significação singular e diabolica.

*
* *

O dispensar o templo e o altar na pratica dos sacramentos — eis uma nova doutrina theologica e catholica, infinitamente original. E' a radical inutilisação do culto. Se um senhor missionario determina confessar na sua alcova — por que não ha de o senhor parocho dizer missa, na sua sala de jantar?

A egreja e a sua santa decoração, as imagens consagradas e os vasos, as aras e os sacrarios, tornam-se inuteis, e começam a ser como as arvores ou

como os theatros, um regalo da cidade, e um ornato do municipio. A religião abandona os templos — e hospeda-se na casa particular dos senhores padres. Suas senhorias tornam o culto uma occupação domestica. Pela manhã armam a mesa em altar para a missa, e á noite põem-lhe em cima, para a ceia, a caneca vidrada com vinho. Penduram a toalha ao pescoço do devoto que vae commungar, e enrolam-n'a depois ao seu proprio cachaço para fazer a barba. Os utensilios da casa servem de alfaias do culto. Como a alcova é confissionario, o pucaro da agua é calix. Para os santos oleos emprega-se o azeite que se emprega para a pescada. Os cadaveres serão levados a casa de suas senhorias e responsados na capoeira ou na sentina. E a creança ao entrar na vida e no christianismo, será baptisada na pia da cosinha do senhor abbade!

*
* *

Tal é a innovação dos senhores missionarios. No Porto a opinião irritou-se porque viu n'esta ordem dos excellentes padres um plano canonico para organisarem commodamente os seus prazeres. O Porto equivocou-se. A recommendação inesperada dos senhores missionarios é simplesmente a applicação de

um principio que é hoje dominante no espirito do beaterio.

O beato, a beata, na religião, não respeitam a divindade, respeitam o sacerdote. Não prestam culto ao Deus, prestam culto ao padre. Para espiritos embrutecidos, taes como os forma a devoção fanatica, Deus é alguma coisa de incomprehensivel, de vago, de perdido no fundo dos céus: pelo contrario o padre é o sempre presente e o sempre visivel. E' o padre que os confessa, os communga, os penitenceia, os doutrina, os guia. De sorte que, lentamente, todo o poder, toda a sabedoria, toda a santidade a attribuem ao padre. Deus está n'um indefinido mysterioso, na profundidade dos firmamentos: o padre está alli, na sua rua, ao pé da sua casa, sempre prompto, e torna-se assim um Deus ao alcance dos sentidos e ao contacto da mão. Veja-se uma beata ou um beato diante de um padre: beija-lhe a mão com temor, conserva os olhos baixos e aterrados, respeita-lhe a casa como um templo; se entra a porta faz mesura como deante do sacrario, não se atreve a contradizel-o — como á mesma sabedoria; julga-o impeccavel, candido e perfeito; e toda a philosophia d'esta adoração profana, está no grito pavoroso d'aquella beata: «ai! maldita seja eu, que sem saber, enxotei o gato do senhor abbade!»

*

* *

Por tanto os senhores missionarios, costumados a serem tratados como Deus, fazem naturalmente das suas casas egrejas. Continuam logicamente a santidade que o beaterio lhes attribuiu. O logar que habitam julgam-n'o consagrado. E é com uma sinceridade ingenua que elles confessam nas suas alcovas — e dirão talvez missa na sua cosinha.

Sómente, com todo o respeito perguntaremos aos senhores bispos, se não teem, entre os direitos da sua auctoridade, a interdição, — e aos senhores governadores civis se não teem, entre os edificios do seu districto, a cadeia. E ficaremos tranquillos.

XXVI

Abril 1872.

Como mudam os tempos! Ha cincoenta annos, na Peninsula, o Legitimismo governava triumphalmente, e apenas, pelos montes, nos despovoados, alguma guerrilha constitucional, mal armada e mal mantida, perseguida com mais rancor que um lobo, protestava, em nome da vaga e indefinida deusa que tem entre os homens o nome inintelligivel de Liberdade, a raros tiros de espingarda. Hoje, ai! o constitucionalismo de guerrilha fez-se exercito, apoderou-se do Estado, estabeleceu-se no Thesouro, e é o legitimismo que anda agora a monte na Navarra e na Biscaya.

*

* *

Nós somos neutros — inteiramente neutros, entre Carlistas que pretendem a Hespanha, e Constitucionaes que a possuem. Parece-nos que ambos teem rasão, porque a Hespanha é um paiz rico e bello,

e deve ser bom possuil-a. Nós dois, pela nossa parte se tivessemos armas, guerrilhas, munições, um emprestimo e um partido, tambem iriamos, ao ruido dos tambores, de bandeira ao vento, reclamar a Hespanha. O mesmo sr. Melicio, se tivesse um exercito e artilheria, tambem quereria a Hespanha para si. Teriamos então o Melicismo. O que cohibe o sr. Melicio é não ter artilheria.

*
* *

Sómente, apezar da nossa neutralidade, não podemos deixar de notar a attitude feroz dos padres n'esta guerra carlista. São curas que commandam as guerrilhas. São elles que pregam, fanatisam, armam, guiam, atacam. E é singular como mãos immaculadas e costumadas á hostia teem tanto vigor para a clavina.

Já um poderoso philosopho fez notar que o temperamento da padre é inclinado a fazer soffrer. Está na memoria de todos os christãos, pela tradição do Evangelho, a subtil, a ferina crueldade dos phariseus, que eram sacerdotes. O padre impelle á guerra. As matanças de mouros, turcos, albigenses, lutheranos, judeus, christãos novos, que encheram a historia de sangue, foram prégadas, dirigidas, exe-

cutadas por padres. A inquisição é ecclesiastica. A Egreja poz alli, na invenção dos tormentos, toda a subtil habilidade que tinha posto na argumentação da casuistica.

Os processos de feiticeria deram aos padres occasião de accender, durante dois seculos, uma fogueira por dia. Os cilicios, contas de prégos, disciplinas, são de origem devota. Depois do corpo a alma. Pela penitencia, pelo confessionario, os padres gostam de fazer chorar, soffrer, amargurar, tremer de medo. Sobre tudo ás mulheres. Opprimir parece ser o instincto do sacerdote. Nas guerras civis são os primeiros a armar-se — e sem querer procurar nos seus habitos, na sua educação, no seu temperamento, a secreta explicação d'estas tendencias sanguinarias, não é talvez inteiramente inutil contar uma historia veridica e lugubre, que caracterisa, com poderoso e melancolico relevo, a ferocidade ecclesiastica nas luctas civis.

Era no tempo das guerras de D. Miguel. Um homem, ainda hoje vivo, constitucional, tinha sido ferido. De miseria em miseria, conseguira recolher-se, esconder-se n'um povoado, em casa de umas pobres mulheres velhas. Boa gente, piedosa, assustada, consumida pelos terrores do tempo. O homem convalescia. Começava a erguer-se, a vir á porta, ao sol, tiritar debilmente a sua fraqueza. Um dia as

duas mulheres appareceram n'uma grande afflicção. Tinha chegado ao povoado o Batalhão Sagrado. O homem fôra denunciado.

O Batalhão Sagrado era composto de padres armados de clavinas e foices. Era a guerrilha idiota do assassinio. Longe das suas egrejas, desembaraçados dos votos, na liberdade da serra e dos caminhos, avidos como animaes soltos, de clavina ao hombro, iam estes sacerdotes levando atravez das povoações — uns a colera bestial do seu fanatismo, outros a violencia animal da sua sensualidade, todos uma lugubre e temerosa oppressão. Eram temidos mais que todos os flagellos. Matavam e prendiam. E a prisão era peior que a morte — porque era a tortura requintada e monstruosa. As duas mulheres tremiam ao pé do doente.

— Bem, disse elle, vocemecês em todo o caso não teem que temer. Se os padres vierem eu cá estou. Apresento-me, digo que estava aqui contra a vontade das senhoras. Atiram-me para um canto e acabou-se. Estou fraco, não me ha de custar muito morrer. Se dessem busca á casa e me achassem para ahi escondido, davam cabo de mim da mesma maneira, e vocemecês padeciam. Assim é melhor. Eu cá estou.

As mulheres choravam, queriam esconde-lo; o homem recusou com a indifferença de um vencido.

D'ahi a pouco o Batalhão Sagrado, com grande ruido de armas, apparecia ao pé da casa, de batina arregaçada, cruz na mão, foice ao hombro.

O homem saiu e disse tranquillamente:

— Aqui estou, sou eu. — Então dois padres, approximaram-se: cada um o tomou por um lado do rosto, pelas barbas, rindo, e com um empuchão terrivel arrancaram-lh'as! O homem caiu no chão. Os padres amarraram-n'o com cordas em cima de um macho, e partiram com elle victoriosamente, cantando o Bemdito, para as prisões de Almeida. A jornada durou dias. Era no verão. Os asperos caminhos ardiam de sol. O homem levava o rosto em chaga, com um continuo suor de sangue. A poeira, o sol, calcinavam-lhe as feridas. Levava as mãos amarradas, e as moscas picavam-lhe a carne viva. Quando chegavam ás tabernas, os padres atiravam ao homem um pedaço de pão. De vez em quando, por desfastio espancavam-n'o, picavam-n'o com as pontas das baionetas. A inflammação fazia-lhe nas feridas uma dôr pungente, que o pobre homem, domando o orgulho, pedia que lhe mitigassem com agua fresca. Os padres então, com grandes risadas... Não pode ninguem escrever o que faziam os padres do Batalhão Sagrado, para refrescar aquellas feridas! Ao chegar á cadeia, atiraram-n'o para cima de uma esteira.

Quando voltou a si, um homem estava debruçado sobre elle. Era um enfermeiro de acaso, um preso tambem, um compadecido d'aquella desgraça. Esse preso piedoso não era um vencido politico. Era um assassino. — E foi elle que curou as chagas feitas pelos senhores padres do Batalhão Sagrado.

XXVII

Julho 1875.

Na viagem memoranda e victoriosa que Sua Magestade El-Rei fez ás provincias do Norte as cidades e villas observaram uma singular tactica: disfarçaram-se. Mal Sua Magestade se avizinhava, as localidades cobriam-se, como de um *dominó* administrativo, de arcos de murta, bandeiras, festões, ramos de louro, colxas de damasco, docéis de panninho, lanternas, e fumo de foguetes. A senhora localidade ficava assim escondida, despercebida, agachada, mascarada, transvestida, sob a decoração de verduras fatigadas e de damascos desbotados. Ora as cidades e villas deviam saber que Sua Magestade não foi ás provincias do norte para se divertir!

O Minho tem, sim, uma paizagem original, murmurosa e profunda. Mas Sua Magestade conhecia o Minho e o encanto das suas sombras, e não é conjecturavel que para se refazer dos tedios emollientes da sua capital, fosse buscar a Laúndos ou a Bouças a fina flôr das sensações. Aquella viagem

não era um suave regalo, era um fatigante dever; e Sua Magestade ia, pelas monotonas exigencias do seu cargo, examinar o estado das provincias, ver a sua civilisação, a sua ordem, a sua vida na agricultura, nos estabelecimentos, nos costumes, na feição das ruas. Não nos parece pois coherente que cada localidade — em logar de se mostrar em toda a sua realidade e verdade — se disfarçasse, se embuçasse em murtas, loiros, verdes, festões, alfazemas, de modo que Sua Magestade poderia, perante aquelles aspectos folhosos, suppôr-se — não reinando sobre um paiz — mas governando um caramanchão!

Para honrar a presença do Rei e glorifical-a lá estavam as multidões, o seu aspecto festivo e amoravel, e as vivas glorias das acclamações. As colxas eram inuteis. Não se desejava saber a opinião das colxas. Sua Magestade preferiria sempre um bom grito alegre que saúda, á fileira dos ramos seccos que pendiam mesquinhamente na amarellidão da poeira. Detraz d'aquellas galas de arcos e de colxas, melancolicas como esqueletos de triumpho, occultavam-se como um muro velho por traz de uma trepadeira florida, as casas sujas e velhas, as ruas latrinarias, a infecção das cadeias, o escuro desleixo dos quarteis, a negrura das tabernas, a immundicie das repartições, a accumulação dos enchurros, a pobreza estagnada das lojas — e se Sua

Magestade afastasse o ornato administrativo, — encontraria a miseria publica!

*
* *

Em compensação a localidade, mal chegava El Rei, punha a mesa. Não o deixaram examinar, respirar, estudar, escovar o pó. Jante! E os proprietarios arrastavam-o, debaixo do pallio, para a pesada pompa das merendas minhotas. Não lhe mostraram uma quinta, um estabelecimento agricola, uma fabrica, um edificio, uma paizagem, uma obra d'arte, uma idéa, — mostravam-lhe silenciosamente a perna de vitella. Faziam-o viajar, de mesa em mesa, por entre uma paizagem de colxas. Os srs. proprietarios não suppuzeram que Sua Magestade fosse um espirito, uma curiosidade, uma observação — suppunham só que era um estomago: elle vinha, dobravam os negocios, e desdobravam a toalha.

A provincia do Minho, de grande e gordo alimento, suppõe que Lisboa amarellada e debil não come. A'quelle que chega de Lisboa apressa-se a gente estimavel — a fartal-o. Com Sua Magestade o cuidado foi tão exaltado que lhe deram bois vivos. Algumas camaras desejariam substituir a ceremonia gothica da entrega das chaves — pela entrega dos bifes. Por-

que todos, n'aquellas pittorescas villas de remotas e decrepitas idéas, suppunham que Sua Magestade não fazia uma viagem politica, mas uma excursão alimenticia: e que Sua Magestade, a respeito dos povos — não lhes queria o amor, queria-lhes o lombo. Além d'isso, muitos ingenuos d'aquelles logares frondosos querem ser *barões;* e suppuzeram que a melhor maneira de attrahir a boa vontade d'El-Rei, não era á custa de acções valiosas, mas a dóses de carne assada. E tanto fizeram n'esta recepção succulenta — que Sua Magestade poderá muito bem trazer esta idéa das suas provincias do norte, — que ellas não são nem florescentes, nem decadentes — que são apenas indigestas. E invejam-se os Reis!

*
* *

Quantas singularidades, n'esta viagem, da parte das camaras! Um pouco antes de Villa do Conde — na estrada, á passagem do rei, erguia-se este ornato: um palanque — um palanque! — com um mestre escola cercado dos seus discipulos, funccionando. Decoração inesperada! As escolas até aqui tinham sido quasi tudo, desde enxovia até curral: só não tinham sido duas coisas — escolas e arcos de buxo.

Mas eil-as agora substituindo galhardamente, nas estradas armadas em gala, a columna de lona do tempo de D. João VI! A camara escolheu delicadamente a escola para enfeite: podia pôr alli uma philarmonica ou um mastro: preferiu a escola. A instrucção torna-se festão de luxo; o ensino arma-se em quadro vivo! Que dizem os livros e os espiritos sentimentaes que a escola é civilisação, é paz, é futuro, e tantas sonoras imaginações! A escola é ornato municipal, é arrebique de festa, para armar as ruas, enfeitar os largos em vesperas do S. João e nos anniversarios da Carta. É uma revelação, isto. A camara tinha alli aquella escola, não lhe servia de nada, extinguia-se mesquinhamente a um canto, sob o lento bolor. Pois bem. Tira-se a escola da sua inercia, escova-se, arma-se sobre um palanque, põem-se os meninos em posições estudiosas, arranja-se o mestre com gravidade pedagogica, põe-se-lhe rapé novo no nariz, envernisa-se a palmatoria, espera-se; ao longe na estrada a poeira ennovella-se, é El-Rei, sentido! os trens rodam surdamente no mac-adam, já se vêem os bordados das fardas, eil-os! E como se poderia erguer nos tambores e nas trompas o hymno — ergue-se nas boccas estudiosas o B-a-ba. Eis o A B C hymno municipal! No dia seguinte os festejos murcham, desfazem-se os arcos, despregam-se as luminarias, desarma-se a

escola — e tudo, lamparinas, livros, ensino e ramos de loiro, volta a apodrecer nos sotãos da casa da camara!

Achou-se emfim, ás escolas, um fim, um destino, uma utilidade: ornatos de gala. E esperemos que na proxima viagem d'el-rei ao Norte, seguindo-se o exemplo intelligente de Villa do Conde — os jornaes digam:

«A estrada de Penafiel a Amarante estava brilhantemente adornada de escolas primarias: de espaço a espaço, sobresaíam, com lindo effeito, lyceus: havia idéa de pôr no tôpo a Universidade — mas este notavel estabelecimento scientifico — não chegou a tempo!»

Oh terra do nosso berço!

*
* *

No emtanto os jornaes serios commentavam a viagem d'El-Rei: e nas suas columnas circumspectas puderam-se ler, com sobresalto, estas linhas textuaes e extraordinarias:

«Foi uma providencia mandar para (nome da localidade, vimos Penafiel, Villa do Conde, Villa Real, etc.) um regimento — por occasião da passagem de Suas Magestades, porque se não poderia prever onde chegaria, sem a energica interferencia

da força publica, o enthusiasmo das populações ao avistar a real familia.»

E em Lisboa, tremiamos, com apprehensões pungentes. Aquella palavra, cheia de prudencia, fazia-nos suspeitar nas povoações do Minho — pavorosas especies de enthusiasmo. Para o reter marchavam providencialmente os regimentos e mordiam-se os cartuchos. Lembrava-nos aquelle legendario rei mouro que, possuido de um amor sobrenatural pelo seu serralho, o mandou retalhar ao fio de alfange. Lembrava-nos o amor do leopardo, que nos mezes magneticos em que o seu pello faisca no fulvo ardor dos juncaes, rasga e dilacera a femea. — Para que escondel-o? Temiamos, sim, que pelo dizer dos jornaes intelligentes — onde Sua Magestade fosse recebido apenas com agrado — ficasse apenas contuso. — Mas que nas povoações, onde o recebesse um enthusiasmo exaltado... ah! receavamos ler, em noticias d'ahi:

«Na nobre povoação de tal, o enthusiasmo e a ovação cresceram ao entrar El-Rei sob o pallio. Os membros de Sua Magestade dilacerados e espalhados em poças de sangue, pela estrada, testemunhavam o amor dos habitantes pelo neto de D. Pedro IV! O senhor infante D. Augusto, comprehendido no amor do povo, teve tambem a sua parte de ovação e lá está — partido ao meio!»

Taes são os jornaes serios! Tal tu foste, *Commercio do Porto*, excellente folha somnolenta!

Folha de tedio, folha grave e ouca,
Quem tão soturna, te espalhou na rua?

*
* *

Aconteceu, pelas estradas que Sua Magestade percorreu, que, ás vezes, saía ao caminho um homem de casaca ou uma mulher de branco; pedia ao rei um instante de demora, desembrulhava um papel — e lia uma ode ou uma falla. Este procedimento, inaugurado no Minho, agora innocente, gracioso, singello, pode tornar-se com o tempo, fatal. Se Sua Magestade não se recusar a estas leituras de estrada, pode ver um dia o seu caminho ladeado de auctores impacientes, repletos de manuscriptos. O furor da publicidade desvaira. Tendo possibilidade de fazer parar o rei, o seu sequito, o povo, e formar assim um publico, o pensador da provincia salta á estrada, desdobra a prosa e accommette. Quem tiver um livro manuscripto, mette-o na algibeira, senta-se n'uma pedra, e espera a familia real.

Ora não é justo que quem nas provincias tiver

composto em noites trabalhosas uma peça litteraria se julgue obrigado a não privar d'ella o rei. A viagem de Sua Magestade não é a edição gratuita dos poemas da provincia. O proprietario imprudente que tiver nutrido no seu seio uma ode, que a afogue, mas não saia com ella á estrada. Saia antes com a clavina. El-Rei partiu confiado no amor dos seus povos, desprevenido; não deve encontrar á esquina de cada muro a face pallida d'um poeta inedito. El-Rei julgava as estradas seguras. Quando muito podia suppôr que encontraria lobos. Vates, não.

A condescendencia de Sua Magestade pode ser-lhe fatal. Quando vir despontar o sujeito inspirado, faça romper a galope. Não são demais todas as forças d'uma parelha, — contra todas as ameaças de uma ode!

Se consentir em parar perde-se. Sua Magestade não sabe do que é capaz a poesia de provincia. — Começam suavemente pela ode, e terminam pelo volume. Sua Magestade vae n'um plano inclinado com a sua imprudente bondade. Consentiu em ouvir uma falla de jubilo — terminará por ouvir um tratado de arithmetica.

E ainda poderá acontecer que um dia, indo Sua Magestade incautamente, por uma estrada, recostado na sua caleche, veja surgir d'um recanto um

homem pallido, que estenda a mão e diga, lendo: *Por uma bella tarde de verão dois cavalleiros embuçados em capas alvadias, subiam a encosta alpestre do monte discreteando de coisas de amor...* Isto, real senhor, é o meu romance *Isaura ou a Vingança do Moiro*, em 3 volumes. Eu continuo!

*
* *

Quando Sua Magestade chegou a Villa do Conde esperava-o uma pompa singular. Era uma delicadeza da camara. Estavam na estrada, formados em alas, respeitaveis — 160 bois!

Não queremos escandalisar o boi. Muito menos o boi do Minho. Este animal enorme, gordo, lusidio, atletico e meigo é o melhor boi das creações de Portugal; poderoso trabalhador, carne tenra, riqueza dos prados, maravilha dos mercados de Londres. Mas se estimamos o boi nas calorosas fadigas do arado; se o apreciamos na placidez das paizagens planas; se o contemplamos amoravelmente,— destacando, no silencio das sestas, entre as altas verduras ou no descorar do occaso, quando já se eleva a quente exhalação do prado e se começa a ouvir o canto dos sapos, e voam as borboletas pardas — movendo-se para o curral na fila mugidora e

lenta; — se o amamos mais tarde — com mostarda e Bordeos — ai! apreciamol o muito limitadamente — em alas. Em alas só soldados n'um apparato militar, irmãos do Santissimo com tochas, ou renques de arvores na terna tristeza das alamedas. Bois não. Para que?

Senão, digam-nos: — Para que estavam ali? Em que qualidade? com que intenção? Como bois não. O boi está nos campos, ou no prato. Em alas nunca. Em que qualidade se perfilavam, esperando, na poeira da estrada? — Representavam como policias, para conter em alas a multidão impaciente? Estavam como curiosos? — Por que então, sendo assim, evidentemente se abre uma epocha inesperada nos destinos do boi! Se elles podem policiar, á orla das estradas, á chegada de um cortejo, então, é talvez economico, conveniente e seguro — que Lisboa e Porto substituam a policia civil — pelo gado bovino. O boi é mais solido, mais sobrio, mais duradouro e serio que o *policia*. Não seria o boi que levaria a sua tarde vigilante, em attitude namorada, diante da criada da esquina: não seria o boi que entraria no fumacento ruido da taberna, a parceirar com os homens do fado. Não. Mas tinha inconvenientes. Seria o boi respeitado? Ah! é bem certo que se poderia ler nas gazetas aterradas: «Hontem um bando de facinoras agarrou o policia n.º 6, todo

89

preto com malhas, e assou-o no espeto. Providencias, sr. commissario!» — Ou ainda: «O café Central acaba de fazer acquisição do policia n.º 20, castanho, e tem-o á disposição dos seus freguezes para ceias e almoços. Informam-nos ser da mais tenra a carne d'este agente da força publica.»

Por outro lado, se o boi estava ali como curioso, para ver o cortejo real, que revolução nos seus habitos! O boi começa a attender ás coisas da civilisação. Interessa-se, interroga, examina, aprende. Eil-o observador, leitor, espectador. E o boi que vae ver passar o rei, leva-nos logicamente ao boi que vae ouvir cantar a *Lucia*. Eil-o nos theatros, sentado, com uma camelia na papeira, luva *gris* na pata, correndo o binoculo pelas *gazes* enganadoras do corpo de baile. Eil-o cheio de impressões, de desejos, de vida social. Eil-o do Gremio, eil-o conversando de perna dada, com o sr. Melicio, na augusta sombra da arcada. Eil-o nas locaes: «Hontem foi pedida em casamento a filha mais velha da sr.ª viscondessa de... por um dos mais elegantes e conhecidos bois da nossa sociedade. Parabens aos noivos.« Ou tambem: «Vimos hontem, um dos bois nossos amigos, com a sua gentil noiva, a condessinha de... passeiando em Cintra nos Setiaes. A gentil noiva, graciosa como sempre, estava de côr de rosa. Seu esposo, aquelle boi tão elegante e tão

crevé que nós todos conhecemos, hoje dado todo á familia, ia junto da sua interessante esposa — pas-sando!»

Oh! bois!

Ah! se por acaso Sua Magestade El-Rei viajasse, pela aldeia, n'uma digressão agricola, a pé, seria pittoresco, de uma bella e nobre simplicidade, fazel-o entrar nos prados, entre as possantes juntas de bois suados do trabalho. Mas n'uma estrada, n'uma viagem politica, n'uma recepção official, os bois misturados com as auctoridades, a anca do *Russo* roçando a farda do sr. administrador, a cauda do *Ligeiro* fustigando a suissa do sr. recebedor da fazenda!... Dir-se-ia que os bois faziam parte da deputação da villa, e que quando o sr. presidente da camara na sua allocução disse *nós*, se referia — ás auctoridades e ao gado: e certificava ao rei que era bem recebido e querido — dos cidadãos e dos bois.

Se por acaso, porém, os bois estavam ali como ornato, arrebique, com a mesma intenção com que estariam arcos de buxo, parece-nos imprudente da parte de Villa do Conde substituir as grinaldas de verdura — por animaes de carne. É inconveniente adornar uma estrada com carne crua. Póde ser um funesto exemplo. A villa seguinte, querendo rivalisar em galas, póde adornar as ruas com carne co-

sida. E encetando-se estes festejos de carne, póde succeder, desastradamente, que no futuro numa povoação exaltada — em logar de atirarem a Sua Magestade flores, lhe atirem almondegas!

*
* *

A ovação tão espontanea, tão bella, feita a Sua Magestade no theatro do Porto, teve um singular final. Os mancebos elegantes, dizem os jornaes, que, n'uma grande acclamação, acompanharam o carro de Sua Magestade, — ao chegar ao paço despiram as suas casacas pretas e estenderam-as no chão, para El-Rei passar por cima.

Srs. mancebos, achamos equivoca esta demonstração! Os srs. mancebos, costumam ahi no Porto fazer ás vezes essa estrada de casacas pretas aos pés mimosos de uma dançarina ou de uma *contralto* famosa: não era logico que a repetissem a El-Rei. Os enthusiasmos politicos pelos reis devem differir na essencia dos delirios nervosos pelas actrizes. N'uma ovação a uma dançarina ha phantasia, exaltação, bohemia, apparencias de orgia, bebeu-se nos entre-actos, tem-se os nervos impacientes, vem-se da luz do gaz e do pó de arroz dos camarins, ha

uma ponta exigente de amor, ella sorri, atira beijos, os seus olhos, gulosos de ruido, scintillam sob o capuz de setim, rasga a luva em reliquias; grita-se, está-se febril, estroina, absurdo, e quando ella desce do carro, atira-se com o paletot, com o lenço, com a vida, por violencia, petulancia de sangue, desordem de sensações, como se atira, na cascalhada de uma orgia, com as *garrafas de Champagne* aos espelhos melancolicos do restaurante! Não é assim com Sua Magestade.

Victoriar o rei é uma affirmação politica — não é uma estroinice ruidosa. Consciencias de cidadãos que se affirmam não são bambochas de estudantes que estalam. Não é o cidadão que está ali quando um homem despe a sua casaca para que a dançarina tal poise o seu pé subtil: é o rapaz, o estroina, o doido, o amante: não é o cidadão. Quando um homem acclama o rei — é o cidadão que está ali; não é o namorado, nem o *dilettante*, nem o estroina. Ora despir assim a casaca póde ser natural no estroina, não é digno no cidadão!

Ou Sua Magestade é recebido como um rei — isto é, uma politica, um principio, uma idéa, e então deve ser applaudido com dignidade, convicção, seriedade: ou é recebido como uma dançarina famosa e então não se lhe apresenta o pallio — dá-se-lhe uma ceia na Foz, na *Mary*, com *Champagne* por

copos de agoa, *lorettes* encommendadas e o *baccara* da madrugada.

Sua Magestade foi ao Porto ter a adhesão dos cidadãos, e vendo as suas acclamações cerradas, as suas generosas alegrias, poude julgar-se entre cidadãos honrados, de consciencia séria, de auxilio seguro e forte, solidas amizades para a sua dynastia. Mas, de repente, os sujeitos despem as casacas, como n'uma orgia — e Sua Magestade, que se suppunha entre cidadãos, acha-se apenas entre *pandigos!* Ora Sua Magestade não viaja para recolher nas provincias a adhesão da patuscada!

Os srs. mancebos não se lembraram que ao lado do rei ia uma senhora — e que não é uso em taes casos mostrar as mangas da camisa. Para se cumprimentar a rainha não se toma a attitude familiar com que se faz a barba. Se entre os senhores é maxima — que quanto mais estima menos roupa — pedimos-lhes em nome do decoro que não estimem El-Rei de mais. Já o amam até ficar em mangas de camisa, não vão aprecial-o até ficarem em piugas! É o pudor que o pede, mancebos! Vós ides na amizade real e na *toilette* por um declive. A liberdade, não vos pede tanto. Parae, temerarios. Deixae-vos ficar de calças!

E sobre tudo, meus senhores, não se mostra a um Rei que elle tem vassallos que julgam a sua

casaca mais bem accommodada nas lages da rua do que no proprio corpo.

Por Deus! Os srs. não festejavam o 9 de julho, que os srs. chamam o dia da liberdade? Pois bem, não é proprio festejar a liberdade com as maneiras da escravidão!

E, depois, uma consideração que ha de ferir os vossos espiritos é que o panno preto está pela hora da morte! É que ha pó, lama, sujidade na rua. E que podieis arriscar-vos a que o dia 9 de julho, não vos ficasse gravado no espirito pelas lembranças da liberdade — mas pelas nodoas da casaca. E seria terrivel que o commentario d'esse dia não fosse a gloria — fosse a benzina!

Acautelae-vos, filhos do Porto e do paiz.

92

XXVIII

Julho 1872.

Eis ahi, espetada na ponta da nossa penna, mais uma proesa ecclesiastica. Os senhores padres prodigalisam-se, e os seus feitos despertam a cada momento, com um rumor irritado, o silencio da opinião. O paiz está com o clero como um homem debil e nervoso que sente umas unhas compridas raspar a cal da parede. Encolhe-se, dobra-se, geme. E termina por mostrar aos senhores ecclesiasticos os seus dois poderosos punhos — fechados e impacientes.

*
* *

Assim, que murmuração hostil em torno do sermão politico do senhor prior de Bellas! Realmente o caso é caracteristico. — Tinhamos o sermão galante — e apparece-nos agora o sermão politico — ou antes tinhamos o sermão obsceno e estamos em presença do sermão injurioso.

O sermão obsceno é uma particularidade minhota dos senhores missionarios. Um de suas senhorias sobe devotamente ao pulpito, e depois das *ave-marias* murmuradas, olha pausadamente a multidão feminina, apertada e contricta, e com gestos sumptuosos, annuncia que vae *tratar da castidade*. *Tratar da castidade* significa contar a que se arriscam nos futuros infernos d'além-vida os que commettem os ternos peccados do amor. E então o senhor padre, revolvendo o assumpto com a soffreguidão com que um avaro revolve o dinheiro, dilata-se, explica, diz as palavras proprias cruamente, descreve, conta anecdotas, especialisa attitudes, faz certas prohibições, marca dias, prescreve abstenções, divide as especies, aprofunda, exalta-se, clama, — e as mulheres coram. E a *Correspondencia de Portugal* contava ultimamente que n'um d'esses derradeiros sermões o povo rompeu n'um grande tumulto indignado, e saiu do templo como d'um logar deshonesto. Tal é o sermão *galante*.

*
* *

Do sermão politico deu-nos o senhor prior de Bellas um exemplo accentuado e conciso. Sua senhoria debruçou-se levemente no pulpito, e a dou-

trina que ensinou foi que Victor Manuel é um ladrão, e que é um ladrão o sr. de Bismark. De resto Pio IX é Christo. O que nos encanta n'este sermão é a originalidade. É o sermão artigo de fundo. Até aqui o sermão louvava o santo do dia ou commentava a festa sagrada; agora ataca a politica e discute as dynastias. O padre é o jornalista de sobrepeliz. O pulpito alarga-se em tribuna. O sacerdote volta-se para o Christo do altar e grita-lhe: peço a palavra sobre a ordem. O clero sae do ceo, e entra na Arcada. Põe-se de parte Deus, e enceta-se o sr. Braamcamp. — E leremos em breve nos jornaes: «Tivemos hontem nos Martyres um bello sermão de opposição!»

E ouviremos, na quaresma, o sr. Melicio, o reverendo Melicio, prégar em S. Domingos sobre a questão do real de agua!

*
* *

Mas distingamos: o sermão do senhor prior de Bellas não foi uma critica politica, foi uma diffamação pessoal. O senhor prior não analysou historicamente, juridicamente, os actos de Victor Manuel e as idéas de Bismark; não: chamou-lhes simplesmente ladrões.

Isto significa que a nova especie — o sermão politico — é empregada não na critica mas na injuria.

Quando se quizer commentar a politica d'um ministro lá está a imprensa, a tribuna, a conferencia, o livro, — isso é da competencia profana: mas quando se quizer injuriar o ministro, lá está o pulpito, — isso entra na attribuição ecclesiastica.

O sermão politico, seguindo o exemplo discutido, nada tem com a critica legal, parlamentar, scientifica; o sermão é sempre para o vituperio. Quem quizer uma apreciação sobre o sr. Fontes, dirije-se á *Gazeta do Povo:* só no caso extremo de o querer injuriar é que se dirige ao prégador: e este, revestido dos seus habitos, sobe ao pulpito, e na presença das imagens, depois de se persignar e de tossir, com gesto devoto, fazendo ondear a estola — debruça-se e clama:

«Meus amados ouvintes. O sr. Fontes é um ladrão. Peço um padre-nosso e duas ave-marias.»

Quando Monsenhor Oreglia, nuncio apostolico de Sua Santidade, partiu para Roma, levou comsigo, como um documento vivo e actual, a collecção das *Farpas*, cheias de historia ecclesiastica: «*Hei de dar isto a ler no Vaticano, e ha de fazer seu barulho*», disse Sua Eminencia. — E assim a critica in-

quieta teve a honra de ir depôr diante da immutavel tradição! Pedimos a Monsenhor que deponha estas paginas veridicas, perfil exacto dos sermões portuguezes, aos pés do Santo Padre, — com a uncção dos nossos respeitos e o beijo de paz nas suas mãos apostolicas.

XXIX

Julho 1872.

Na Foz, ha pouco, voltou-se uma lancha. Morreram 14 homens.

Os soccorros foram dados por uma lancha de pilotos, que se apressou corajosamente, e por outro barco, que veiu, n'um risco agudo, da praia do Cabedello. Conseguiram salvar 10 homens: 14 morreram.

*

* *

A 10 passos do mar, repousava placidamente o *salva-vidas*. O *salva-vidas*, não desceu ao mar. Fez como o Palacio da Torre da Marca, ou como a estatua de D. Pedro IV — deixou tranquillamente os pescadores na agonia das vagas. Entendeu que não era com elle. Eram apenas 14 homens que iam morrer afogados. Quem tinha obrigação de vir era a bomba dos incendios. O *salva-vidas*, não. O *salva-vidas* só se moveria para algum caso especial,

em que elle pudesse dar os seus serviços especiaes — como, por exemplo, se tivesse desabado um muro.

Então correria. Assim, como era um naufragio, o *salva-vidas* conservou-se immovel, aboborando.

*
* *

O *salva-vidas* da Foz tem um fiscal remunerado e tem a Commissão do *Salva-vidas*.

Esta commissão, cujas attribuições ignoramos, revela ás vezes a sua existencia na prosa das gazetas. Lê-se: «Hontem reuniu-se a Commissão do *salva-vidas*, em assembléa geral, para deliberar»; ou «Foi mandada louvar pelo governo civil a commissão do *salva-vidas*».

D'estas deliberações e d'estes louvores resulta que, quando se volta uma lancha com 24 homens, morrem 14; resulta que tem de se aprestar, rapidamente, na afflicção, um barco casual, com homens voluntarios e compassivos, que ás vezes se volta n'uma violencia de mar, e complica o desastre; e resulta que o *salva-vidas*, nem sequer *finge*. Podia descer, molhar-se, navegar um instante: não; conserva-se agasalhado na sua habitação onde, dizem rumores gloriosos, elle está embrulhado em algodão, n'um cofre.

No emtanto a opinião interroga o senhor fiscal. O senhor fiscal explica:

— Não saiu o *salva-vidas*, porque não ha tripulação.

Assim foi muito tempo.

O *salva-vidas* não tinha tripulação. O Porto confiou sempre que o *salva-vidas* se tripulasse a si mesmo. Porque, emfim, um barco que tinha a forma, a construcção apparente, o tamanho dos outros a que se chamava *salva-vidas*, devia ter qualidades originaes, exclusivas, de excepção — e que naturalmente possuia o poder de se dirigir e de se tripular. E esperou-se sempre que, se houvesse um naufragio, o *salva-vidas se* desamarraria, *se* metteria cordas e cabos, *se* desceria ao mar, *se* remaria, *se* iria ao leme, e elle mesmo estenderia a prôa, como mão salvadora e firme, aos naufragos desolados. Esperava-se isto do brio do *salva-vidas*. Vem um naufragio. Bom! Abrem-se-lhe as portas e a commissão fica esperando que elle se espreguiçasse e corresse febrilmente ao desastre.

O *salva-vidas* não se moveu. — *Está a dormir*, disseram entre si, e sacudiram-o robustamente. — *Agora, agora!* murmuravam. Mas com um espanto aterrado viu-se que o barco estava immovel como n'um alicerce. Gritava-se na praia, e o grosso mar bramia. A commissão suava, pedia-lhe, incre-

97

pava-o, cuspia-lhe: — o barco, inabalavel estendia a sua sombra bojuda sobre a quente amarellidão da areia. Então a intelligencia da commissão deu um grito e comprehendeu — que para fazer navegar um barco é necessaria uma tripulação.

Quando a commissão, em assembléa geral, affirmou definitivamente esta idéa — foi que o governador civil, surprehendido justamente por tanta agudeza e engenho — os mandou louvar, em portaria. — E começou-se a procurar uma tripulação...

Mas ahi foi a crise temida. Cada marinheiro, cada remador, convidado a comparecer, acercava-se do *salva-vidas*, apalpava-o, olhava-o, e recusava resolutamente. Foram chamados os affoutos, os destemidos, os heroicos. Torciam o barrete entre os dedos, e diziam seccamente: — Menos eu!

A commissão tinha os cabellos brancos. A cada recusa affastava-se melancolicamente, e ia deliberar. Os naufragios seguiam o seu curso tragico. O *salva-vidas* dormia.

Em fim um dia a commissão exasperada, veiu, em grupo, interrogar o segredo estranho. Approximou-se do *salva-vidas*. Olhou e levou violentamente a mão ao nariz. O *salva-vidas*, o joven *salva-vidas* estava podre!

Se descesse á agua desfazia-se — foi a opinião dos peritos. E a commissão com o olfacto resguar-

dado, saiu e continuou a deliberar. Sempre que uma lancha se volta a commissão reune-se, e grave delibera. E o senhor fiscal, concentrado e pontual, recebe o seu ordenado. A areia do Cabedello reluz ao sol, as senhoras passeiam na Cantareira, as gaivotas vôam, e os que naufragam morrem.

E de vez em quando o senhor governador civil, despertando do seu scismar, manda louvar a commissão

XXX

Julho 1872.

Depois da dispersão d'uma guerrilha carlista — que operava junto da raia portugueza — um carlista, um sargento, entrou a fronteira e depoz as armas.

Este homem que, sob a garantia dos tratados, da dignidade civil e da piedade humana, se entrega, na confiança da sua miseria, ás auctoridades portuguezas, foi tratado d'este modo singular:

Veiu de Melgaço até Vianna, de cadeia em cadeia, entre privações e rudezas. Em Vianna foi atirado para o aljube, e não lhe deram de comer. Teve fome. Requereu, então, que lhe abonassem, não já o soldo devido pelos tratados, mas a ração de preso devida pela compaixão.

De Vianna foi, pelo Porto, para Peniche, com uma escolta de 20 soldados, commandada por um tenente, o sr. M. Este official portuguez levava o preso desarmado, e 20 homens, com as espingardas carregadas. Teve ainda receios do soldado hespa-

nhol. Exigiu que o algemassem. É necessario ter visto o soffrimento das algemas. Os braços inertes incham, adormecem, os pulsos arrocheiam, a respiração difficulta-se, um entorpecimento febril enerva, e os mais duros, os mais fortes, os mais concentrados, não marcham a pé duas leguas, com os pulsos encadeados, sem que a dôr lhes faça correr a lagrimas em fio.

Deu-se isto com o soldado hespanhol.

Tomar um militar, um vencido, um hospede, um homem que se entrega aos respeitos da lei e ás protecções da piedade, fatigado, desarmado, inutil, — leval-o, fazel-o atravessar as immundicies e as fomes das nossas cadeias, maltratal-o, arremessal-o para a negrura de um aljube, não lhe dar sequer o caldo da enxovia, impôr-lhe a fome, fazel-o esperar longas horas ás grades a chegada do pão, impellil-o á humilhação de pedir esfomeado, mettel-o n'uma escolta de 20 homens, algemar-lhe os pulsos, e impellil-o para um destino escuro, como um boi que se encurrala, — é bem digno d'este paiz que por isso que tem a inepcia não podia deixar de ter a maldade. Alexandre Dumas tinha um abutre que era o camarada intimo d'um pato. E aquelle espirito radioso dizia sobre este facto — que era a natural ligação da estupidez e da ferocidade.

Portugal tem em si o abutre — e o pato.

Ha tanto tempo nos separamos da intelligencia — que deviamos por fim encontrar-nos com a vileza.

O senhor tenente, commandante da escolta — esse é um symptoma. É a consciencia do exercito. Tendo de conduzir um soldado hespanhol internado, vencido, pacifico, desarmado, pede 20 homens: mas receia, — e manda carregar as espingardas: mas treme ainda — e manda algemar o preso! Dá portanto a entender — que 20 soldados portuguezes — corriam perigo nas estradas povoadas do norte — deante de 1 soldado hespanhol. O' commissão do 1.º de dezembro! O' foguetes altivos, soberbas philarmonicas do largo do Rocio! ahi está com o que vos responde o exercito, com o secco ruido do engatilhar de 20 espingardas e com o metallico estalido dos fechos d'uma algema — contra um soldado hespanhol vencido, e pacifico. De tal sorte, que se 1:000 soldados hespanhoes, d'um bairro de Badajoz, passassem o Caia, desarmados, os 20 mil soldados portuguezes, de todo o reino, armados, só teriam um meio de os conter — mandar os malsins algemal-os!

XXXI

Julho 187

Quando o Senhor D. Pedro V subiu um dia as escadas da Relação do Porto, disse com uma tristeza irritada: *isto precisa de ser arrasado!* A cadeia da Relação é das melhores d'este reino venturoso onde florescem d'accordo — a papoula e Vidal.

*
* *

O regulamento das cadeias *é provisorio.* Conheceu-se ao fazel-o quanto era incompleto, deficiente, anti-hygienico, mal seguro, barbaro, antigo, sujo: fez-se *provisorio,* por alguns mezes. Sabem ha quanto tempo dura este regulamento *provisorio?* Ha vinte e nove annos.

*
* *

Mas hoje é uma curiosidade toda particular que queremos revelar. D'entre tantas faltas das cadeias — a falta de espaço, a falta de ar, a falta de pessoal, a falta de segurança, a falta de aceio, a falta

101

de alimento, a falta de moral, a falta de hygiene, — queremos destacar, como um diamante de um collar, a falta de roupa.

Os presos — não teem roupa. Na ultima leva de degredados os que partiram foram vistos sair do Limoeiro em farrapos a maior parte, e um ou dois quasi nús.

O Limoeiro tem um lugubre guarda-roupa: calças de linho, camisas de riscadinho, sapatos brancos e *bonnets* de cotim. D'aqui fornecem-se os *faxinas* que são os presos encarregados de varrer e lavar os dormitorios e corredores — e, além dos *faxinas,* os presos pobres.

Ora quando se embarca uma corda de degredados, o carcereiro deve ter de vespera a relação dos que partem, para lhes preparar o enxoval, fatal e definitivo como a mortalha, — uma camisa, uma calça, um bonnet e um par de sapatos!

*
* *

Fiquemos a ver um pouco esta avareza immunda.

Um preso tem em Portugal, para o seu degredo d'Africa — uma camisa e uma calça. A França, que não é exemplar na organisação dos seus serviços penaes, dá ao deportado seis camisas, tres blusas,

seis calças, seis lenços, dois pares de sapatos, etc., um enxoval commodo, logico, facilmente transportavel na sua mochila, e novo. Elle mesmo tem obrigação de lavar, a bordo, de tres em tres dias a sua roupa, e a sua limpeza é fiscalisada com o rigor de um dever. Em Portugal, paiz quente, para a Africa, terra afogueada — dá-se a um homem uma camisa e uma calça. É sujo.

Mettido atulhadamente no negro porão de um navio, na accumulação bestial dos corpos, na promiscuidade dos suores, sem disciplina, sem agua, com a indifferença pelo corpo que dá a miseria do destino, em que estado chega ao seu desgraçado fim aquella miseravel creatura condemnada, com a sua camisa unica e a sua calça solitaria?

Por isso os que teem visto um porão de degredados nos nossos navios o descrevem como a maior deformação da miseria. Corpos que se não lavam, cabellos que se não penteiam, confusão de enxergas, a quente exhalação de todos os cheiros, ar coalhado e torpe, uns enjoados, outros doentes, o fervilhar dos vermes, a vil confusão dos farrapos, o abatimento do tedio, o chão escorregadio de immundicies, a abafada negrura d'aquelle vão soturno; — e ali vão apodrecendo, em nome da lei, aquelles lugubres restos de gente. É infame.

E é um castigo maior para além da sentença;

porque se alguma coisa humilha, avilta, amollece a dignidade, coalha e petrifica a alegria, enodoa a esperança, debocha o caracter, amollece e amiasma o sentimento, dá um irremissivel desprezo proprio, — é a porcaria forçada.

E deve perder o pudor, a vontade, a consciencia, cair n'uma desmoralisação bestial, o homem, que sente o seu corpo suar e verminar-se na sua unica camisa.

Quem decretou esta infamia? Se foi o regulamento das cadeias, reforme-se essa disposição como se lava uma nodoa. Esse regulamento não é inepto — é sujo. Não obriga só a reagir a consciencia, obriga a pôr o lenço no nariz. Não precisa critica — precisa benzina.

E porque o não reformam? As auctoridades que o consentem dão uma idéa bastante escura da sua limpeza pessoal, tolerando para enxoval d'um homem — uma camisa. Suas senhorias essas auctoridades não podem exhalar de si um aroma fino. Quem consente que um homem leve para um degredo — uma camisa — pode ser um jurisconsulto que se respeite, mas é um corpo que se evita. Tal auctoridade não deve ser reprehendida, deve ser lavada. Para ser reconhecida não precisa a toga — basta-lhe o cheiro. Não lhe façamos critica, atiremos-lhe bacias de agua. Que o sr. ministro da justiça lhes faça pagar os seus ordenados em sabão.

E emquanto ás suas cabeças, não pediremos á lei que as inspire — mas sim que as cate.

E sabem porque se dá ao degredado essa camisa? Não é aceio, nem hygiene, nem dignidade, nem dó. É porque o preso, até ao caes, tem de passar na Baixa, e não se quer enojar os curiosos que param com o aspecto devastador dos remendos da enxovia. É para que os srs. lojistas e ourives, immoveis em seus chinellos aos portaes da loja, não se enojem, não se enjoem, com os farrapos pendentes d'aquelle pobre corpo machinal que vae para o seu porão! É uma attenção aos srs. lojistas. É só para atravessar a Baixa. Para isso com effeito basta uma camisa. Depois, na viagem, que apodreçam! Ah! como estas coisas põem ao claro sol do desdem as baixas feições d'um paiz! Uma camisa para um desterro, a camisa da lei. A auctoridade é mais suja que o degredado, e a lei é mais suja que a auctoridade. Terra de ruas infectas e de corpos immundos! Ao menos sejamos francos: em logar das cinco quinas, ponhamos as cinco nodoas.

*
* *

Pois bem. Essa mesma camisa — unica — foi julgada excessiva. Tirou-se a camisa ao degredado. N'esta ultima leva, a 5 do mez passado, iam todos

em trapos, alguns quasi nús. As auctoridades entenderam, e bem, que para um degredado, um zero, um farrapo humano, uma sombra pisada, uma vida em rodilha, — uma camisa era de mais. Era. Para um degredado, em Portugal, uma camisa era affrontoso. Uma camisa tem um desembargador!

E por isso tirou-se a camisa ao preso.

Pela nossa parte achamos bem: e só pedimos a todos os nossos amigos que indaguem cuidadosamente quaes foram as auctoridades que, dando esta ordem suja — deram uma tão especial idéa do seu proprio aceio — para que não succeda approximarmos-nos d'ellas, desprevenidamente — sem desinfectantes!

XXXII

Agosto 1872.

Á ALMA DE D. PEDRO IV, NOS ELYSIOS

Senhor:

Esta carta, a exemplo das que os humoristas de 1830 escreviam a Voltaire, que Vossa Magestade deve ahi conhecer, com o seu adunco perfil cortante e subtil, — é escripta na supposição que ha uma região cheia de silencio e de immobilidade, como a dos paizes Cimmerios, onde as almas vivem n'uma abstracção transparente, possuindo a vitalidade do espirito, sentindo, interessando-se, conversando e recebendo o seu *correio*. Doce deve ser esse logar: lagos calados como a neve; alamedas de myrto tranquillas como as vegetações dos sonhos; regatos mudos, que vão com a tranquillidade rithmica de um verso de Virgilio; sombras profundas como tumulos; e em tudo um repouso augusto e ineffavel. Que

Vossa Magestade nos perdôe o arremessarmos para ahi, irreverentemente, grosseiras noticias da vida, — mas nós queremos contar-lhe o que se passou n'esta cidade onde Vossa Magestade viveu, por occasião do dia 24 de julho de 1872.

Não sabemos se Vossa Magestade se lembra ainda do dia 24 de julho. Para as almas que palpitam ahi, na sombra inviolavel, os factos da vida terrestre devem ser como farrapos fuscos de sonhos extinctos, sem intenção e sem idéa. Mas Vossa Magestade pode perguntar ao seu velho amigo duque da Terceira; lembre lhe a batalha de 23 e os fogos accesos de noite no pontal de Cacilhas!

Ora deve saber Vossa Magestade que durante 36 annos o dia 24 de julho e as suas glorias estiveram sepultados insondavelmente no fundo das memorias veteranas. Nunca ninguem se lembrou que n'aquelle dia o duque da Terceira tivesse dado uma capital aos constitucionaes. Os velhos, senhor, teem a memoria fugitiva como a agua dos rios: e os novos, a quem a educação revolucionaria alterou a curiosidade, nunca voltam os olhos para traz, para a região calada onde jazem as suas batalhas e as suas leis. Todos os annos, senhor, passava por nós entre a sequencia dos dias, o 24 de julho, e ninguem o notava, como se não nota, na passagem de um regimento, um soldado sem nome.

Deve parecer-lhe pois singular, senhor, que passados 36 annos de indifferença sobre o 24, o fossem desenterrar do passado, vestil-o de gala, e fazel o reinar — como aquella monotona Ignez de Castro

«Misera e mesquinha
«Que depois de morta foi rainha.

Eis, senhor, o que se tinha passado. Sua Magestade o Rei actual, neto de Vossa Magestade, tinha ido ao Porto. O Porto, senhor, está bem differente do que Vossa Magestade o conheceu, n'outras épocas de batalha e de necessidade.

O Porto já não é aquella secca e escura cidade, rude e plebea, de ruas estreitas e agitadas, impertinente e cheia de opposição, comendo alegremente arroz e bacalhau, dançando nos bailes improvisados, onde as mulheres iam com o pobre vestido de chita da rua das Flores, e donde os homens saíam, cançados da *gavota*, para o fogo das linhas — o Porto, ainda com feições de burgo antigo, com as suas dynastias de commerciantes honrados, os seus tamancos estoicos, impassivel diante dos reductos, sensivel diante dos melodramas do theatro nacional, patriota, resmungão e rezando ao Senhor de Mattosinhos! O Porto hoje, é uma cidade larga, bem anafada, com ventre, brazileira, um pouco somno-

lenta, cheia de poetas lyricos, e avida de baronatos.

O Porto, pois, imperial senhor, lembrou-se por occasião da presença de el-rei, de fazer uma festa constitucional. Uma festa constitucional, para fazer perrice aos jesuitas. Porque ha cinco ou seis mezes o Porto foi tomado d'esta doença singular: o tedio, o terror, o odio ao jesuita. Aquella boa cidade ficou dos tempos de Vossa Magestade com os habitos de se bater. Vossa Magestade acostumou-os tão bem que elles não podem dispensar-se de ter um inimigo a vencer. Mas o Porto hoje, pacato, pansudo e pesado, pretende um inimigo commodo, que não obrigue ao peso da espingarda e ao frio das alvoradas, que se combata com palavras, artigos de fundo, versos e *meetings*. Ora o jesuita é um bom inimigo, que não desarranja os habitos da digestão, a quem se dá batalha, conversando á porta do Moré ou em volta de um *bock* na Aguia d'Oiro. De sorte que o Porto adoptou o jesuita — como inimigo figadal. E combate o padre Couto. Vossa Magestade não conhece o padre Couto? nem nós: o padre Couto é uma reproducção barata do jesuitismo — para uso do Porto.

Ah! Vossa Magestade imperial conheceu padres bem differentes: o grandioso frade crusio, vasto e burro, que enchia a caleça ao lado da qual trotavam

dois lacaios de cabelleira: o anafado frade dominicano cheio dos favores da côrte, demandista e rabula, occupado na intriga e dirigindo occultamente as venerandas cabelleiras do desembargo do Paço: a multidão pittoresca dos frades eruditos, cheios de rapé e de textos, esquecidos nos silencios das altas livrarias: o padre plebeu, brutal e devasso, que tomava a monte a clavina: o padre fanatico, possuido de um Deus inquieto, avido de dominio, absolutista e sujo.

Hoje temos o padre Couto e o José Maria, genero constitucional. Aquillo intriga nas secretarias, aquillo negoceia uma missa de *doze* ou de cruzado, aquillo seduz as cosinheiras, aquillo faz negocio de *bentinhos*. E' contra isto que o povo se revolta.

Portanto o Porto queria fazer alguma coisa solemne, estrondosa, festiva, contra estes *sotainas*, diz elle.

Fez a festa do dia 8 de junho. Outra data de que Vossa Magestade se não recorda, não é verdade? Tal é o ephemero da vida. Se Vossa Magestade encontrar ahi sob alguma placida ramada de myrtos, Napoleão, falle-lhe em Austerlitz, falle a Shakspeare em Hamlet abrirão olhos surprehendidos, calar-se-hão. Não se lembram!

Ora pensando que o jesuita representa o absolutismo, o legitimismo, a forca, o convento, o dizimo,

— a boa cidade do Porto, tratou de organisar a festa do dia 8, como uma desfeita, uma replica aos jesuitas — enchendo-a de elementos liberaes, aproveitando a presença do rei, prodigalisando as bandeiras azul e branco, etc. — E então para caracterisar a intenção liberal e democratica do dia — o que fez? Fez representar no Baquet a *Boceta de Pandora*, comedia em tres actos; Vossa Magestade não sabe o que é? nem nós. Pode interrogar um velho risonho e subtil, que por ahi deve ter encontrado murmurando como memorias extinctas *couplets de vaudeville*, e que é o sr. Scribe.

Representou-se a *Boceta*, senhor. E assim ficou batida victoriosamente em brecha a propaganda jesuitica. Se Vossa Magestade ler esta carta alto, ás sombras curiosas e saudosas da terra ha de ver um velho corcovado, secco e ardente, ascetico, mas com grande doçura no olhar, rir-se com o seu estreito triste riso de jacobino, vendo a maneira portuense de combater o jesuita — com *vaudevilles*. Esse homem, senhor, é Mazzini.

Ora quando em Lisboa se soube que o Porto dava esta grande festa — Lisboa teve um estremecimento de colera. Lisboa teve a tradicional, a costumada inveja. O Porto tinha feito uma grande festa constitucional — Lisboa não tinha nenhuma!

E' necessario que Vossa Magestade saiba que

existe uma incuravel rivalidade moral, social, elegante, commercial, alimenticia, politica, entre Lisboa e Porto. Lisboa inveja ao Porto a sua riqueza, o seu commercio, as suas bellas ruas novas, o conforto das suas casas, a solidez das suas fortunas, a seriedade do seu bem estar. O Porto inveja a Lisboa a Côrte, o Rei, as Camaras, S. Carlos e o Martinho. Detestam-se. As damas de Lisboa riem-se da pouca distincção, da pequena sciencia, da falta de *chic*, e de *quê* das toilettes do Porto? O Porto, rubro de odio, cobre as suas senhoras da sumptuosidade dos estofos e das faiscas dos diamantes.

Lisboa tinha toiros. O Porto quiz ter este *bom tom* de leziria. Mas faltava-lhe o bom gado, os artistas, a faisca da troça, o estonteado especial, o sal das toiradas d'aqui. Ah sim! Em logar de uma praça o Porto ergue duas. Mas consegue apenas ser duas vezes peior. Bem! O Porto, sorri-se e para se desforrar faz corridas de cavallos. Grande troça nos *sportmen* a pé do Chiado: vamos batel-os, diziam, vamos batel-os desalmadamente. Chegaram lá; foram chatamente batidos.

O Porto tinha a Foz, praia de banhos, rica, de um grande pittoresco de paizagem. Lisboa, rancorosa, improvisa Cascaes, sitio enfesado entre pinheiros ethicos e rochedos *de opera comica*.

Os poetas do Porto fazem sorrir, no Chiado, os

lyricos da côrte, descendentes dos vates parasitas do adro de S. Domingos: mas os da *Aguia de oiro* abrem sobre as mesas as odes de Vidal, e entornam-lhes em cima, como unico commentario digno, môlho de carne assada.

O Porto, por circumstancias, é reformista: eis que Lisboa, se veste de um grande desdem pelo sr. bispo de Vizeu, Antonio.

Em Lisboa houve ultimamente um certo movimento subterraneo, indistincto, informe, do espirito republicano: o Porto recebe El-Rei, com um delirio que só Vossa Magestade inspirou nos dias em que passeava a pé, com a sua estreita farda de coronel de caçadores, de cravo ao peito, e batia, com as pontas dos dedos, nas faces rechonchudas das mulheres do Candal.

Lisboa come com pretenções francezas e phantasistas: logo o Porto se afoga, cada vez mais, no chorume da velha cosinha portugueza, e abraça-se, como a um estandarte, á travessa do cosido. — Mas em quantas coisas estamos fallando, que são para Vossa Magestade como as syllabas irritantes de um dialecto barbaro? Era-se mais conciso, não é verdade, nos tempos apressados de Vossa Magestade? Hoje, a gente põe-se a caminho, mas pára a cada momento, como um anemico e um precioso, a fumar as *cigarrilhas* azues da phantasia. — O facto é,

senhor, que, como o Porto tinha a sua festa constitucional, Lisboa quiz ter a sua: mas qual? — Escavou-se, desentulhou-se, aprofundou se e foi-se achar, no fundo de um passado esquecido, o esqueleto do dia 24 de julho: o que! és tu! existes! és! Vem! serás celebre, estrondoso, resplandecente, illuminado, cheio de honras e de colchas de damasco. — E puzeram-n'o de pé!

Aqui começa, senhor, uma intriguinha constitucional e burgueza — a que não sabemos se Vossa Magestade, acostumado ás commoções abrasadas da guerra, achará encanto: sobre tudo ahi, n'esse mundo interessante e sublime, onde Vosas Magestade tem Voltaire para conversar, Meyerbeer e Beethoven e Mozart, para lhe fazerem musicas de almas em sombras de violoncellos, e onde tem para o entreter com desenhos improvisados a lapis — Rubens, Miguel Angelo e Velasquez!

Mas, emfim, isto, senhor, são coisas da sua terra: e depois, se um bocadinho de maledicencia é já um tão bom encanto entre nós os vivos occupados e apressados — o que não será n'essa grande ociosidade da Morte, nas largas tardes pallidas, quando, aos grupos, as Sombras passeiam, sob o silencio dos sycomoros, junto á mudez dos lagos.

Assim Vossa Magestade saberá, que logo que se tratou da festa do dia 24 — a opposição viu n'isto

um *bello cabo para uma vassoura*... Perdão! esperamos que Vossa Magestade não tenha ahi convivido tanto com Racine e outros rhetoricos, que se tenha impregnado do horror ás phrases populares e energicamente significativas... *Um bello cabo para a sua vassoura.*

Realmente se pudesse acontecer que toda a iniciativa d'esta festa de liberdade pertencesse á opposição, seguia-se naturalmente que ella ficava — perante o paiz e a cidade — com a honra de ter feito uma grande festa liberal, de restaurar as datas historicas do regimen constitucional, de ser a mais intimamente affeiçoada ao espirito democratico; — emquanto que, implicitamente, o governo, que não podia ter iniciativa, ficava naturalmente com o aspecto de quem — em questões de celebrar a liberdade — *tolera mas não promove.* Ora que melhor *réclame* para um partido do que celebrar por commissões suas, idéas suas, dinheiro seu e homens seus — uma festa á liberdade! Boa tactica, imperial senhor. Que quer? no seu tempo, era outra cousa, morrão ás peças e fogo! Hoje somos todos pessoas de ordem: servimos a Idéa. Servimol-a assim. Guerrasinhas de homemzinhos. E ahi tem Vossa Magestade que a festa do dia 24 não é uma idéa de liberdade festivamente manifestada: nem uma manifestação ardia das glorias do constitucionalismo: nem um

enthusiasmo retrospectivo e bem arranjado, pelas campanhas de Vossa Magestade e dos seus generaes. Que nem Vossa Magestade, nem elles, se regosijem, como de uma grande justificação! — a festa foi apenas, senhor, uma *parada* da opposição historiça contra o ministerio regenerador.

Saiba agora Vossa Magestade como foi esta festa augusta. Nomearam-se duas grandes commissões, uma em Lisboa — outra em Cacilhas. Vossa Magestade lembra-se ainda dos logares? Lisboa, aqui, vastamente espapada nas collinas, o rio defronte, de agua esverdeada, e do outro lado os montes pellados e amarellados de saibro, com um pontal agudo encravado na agua, onde Cacilhas estende o seu focinho.

Como Vossa Magestade se póde informar com o duque da Terceira, elle depois da batalha de Cacilhas, a 23, acampou ali, e n'essa noite accendeu, em toda a extensão das linhas occupadas, grandes fogos. Ao outro dia, pela manhã, desembarcava em Lisboa. O desembarque foi o exito do dia, a decisão. As commissões entenderam que deviam solemnisal-o, symbolisal-o, com um cerimonial expressivo. Que fizeram?

A commissão de Cacilhas partiu de lá, de casaca, de madrugada, n'um vapor alugado, com philarmonicas — symbolisando as tropas do duque da

169

Terceira; — e de cá a commissão de Lisboa foi esperal-a, de gravata branca, ao Terreiro do Paço, symbolisando a opinião constitucional, que ia ao encontro do libertamento. — Ria-se, principe! Chame Nicolau Tolentino, o calvo mestre de rhetorica, chame a macerada figura ossea de Bocage, chame aquelle inquieto personagem curto, de cabello hirsuto, olhos faiscantes, nariz adunco, de toga curta á maneira ibera, que é Marcial; chame Scarron, chame o Aretino e os grandes escarnecedores de outros seculos, mostre-lhes isto, e chame a alma de Rebello da Silva, o alegre espirito, cheio ainda das recordações da terra, para que elle lhe descreva os personagens, e lhe narre as figuras! Riam! Que se viu nada mais Manuel Mendes Enxundia, mais *Lourinhã*, mais *cyrio*, mais *barrica de manteiga*, mais *irmandade da Senhora da Luz!* O desembarque, as tropas, a lucta, o terror da cidade, os fugitivos, os medos que se escondem, a vingança que reapparece, as familias espavoridas, os saques desconhecidos, os crimes — toda a violenta desordem do encontro de uma realeza vencida com uma idéa victoriosa — tudo, desgraça e gloria — symbolisado por alguns cavalheiros, de gravata branca, que se abraçam gravemente no Caes do Sodré! Ah! Melicio! Ah! cruel!

Depois que assim se encontraram as commissões,

senhor, dirigiram-se com as philarmonicas para diante da estatua de Vossa Magestade. Por que Vossa Magestade tem uma estatua! — e é mesmo para nós uma felicidade ter esta occasião de dar a Vossa Magestade esta nova soberba, e as nossas felicitações. Ha tres annos que Vossa Magestade a tem. E' no Rocio. No meio. As costas para o theatro de D. Maria.

Vossa Magestade está no alto de uma columna, esguia, polida e branca como uma véla de estearina, e mostra, equilibrando-se sobre uma bola de bronze, um papel, a Carta, — ao club do Arco do Bandeira. E' a quem Vossa Magestade a mostra. O club do Arco do Bandeira pela sua attitude, modesta e digna, parece não dar por tal. Vossa Magestade está com a espada na bainha. Vossa Magestade passa á posteridade com um rolo de papel na mão, — como um tabellião, ou um vate. Nada que lembre o soldado. E' uma estatua — domestica.

Ora se era necessario representar, sobre uma peanha o espirito politico, juridico, legista do constitucionalismo — não era Vossa Magestade que devia lá estar com a *carta* na mão, mas a figura de Mousinho da Silveira. Ora n'esse dia 24 a estatua de Vossa Magestade estava coroada. Mas como? Tinham passado dos telhados de um dos lados do Rocio aos do outro, um fio de arame, e d'esse fio

astuto pendia, a um metro da cabeça da estatua, bamboleando-se, enorme, uma corôa larga como a roda de um omnibus! Em baixo, as philarmonicas, arquejavam. — De resto, foguetes, buxo, *agua fresca* bem apregoada, e bandeirolas.

Que quer Vossa Magestade? — Lisboa faz o que póde: quem tem um temperamento saloio não póde tirar d'elle requintes de artista. Lisboa é uma cidade saloia: é uma cidade de fóra de portas: é uma cidade de aldeia. A sua imaginação, violentada para conceber uma festa, não póde produzir mais que o arraial. Foguetes e philarmonicas — eis o que ella sabe dar de mais delicado aos heroes que ama. — De modo que este dia de festa como se póde definir? — UM ARRAIAL DE OPPOSIÇÃO. Mais nada.

Senhor, temos conversado muito. Vossa Magestade deve estar fatigado, na sua delicadeza de sombra, com estas noticias que levam o peso grosseiro da terra viva. Se Vossa Magestade puder, escreva-nos, peça-nos historias d'este paiz que foi seu, que já foi uma patria, e que é hoje apenas um *chinfrim provisorio*. — Nós, emquanto não descemos tambem a essas regiões definitivas e purificadoras, beijamos as mãos de Vossa Magestade Imperial, pedindo-lhe que nos recommende ahi a todos aquelles que nós estimamos, desde Rabelais até Camillo Desmoulins, — e se Vossa Magestade entender que é delicado e

da etiqueta apresentar ahi os nossos respeitos de portuguezes e de vassallos, aos Sanchos e Affonsos, etc., que reinaram n'este canto da terra, — tenha Vossa Magestade a condescendencia de dizer aos ditos Sanchos e Affonsos... sim, diga-lhes que aqui estamos ás ordens.

XXXIII

Outubro 1872.

Uma questão singular tem, ha tempos, sobresaltado legitimamente os maridos, as pessoas sensiveis e os fabricantes de armas prohibidas. Referimo-nos, como comprehendem, á questão do *Adulterio*.

Quando, em Paris, Mr. Dubourg, foi ultimamente condemnado em cinco annos de prisão, por ter assassinado sua mulher ás facadas, — os srs. jornalistas arrastando essa desgraça atravez da sua prosa, envolveram-se, por cima da memoria da pobre senhora nervosa e infeliz, numa discussão vibrante ácerca do amor, do adulterio, do casamento e da morte. Mr. d'Ideville, um bom rapaz, que foi secretario de legação em Italia na missão de Tour d'Auvergne, escrevendo sobre este caso impertinente, teve a ingenuidade de pedir ao sr. Alexandre Dumas filho — a sua opinião e a sua prosa.

Provocar a penna indiscreta e aparada em *bistori* do sr. Dumas é acordar o escandalo que dorme. Sobretudo em questões femininas: porque ahi o

sr. Dumas suppõe-se uma especie de Santo Padre do amor, julga possuir a plena comprehensão da mulher, saber desde as leis até ás *pantoufles* toda a physiologia do casamento, e ser no tempo presente um S. Thomaz de alcova. De sorte que sempre que se trata de um caso sentimental, o sr. Dumas filho entorna sobre o *boulevard* como um barril de lixo o seu deposito de observações: porque o sr. Dumas é observador como outros são trapeiros. É de noite, com uma lanterna e um gancho, cosido com os muros conjugaes, apanhando e fisgando em segredo tudo o que cae da alcova, cravos, panos revolvidos, *cuias* velhas, farrapos reveladores, — que elle vae colligindo a sua sciencia. Sabe pelo que esgaravata no lixo. E' doutor — em roupa suja.

Foi assim que o sr. d'Ideville provocou *L'homme femme*. *L'homme femme* tornou-se então um rebate atravez das alcovas: jornalistas, *lorettes*, publicistas retirados, tudo correu pelo faro do escandalo. Ganiu-se um grande charivari philosophico — com pamphletos, com livros, com artigos e com vaudevilles. E o amor, o casamento, a virgindade, a maternidade, o pudor, o adulterio, a mulher, saias e consciencias, tudo foi sacudido, revolvido, remexido, voltado ao sol, e exposto á vil publicidade como um guarda roupa na tristeza de um leilão.

Ora a conclusão da questão era estranha: trata-

va-se de decidir, a sangue frio, com argumentos e boa grammatica — se os maridos deviam matar suas mulheres. O sr. Dumas tinha dito com o charuto na bocca, folheando a Biblia — *mata-a!* Outros, fechando a navalha no bolso, diziam generosamente: *não a mates.* Alguns vaudevillistas ensinavam entre um bock e uma pilheria — *vae-a matando sempre!* E outros accrescentavam, expondo que era necessario estudar mais a questão e consultar diccionarios: *por ora não a mates!*

E no entanto, de faca na mão, os maridos esperam.

*

* *

Antes de tudo, não os escandalisa esta questão? Laplace, o antigo, o astronomo, era um homem sereno e recolhido, firme como a sciencia e tranquillo como a verdade. Uma só coisa o fazia irritar e sacudir como uma juba o seu comprido cabello á Convenção: era ouvir um peralvilho da mocidade doirada, algum Incrivel dos que tinham feito fechar o club dos jacobinos e traziam a reacção entalada na alta gola do seu frak á Barras — fallar de astronomia. Então o sereno Laplace rugia. Ora se alguma coisa deve irritar e fazer rugir é ver os srs. Dumas, d'Ideville, e outros galantes fallar e decidir,

como Evangelistas do macadam, sobre o casamento, esse angulo tão perigoso da difficuldade social. Não a resolveu, esta questão esmagadora, a Biblia; não a resolveu, com toda a sua grandeza, o velho espirito romano: perturbaram-n'a e lançaram-n'a em confusão a theologia e o christianismo: apenas a revolução, pela sciencia de Proudhon, começa a dar-lhe uma solução racional e positiva: — no entanto o sr. Dumas filho, auctor da *Lorette* e propheta do Gymnasio, estende-se mollemente á sombra dos castanheiros, ouvindo cantar os passaros, e faz-nos o obsequio n'um momento de bonhomia, de resolver no direito e na moral esta difficuldade tenebrosa. Como? — Com uma navalha de seis tostões.

*
* *

Que, devemos confessal-o, nós dois, nós ambos, julgando inopportuna a estação de banhos para esta leitura, que pede o recolhimento do inverno e o silencio do fogão, não lemos ainda nem *L'homme femme* do sr. Dumas, nem nenhum dos folhetos que rolaram como um enchurro, atravez da opinião parisiense.

O que sabemos apenas é que todas estas prosas incitam a mulher, em periodos commoventes, á pra-

tica da virtude! Ora observa-se que, se uma mulher tem um amante, poderá succeder que ella leia, pela manhã ao almoço, um artigo magnifico e pomposo com interjeições, lagrimas e flores:

Sobre o adulterio e as suas afflictas miserias;

Sobre a fidelidade e os seus claros esplendores.

Mas nem por isso deixará, em vindo a noite, de ir pé ante-pé, em todos os ardores do susto e do mimo amoroso, abrir a porta do jardim á impaciencia de Arthur. E isto porque?... Porque a rhetorica não annulla o temperamento.

Porque um periodico bem escrito não abafa uma paixão bem movida;

Porque os adjectivos não dirigem os nervos;

E porque, ó senhores prosadores, a verdade é esta: entre um folhetim, que condemna o adulterio, impresso a tinta preta n'um papel amarellado, e um amante vivo, sensivel, forte e amado — nenhuma mulher deixará o amante, que é a realidade, para seguir o folhetim, que é linguagem;

E não despedirá o homem que lhe dá a sensação — em attenção ao sr. Beserra, localista do *Rei e Ordem*, que lhe dá prosa.

E' por isso que estas declamações soluçantes a que se entregam, com os braços erguidos, o jornal e o drama — são pelo menos inuteis. Não evitam o peccado. E tambem não inspiram o ideal — porque

não ha felizmente senhoras tão estranhamente desgraçadas — que vão aprender a virtude nas gazetas ou nas rampas dos theatros.

E depois esta questão do adulterio é equivoca· Porque, ou é tratada n'um folheto pelo sr. fulano, bom rapaz e empregado publico — e então torna-se tão monotona, tão banal, tão recalcada, que nem Robinson Crusoé na sua ilha deserta, com todo o seu tedio, e sendo esse folheto o unico folheto e sendo essa distracção a unica distracção — a quereria: ou então é tratada por espiritos subtis, analyticos, originaes como Dumas, e succede que, com os detalhes, as anecdotas, os quadros, as revelações, o estudo torna-se uma divulgação de alcova e uma pimenta amorosa! De modo que quando não é uma trivialidade esteril é uma provocação irritante!

*
* *

Ou o adulterio é um facto fatal da natureza eterna, ou é um facto fatal da moral moderna. No primeiro caso, se elle é a antiga e primitiva lei da promiscuidade animal, que apesar do apuramento nervoso da humanidade, da civilisação, do direito, da moral, permanece e impelle pela sua fatalidade physiologica — seria necessario para o extinguir, mudar

a propria constituição natural ou esperar mais vinte seculos.

No segundo, se elle provém da corrupção do matrimonio e da sua decadencia e descredito como instituição social, se nasce da extincção da fé conjugal nos esposos, se deriva da perversão lançada na dignidade matrimonial pelo idealismo amoroso, se tem a sua origem na moral, então é necessario fazer uma revolução nos costumes tão profunda como foi o christianismo, que nos dê uma outra religião, outra moral, outra familia e outro direito.

Ora qualquer d'estas coisas, tanto uma alteração de constituição physiologica, como uma transformação na ordem social, acham-se os srs. Dumas filhos — com forças de a emprehender, no quintal, fumando *brevas* e cosendo prosa?

Mas mais absurdo que tudo é a palavra final da questão: o *mata-a* ou *não a mates!* a decisão do destino que o marido desvalido deve dar á esposa revoltada! Para todo o homem o mais lymphatico ou o mais endurecido, Sganarello ou Marneffe, o momento em que sabe o seu desastre é fatalmente um momento de excitação, de offensa, de vergonha, de despeito, e elle não póde subtrahir-se a palpitar com uma pulsação de febre. Ora aconselhar um procedimento fixo para este momento allucinado, é querer impôr ao que ha de mais desvairado — a paixão,

o que ha de mais raciocinado — a regra. E' dizer de antemão ao pulso — tu baterás d'este modo, e aconselhar previamente á colera — tu rugirás d'esta fórma. Quem vae estudar de antemão ao espelho as attitudes que deve tomar na dôr? quem decora no seu quarto a palavra que deve dizer na colera? A febre não calcula — improvisa.

Depende sobretudo dos temperamentos. Segundo se é sanguineo, lymphatico, bilioso, melodramatico, bonacheirão ou egoista — assim se faz *sangue*, se faz *sermão* ou se faz *negocio*. Basta ver quantas soluções differentes a verdade e a arte teem achado para este momento agudo, para se perceber a inutilidade pedagogica e rhetorica de marcar de antemão um procedimento. Othello, que é negro, sanguineo, batalhador, barbaro e justo, toma o travesseiro, e máta por asphyxia. O general de Campvallon que é gotoso, cheio de achaques, encosta-se, ao surprehender sua mulher, á umbreira da porta e morre de apoplexia. Um negociante hollandez fleugmatico, pratico e frio, toma sua mulher pelo braço, põe-na á porta da rua com uma mala e uma nota do banco, aferrolha a porta e volta tranquillamente para o seu escritorio. Um fidalgo de Bourges, cheio de opiniões feudaes, desfecha a carga de um revólver no peito de Arthur. Um outro encontra sua mulher anediando uns cabellos de homem

que não são os seus, vae ao seu quarto, toma a sua roupa branca e parte para sempre para o Egypto. Um outro, infelizmente bem conhecido, vae ao seu quarto, toma um revólver e parte para a eternidade. Outro surprehende, fecha-se no quarto com a mnlher e quando os creados assombrados imaginam que elle a matou, vêem-no saír risonho, trazendo-a pelo braço, rendido e mais amoroso. O general Pallavicini, seguindo a velha tradição dantesca da casa de Rimini, degola com a espada os dois sobre o sofá. Outro espera Arthur no fundo da escada, e obriga-o a assignar uma letra. E um outro, tranquillo e risonho, diz durante dois annos a sua mulher, todos os dias de manhã, passeando com ella no jardim, a mesma palavra vil.

Tal temperamento, tal solução. Todos estes infelizes se desesperaram: — mas com a logica do seu caracter — o barbaro generoso mata, o civilisado infame faz assignar a letra. Mas a raiva é a mesma. E no entanto o sr. Dumas entende que o procedimento colerico se póde ensinar como um passo de contradança, e sem querer saber dos temperamentos, dos caracteres, das condições, faz para a infinita diversidade dos desesperos — um cathecismo uniforme.

E — riâmos! — esse cathecismo que conclue pela morte — quando quer o sr. Dumas filho que os ma-

ridos, curiosos d'essa materia, o estudem e tomem apontamentos? Se o sr. Dumas faz um tratado e uma lei de morte, com argumentos e exemplos, é para que os maridos o leiam, aprendam a lei, se convençam, se apropriem d'aquella idéa e decorem aquelle procedimento. Mas quando, em que momento preciso do seu casamento? — Não póde ser logo que casem: qual é o marido bastante torpe para ir no dia seguinte ao do noivado, vendo sua mulher apenas saída da virgindade, noiva e pela Graça quasi sagrada, estudar muito tranquillamente no sr. Dumas o que lhe deve fazer — quando ella fôr adultera? — Não póde ser tambem no momento da revelação, porque seria estranho que um marido surprehendendo sua mulher e Arthur — lhes dissesse:

— Sr.ª esposa e sr. amante, eu vou para a minha bibliotheca consultar os auctores e ámanhã lhes darei parte do destino que lhes reservo: tenham a bondade de me passar d'ahi os documentos da infamia e um diccionario!

*

* *

Em quanto ao adulterio, essencia da questão, não queremos privar as curiosidades intelligentes de algumas pequenas notas que não resolvem, mas explicam.

A maior parte da gente imagina que para uma mulher esta idéa e mesmo esta palavra — *ter um amante*, significa muito simplesmente — *ter um homem que amam.*

De modo nenhum: só muito raras, as descendentes de Phedra, pensam no homem. Para a generalidade das mulheres, — *ter um amante* significa — ter uma quantidade de occupações, de factos, de circumstancias a que, pelo seu organismo e pela sua educação, acham um encanto ineffavel. *Ter um amante* — não é para ellas abrir de noite a porta do seu jardim. *Ter um amante* é ter a feliz, a dôce occasião d'estes pequeninos affazeres — escrever cartas ás escondidas, tremer e ter susto: fechar-se a sós para pensar estendida no sofá; ter o orgulho de possuir um segredo: ter aquella idéa d'elle e do seu amor, acompanhando como uma melodia em surdina todos os seus movimentos, a toilette, o banho, o bordado, o penteado: é estar n'uma sala cheia de gente, e vel-o a elle, serio e indifferente, e só elles dois estarem no encanto do mysterio; é procurar uma certa flôr que se combinou pôr no cabello; é estar triste por ideaes amorosos, nos dias de chuva, ao canto de um fogão; é a felicidade de andar melancolica no fundo de um coupé; é fazer *toilette com intenção*, o maior dos encantos femininos! etc.

Estas pequeninas coisas, que enchem a sua existencia, que a complicam em côr de rosa, que a idealisam — são a sua grande attracção. E' o que amam. O homem, amam-o pela quantidade de mysterio, de interesse, de occupação romanesca que elle dá á sua existencia. De resto amam o amor. Havia muito d'este sentimento nas mysticas e nas antigas noivas de Jesus. Amavam a Deus porque elle era o pretexto do culto.

Por aqui se explica uma coisa que surprehendeu Taine. E foi que na sua ultima viagem a Inglaterra, contava se então nas chronicas intimas que em toda a vasta aristocracia ingleza que faz a *season* em Londres, havia apenas um adulterio! E todavia que luxo, que idealismo, que vagares, que requintamentos de sensação, que excitações do *chic!* Taine explica isto por muito finas razões, subtis e profundas: temperamento, publicidade, boas saudes, rectidão de idéas, etc.: esqueceu-lhe uma razão, a mais ingleza. E' que a lady romanesca, sensivel e fria — o que pretende sobretudo e exclusivamente no amor, são as suas occupações, é a sua melancolia. A ingleza com a sua carnação saudavel, as suas risadas francas, os seus cabellos espalhados e impertinentes, a sua hygiene, as suas corridas a cavallo, a sua virilidade de pensamentos, — conserva todavia, sob o seu movimento excentrico e resoluto,

no fundo do seu peito, como a recolhida flôr do segredo, uma ponta, uma semente de melancolia. Alguma coisa de vago, de sahido de Ophelia, d'ossianesco, de exhalado da harpa de Erin, ficou no fundo d'aquellas naturezas femininas dos paizes loiros. A ingleza não se póde dispensar de ter aquella melancolia de certas horas, azulada e terna — a que ella chama com certos requintes finos — *ter o coração sentido.* — De sorte que de mil senhoras da aristocracia ingleza, das que teem a mocidade e o espirito do sentimento, uma poderá ter um amante e os seus peccados — mas as outras restantes contentam-se em ter o *coração sentido.*

De tudo isto uma consequencia logica: — procurando dar uma occupação ao espirito disponivel da mulher, impedir que ella procure as occupações do amor.

Hoje, justamente, faz-se o contrario.

*
* *

Hoje a mulher é educada exclusivamente para o amor — ou para o casamento, como realisação do amor. E' claro que, como Dumas, fallamos das classes ricas e improductivas.

E' facil de ver. Que se lhe ensina desde o mo-

mento em que a pequenina mulher de 7 annos, nos bicos dos pés, diante do espelho, com a sua sainha tufada e o seu *puff* pueril, se enfarinha de pó de arroz, rindo com os seus brancos dentinhos de rato?

Educa-se-lhe primeiro o corpo para a seducção. Não pela gymnastica — isso agora apenas começa vagamente, como uma imitação ingleza, — mas pela toilette: ensina-se-lhe a vestir, estar, andar, sentar-se, encostar-se com todas as graças para sensibilisar, dominar as attenções, ser espectaculo, vencer o noivo. Ensina-se-lhe a arte sentimental e inutil de bordar flôres e passaros; o bordado é a mais perniciosa excitação da phantasia: sentada, immovel, curvada, picando delicadamente a talagarsa, o vôo inquieto das imaginações e dos desejos palpita-lhe em roda, como um enxame de abelhas: e é isto o que perde as rosas, como diz um velho poeta ascetico: é porque a rosa não póde fugir, andar, sacudir o enxame, que é ella sempre ferida no calice.

Depois ensina-se-lhe a musica, o piano, o canto, Bellini, Donizetti, todos os amorosos. A musica classica, os velhos menuetes, os motetes, as fugas, as arias simples — eram uma serenidade para o espirito, um correr d'agua fresca. Os romanticos são como uma chamma impaciente. Prepara-se-lhe assim um meio de encantar, de sensibilisar, de ador-

mecer, e dá-se-lhe alguma coisa da habilidade das sereias. — Depois o seu espirito como é educado? Pelo romance, que lhe descreve o amor, pelo theatro que lh'o dialoga, pela opera que lh'o suspira, pela opereta que lh'o assobia.

No mundo, nas *soirées*, ao gaz dos bailes, na intimidade das mulheres, que interesses vae encontrar? os da politica? os da sciencia? os da arte? os da economia domestica? os da guerra? Decerto que não; — os do amor.

Que lhe diz o luxo, por meio das sedas sonoras, das cachemiras, das pedrarias, da vitrine das lojas, das rendas loucas, dos saltos á Luiz XV, da fôfa penumbra dos coupés? Amor.

Que idéa lhe dá a familia, a maternidade? O encanto de um amor legitimo.

Que lhe ensina a mesma religião? o amor. Duvidam? — aqui estão os trechos d'um livro de orações approvado pelo sr. arcebispo de Rouen — traduzido por toda a parte:

«*Acto de desejo.* — Oh! vem, meu bem amado, «carne adoravel, minhas delicias, meu amor, meu «tudo, meu alento! Minha alma impaciente enlou«quece por ti!

«*Acto de amor.* — Tenho pois em fim a felicidade «de te possuir! Abraza-me, queima-me, consome-me com o teu amor. Jesus é o meu, o bem amado é meu.»

Que lhes parece? Approvado por Monseigneur de Rouen, o cardeal Bonnechose, principe da Egreja. E' um cathecismo francez, quasi um cathecismo universal. Trata-se do amor de Jesus — dirão: pois tambem seria excessivo que se tratasse de Arthur! A Egreja não o faz expressamente — dirão ainda: quem o duvida? Nem um momento desconfiamos da austera intenção da Egreja. Mas é innocentemente e sem intenção, que as mães deixam as creanças ao pé do lume, e quantas vezes a casa arde!

Querem saber agora como fallam e pensam as mulheres educadas n'este elemento abrazado? Vejam a ultima peça de Octave Feuillet, o casto, o pudico, o catholico, o que escreve para as virgens aristocraticas e loiras do faubourg Saint-Germain. Feuillet põe na bocca de uma menina de 15 annos, educada n'um convento, assucena coberta de rendas, Pomba, Arminho, Neve, estas palavras: Adoro os rapazes para valsistas, mas para maridos não! — E na platéa velhos sargentos de cavallaria coram até ás dragonas!

Bom Deus! Não somos caturras! Dizemos a verdade. De resto como não temos a responsabilidade da corrupção humana, tambem não fugimos para o deserto. Quem é que disse que o inferno era um logar bem interessante? Foi Brantome. Pois era um sabio.

N'esta educação da mulher uma só coisa é profundamente boa — a *valsa*. E é justamente o que mais lhe regateia uma moralidade banal. A valsa é hygienica, moral, depurativa, educadora e positiva.

Um hygienista celebre recommendava a todas as mulheres de 14 annos para cima duas horas de valsa por dia. Os movimentos rapidos, galopados, fortemente sacudidos, a transpiração egual, outras circumstancias, tornam a valsa um exercicio radicalmente salutar, quasi egual á gymnastica: desenvolve a firmeza do andar, a solidez das articulações, faz girar abundante e egualmente o sangue, robustece o peito, exercita e excita a facilidade da respiração. E' um dôce medicamento contra a anemia, a pallidez, os suores. E' sobretudo uma fadiga. Toda a mulher que se não cança, idealisa. Dá os bons somnos saudaveis e frescos, o appetite inglez. Dá ás raparigas uma boa alegria de ave que vôa. E tem-se visto doenças inexplicaveis de mulheres curarem-se com uma valsa. As boas valsas são as de Strauss, ageis, alegres, radiosas, impellidas, firmemente resvaladas — que teem alguma coisa de ataque e muito de triumpho.

A valsa é moral e educadora: porque acostuma as mulheres a ter dos homens uma idéa positiva e burgueza. E' por isso que os romanticos, os netos

de Byron e de D. Juan não valsavam: pallidos, encostados á humbreira, com a gravata de setim negro em nó, o olhar triste e dominante, os dedos errantes em longos bigodes sentimentaes, estavam immoveis em todo o encanto do seu mysterio, exhalando romance. O homem na frescura da sua toilette, a pelle macia e secca, a claque debaixo do braço, sereno, fresco, perfeito, intacto, conversa e ri n'um baile, póde excitar o sentimento: quem nunca o excitará é o valsista — com a pelle oleosa, a testa cheia de gotas, a respiração offegante, um arquejar pesado, o nariz luzidio, a aba da casaca esvoaçando, as pernas pulantes como as de um gafanhoto que vae para os seus negocios, o ar embezerrado, vermelho, soprando, feliz e grotesco. A mulher olha e sorri. Porque ella é que não perde a graça se a tem, e o arfar dá-lhe a delicadeza, todos os abandonos mimosos da ave que cança. Além d'isso os vestidos compridos, rojados, leves, foram feitos para a valsa e accentuam-a como um palpitar d'aza. De sorte que se póde rir, legitimamente de cima de seu encanto, do pobre homem que a seu lado resfolga, escarlate e esfalfado. E depois o homem que valsa, como póde ter espirito? O que naturalmente lhe sahiria pela bocca fóra se a abrisse, não seriam as graças — seriam os bofes: é por isso que elle, duro, cerrado, espesso, alagado, guarda

dentro em si para seu uso cuidadosamente — a pilheria e a viscera.

Na valsa a mulher faz a poesia do movimento — o homem faz-lhe a farça. O homem, de resto, nunca deve dançar: o seu movimento são as armas, a lucta, a marcha, o salto, a gymnastica: já Napoleão o dizia. O Oriente, tão profundo e tão subtil, comprehendeu isto admiravelmente: ahi as mulheres dançam sós entre si; o homem, encostado no divan, contempla e fuma o *chibouk*.

Valsem! valsem! — e creiam que esta glorificação é desinteressada: o que escreve estas linhas não valsa. Valsou. Valsou um dia. Era de madrugada ao fim d'um baile, dado muito longe d'aqui, ao Oriente e ao Occidente. Valsou com um preto. Na sala deserta, luminosa e scintillante como uma visão do sultão Achmed, quatro pessoas assistiam gravemente áquella valsa solitaria: um chefe de tribu dos confins da Nubia, immovel na sua tunica de linho e fio de oiro, lord C... que morreu agora em Florença, um sabio doutor prussiano, mademoiselle J. . *des Bouffes* e um capitão de artilheria ingleza, que olhava gravemente, a cavallo n'um creado. E tantas saudades lhe ficaram ao que isto conta, d'aquella valsa — que assim como o rei de Thule nunca mais bebeu, elle nunca mais valsou.

Ora o que se faz a esta mulher inteiramente, ex-

121

clusivamente, educada para o amor? Esta mulher, assim formada, casa. O marido vae, de certo, dar a esta natureza, que vem curiosa, impressionavel e agitavel, uma occupação que a absorva e que a preencha? — Não. E' nas classes ricas: o marido trata de lhe tirar todo o trabalho, todo o movimento, toda a difficuldade, alarga-lhe a vida em redor, e deixa-a no meio, isolada, fraca e tenra, abandonada á phantasia, ao sonho e á chamma interior: a cabelleireira penteia a, as creadas vestem n'a, a governante trata-lhe da casa, a ama cuida-lhe dos filhos, as moças arrumam-lhe os quartos, o marido ganha-lhe dinheiro, a modista faz-lhe os vestidos, - um *coupé* macio caminha por ella, um *jornal de modas* pensa por ella. — O que resta a esta infeliz creatura, encolhida no tedio da sua *causeuse?* Resta-lhe a sua genuina occupação, a que lhe ensinaram e em que é perfeita — o amor.

Se o marido se conserva um amante — bem. Mas se o marido naturalmente, como deve ser, se occupa dos seus negocios, do seu escritorio, da sua politica, dos seus fundos, do seu club, dos seus amigos — mal. Ella naturalmente faz como um amanuense que tendo por profissão escrever, quando tem escrita e cheia a primeira folha de papel, toma outra — para continuar a escrever.

Tal é a verdade.

*
* *

E querem uma prova? É que as mulheres mais occupadas são as mais virtuosas. É isto evidente na pequena burguezia, no mundo proletario, nas classes agricolas. Os adulterios ahi, a não ser as excepções de temperamentos, são quasi todos originados na necessidade e na pobreza. Outra prova é que Lisboa é uma terra de mulheres virtuosas. Podem rir-se os incredulos da cidade, *les rieurs de la ville*, como dizia Tallemant de Reaux. A verdade é essa, e a razão é que Lisboa é uma terra pobre; a maior parte das familias são de empregados publicos, e portanto as mulheres, sem creadas, sem aias, e sem carruagens, teem, de manhã á noite, o rude trabalho de uma casa a dirigir: teem de se vestir, de lavar os filhos, de alinhavar vestidos, de tomar roes, de fazer as suas compras; e fica-lhes um dia *cheio e trabalhado*.

Uma mulher assim fatigada, cheia de pequenas preoccupações, de attenções caseiras, de economias, de chaves, não tem vagares para o sentimento. A sua natureza torna-se excessivamente pratica, positiva, domestica, hostil á phantasia e aos seus cortejos. Além d'isso, vendo o marido sobrecarregado e

sustentando pela firmeza do trabalho *aquella nau* — toma-se por elle d'um grande respeito. O casamento torna-se assim uma associação de trabalho. A mulher adquire uma alta idéa da sua missão. Vendo-se centro d'actividade na casa, e que é necessaria a todos, e que a sua presença consola, e que a sua coragem fortifica, e que pelo seu trabalho e pela sua ordem a familia está confortada, aceiada, farta, alegre, — julga-se e tem o orgulho de Providencia, reina verdadeiramente, e nem por todos os encantos quereria descer na estima do seu pequeno mundo honrado.

Além d'isso, mesmo que fosse sentimental, o que é extremamente raro, as condições de existencia burgueza defendiam-n'a como muralhas. As casas são pequenas, o contacto da familia é permanente, a todas as horas, nas mesmas salas; torna-se impossivel toda a intelligencia secreta com o exterior. Não poderia sequer ter por muito tempo um segredo do coração, a familia adivinhar-lh'o-ia na preoccupação do rosto, na voz e no silencio.

Dê-se á mulher um alto interesse domestico, e dá-se-lhe uma virtude invencivel. Dê-se-lhe uma casa a governar, uma familia a dirigir, e ella encontrará no seu coração mais valor para ser virtuosa do que nós encontramos razões no nosso espirito para sermos honrados. — Ora agora se o marido faz da sua mulher uma amante *mignonne* e luxuosa, se a

torna um pequenino mimo e um goso de voluptuosidade, se faz d'ella um ornato de theatro e quasi um embellezamento publico, se a quer como uma sultana da Georgia, que se transporta nos braços — n'esse caso está mal, e então o risonho *Offenbach* adianta-se com a sua batuta e o seu *couplet* garoto, e aconselha-o a que nunca entre em casa — sem prevenir.

Proudhon disse que a mulher só tem um destino — *menagère ou courtisane* — dona da casa ou mulher de prazer.

Seria longo explicar a alta moral que esta palavra encerra, mas se aos maridos basta um resumo concludente e firme, diremos que cada um — encarregue sua mulher de fazer casa, e a dispense de fazer moda. Quando fallamos assim de *moda*, com irreverencia, não queremos dizer que a mulher não cuide da sua belleza. Bem ao contrario. Para a mulher a belleza é o mais alto dos seus direitos e o mais grave dos seus deveres!

*
* *

Collocar a mulher nas occupações da familia, eis o que achamos de mais generico para evitar a dissolução do casamento. Se porém nos interrogam di-

rectamente sobre o adulterio e os seus motivos, pedimos que observem o que se passa nos costumes.

*
* *

O espectaculo é curioso. O adulterio é um facto approvado pela opinião. Querem a prova? No adulterio entram — o seductor, para que lhe demos este nome classico, a mulher e o marido. Vejamos como elles mesmos se consideram a si: consciencia propria e consciencia publica.

Vejamos o seductor:

Dizia Napoleão: o adulterio que é um tão grande facto no codigo e na moral, não é na vida real mais que um entretenimento de baile ou uma distracção de theatro. Palavra profunda. O celibatario sentado na sua cadeira, n'um entreacto, enfastiado, fita uma certa mulher, que o fere pela côr dos cabellos ou pelo feitio da *toilette:* d'ahi ás vezes uma tragedia. No entanto o celibatario, o *dandy*, o *leão*, está na sua occupação habitual. Não é para dissolver a familia, provocar os desastres, — que elle ali está de luvas *gris* — é para cumprir a sua elegancia. Está nos costumes. Ninguem lh'o estranha.

O celibatario não é o carrasco official da felicidade conjugal. É um bom rapaz, é um *dilettante,*

é um ocioso, é um voluptuoso. A sua distincção honra a civilisação e o luxo; a cidade por vezes tem orgulho n'elle; Alcibiades, *crévé*, foi uma gloria d'Athenas, e Plutarcho narrou-o. Não é por mal que o celibatario olha: é por obrigação da sua profissão, é por *dever d'officio*. Não é com intenção fatal que elle *faz a sua côrte* a uma mulher; é porque, se conhece uma mulher, se é recebido em sua casa, tem obrigação de *lhe fazer a sua côrte*. *Fazer a sua côrte* — é necessario que saibam — é uma cousa muito differente *de fazer a côrte*.

Fazer a côrte é olhar de longe, seguir, adivinhar a mulher, procurar fallar-lhe, ter a attitude sentimental. Se o celibatario *faz a côrte* é porque não é da intimidade da casa, ou está posto em suspeição pela desconfiança marital. Opera de longe, com largos vôos. Não é perigoso.

Outra coisa porém é o celibatario que *faz a sua côrte*. Fazer *a sua côrte* é sentar-se ao pé de uma mulher, fazer-lhe uma conversa interessante, provocar-lhe o espirito, dar-lhe o braço á saida, pôr-lhe o seu burnous com as pontas dos dedos. Diz-se muito legitimamente a um marido: *Vou fazer a minha côrte á tua mulher*. Por coisa alguma se lhe diria, sob pena de bengaladas, vou *fazer a côrte a tua mulher*. O que faz a sua côrte é sempre intimo de casa: tem o seu talher, ri em segredo com mada-

me, traz-lhe ramos de que tira um botão de rosa para o marido pôr na *boutonnière* — entra no camarote e diz-lhe: *Se queres vae fumar eu fico a fazer a minha côrte a tua mulher.* — *Onde está fulano?* perguntam no corredor ao marido que fuma. — *Ficou a fazer a sua côrte a minha mulher.*

O que *faz a sua côrte* vae com ella ás lojas, traz-lhe a *valsa* da vespera e o escandalo do dia, conta-lhe ao ouvido o enredo da opera, e é elle que — quando o marido o encontra saindo da sala de sua mulher, lhe diz:

— Tenho estado a fazer a minha côrte a tua mulher.

— Não queres ficar para jantar?

— Não. Vou fazer ainda a minha côrte a fulana.

O scelerado! o bom rapaz!

Ora bem: este homem que — para que o digamos desde já — é o amante, como é considerado pelo mundo e pela opinião? Optimamente. Bem recebido, rodeado de braços abertos, tomado como typo e mestre pelos solteiros, invejado pelos maridos maniatados ao casamento, como uma ave que vôa pode ser invejada por uma couve que está, olhado curiosamente, intencionalmente e medrosamente pelas mulheres, — torna se centro e toma no seu mundo uma attitude victoriosa.

Assim o ter tido um certo numero de amantes,

isto é, ter desorganisado um certo numero de familias, é na moral contemporanea um *chic*. Na moral antiga teria as penas infamantes da mutilação. Hoje é um *chic*. É mais: é um complemento de educação. Na *Princesse Georges*, a mãe, a marqueza, diz do principe de Birac:

— É um homem de bem que viajou e teve aquelle numero de aventuras *que fazem parte da educação*, mas teve-as no seu mundo.

Esta palavra é um traço photographico da opinião moderna. E quem o diz é uma mulher honesta, attenta á devoção. E ahi temos pois que ter seduzido algumas mulheres casadas, é na mocidade de um homem e para garantia do seu destino, tão indispensavel como ter aprendido a grammatica; e póde dizer-se das perfeições de um *gentleman:* — Deitou a perder uma mãe de familia e sabe os verbos.

O homem que nunca teve uma amante casada é, segundo a apreciação mundana, ligeiramente ridiculo, *philosopho, caturra;* nega-se-lhe a experiencia feminina, e passa á situação hirsuta e florestal *de bicho do matto:* é a opinião dos cafés. E a opinião das salas não lhe é mais favoravel: é considerado um inhabil e um collegial sem valor; se elle não interessou nem fez palpitar ninguem é porque é sem espirito, sem originalidade, sem belleza, sem *toilette*

125

e sem descripção, é um inutil, é um seminarista extraviado; attribue-se-lhe falta de coragem e de dominio; dá-se-lhe aquella indifferença que se dá *ás coisas sem dono*. Mas se teve uma amante com publicidade e relevo, ah! é um homem. A sua phisionomia interessa e exhala mysterio. Se teve tres é *leão*, torna-se celebridade, tem o sorriso escravo das mulheres e um logar no Estado. Se tem tido mais, e um marido morto em duello, é o caso de Cade Rousse, e fica n'uma civilisação como typo perfeito da fina flôr dos bravos. E assim a gloria cresce, com o numero de seducções, até D. Juan, que por ter tido tres mil, é cantado pelos poetas, escolhido pelos pintores como a expressão do ideal, posto em musica pelos maestros divinos, tornado Symbolo, e depois de 400 annos ainda a sua legenda faz suspirar de amor.

E se o *leão* envelhece não é abandonado como o de Lafontaine. A protecção feminina segue-o como um amparo providencial. É collocado n'uma embaixada ou n'um senado: o Estado encarrega-se d'elle, como de uma gloria publica: e, como Romieu, depois de governar as alcovas, vae governar as provincias — ou, como o duque de Morny, vae descançar das almofadas de *boudoir* na cadeira de primeiro ministro.

E emfim, pormenor fatal, não ha mãe que não

deseje para sua filha, não ha filha que não deseje para si — um homem *que tenha já passado as primeiras verduras:* isto é deseja que, para dar garantia de felicidade á sua familia, tenha já d'antemão gasto a chamma impaciente: por onde? Pelas familias dos outros!

Sendo assim uma alta gloria a seducção — é evidente que todos desejam a aureola perfumada e que todo o moço de vinte annos, livre do recrutamento, que se sente um pouco de espirito e de roupa branca, arremessa-se de *badine* em riste, ao movimento amoroso — o que faz, diria Marivaux — um vôo de milhafres sobre as tenras pombas.

Perigo que não temos em Portugal — e que mais accentua a nossa virtude: Aqui ha o celibatario, mas não ha o *leão*. E não é difficil á mulher mais fraca resistir ao encanto do Lovelace nacional: porque o celibatario está nas secretarias ou está nas cavallariças. Os das secretarias são excellentes rapazes, com boa letra, espirito d'ordem, boa mão de bilhar, muito entendidos em hespanholas, mas estão realmente longe de ter em espirito, em distincção, em petulancia, em replica, em sentimento, em valor, aquella alta superioridade que fazia com que madame Recamier se erguesse, ao cumprimentar, duas linhas acima do seu eterno sophá de damasco amarello.

Em quanto aos que estão nas cavallariças — são tambem excellentes, dignos, perfeitos, mas inteiramente dados ao gado.

De modo que por este lado, ó filhas de Maria-Satanaz anda longe.

XXXIV

Outubro 1872.

Srs. operarios:

Pouco temos a dizer-lhes, mas não queremos deixar de os felicitar pelo bom resultado das suas *grèves*. Nem apreciamos menos a attitude que tiveram, cheia d'um espirito fraternal, d'uma moderação resoluta e d'aquella tranquillidade que é a melhor garantia de que se possue o direito.

Os senhores estão no seu momento historico.

Nós outros, os que pertencemos ao *terceiro estado*, nós que ainda não ha cem annos deixámos pela primeira vez de ajoelhar, quando fallavamos na sala dos Estados geraes, diante do rei immutavel e sagrado sob o seu docel d'arminhos; nós que ainda ha pouco, na noite de 4 de agosto, repelliamos para a archeologia o privilegio aristocratico; nós que ha apenas noventa annos estavamos ruminando tranquillamente a nossa auctoridade no alto da cidade — ahi está que nos pomos a descer lentamente — porque os senhores se approximam!

O *terceiro estado* vae-se, o *quarto estado* vem!

E ainda ha pouco em Hespanha, o sr. Martos, mi-

nistro dos estrangeiros, annunciava no congresso a sua chegada official, dizendo: *a revolução de setembro é o advento do quarto estado!*

Mas os senhores foram mais felizes que nós. Nós levamos a alcançar a roupa branca independente, que hoje temos, alguns seculos de trabalho consciente! E os senhores, caloiros que sois. Ainda ha trinta annos, em 1848, a presença do operario Albret no governo provisorio era a primeira apparição muda e instinctiva do vosso temeroso mundo. — Parece incrivel! e estamos em 72, e já vamos descendo para a penumbra historica, nós, os filhos de Robespierre!

Pacieneia. Vamos-lhes abandonando a terra. Resignemo nos. Desçamos. Dá cá o braço, Melicio!

Mas, senhores operarios, não se regosijem excessivamente; que os senhores teem o seu dia, mas terão o seu fim; e já por traz dos senhores, que são o *povo*, nós vemos uma temerosa sombra que murmura e rosna, — a *populaça*.

Emfim, senhores operarios, no meio dos seus triumphos algumas considerações queremos submetter á sua attenção. E a primeira é que não se devem os senhores julgar os mais opprimidos da cidade. Porque onde existe o empregado publico ninguem tem o alto da desgraça. E, se a sua Fraternidade Operaria os póde conter a elles, lamentaveis como

o pó e como o pó abandonados, não terão os senhores reunido a si o verdadeiro proletario — o proletario burguez. — Os senhores fallam do seu direito, reclamam-n'o com *grèves*, conseguem-n'o com cotisações; mas a verdade é que muitos dos srs. não são desgraçados. Em Portugal as industrias são quasi todas privilegiadas, a importação é grandemente limitada pela taxa das alfandegas, de tal sorte que que a media dos senhores ganham 800 réis diarios, e alguns 1$000 réis. E com isto os srs. vivem em casas baratissimas, andam perfeitamente com a sua jaqueta, suas esposas trazem com muita graça as chitas sympathicas dos tempos simples, seus filhos vão aprender um officio e ganham logo; — os senhores não teem visitas, nem theatros, nem convites, porque teem a vantagem da vida pobre; talvez não comam carne todos os dias, o que é um grande mal, mas muitos empregados publicos a não comem tambem. Agora accresce que elles. por exemplo, a classe infinita dos amanuenses, com os seus ordenados de 600 a 800 réis, teem de viver num andar na baixa, de andarem elles, os filhos e as mulheres, vestidos com certa decencia, de panno e de seda, teem de mandar os filhos aos collegios, e suportam todas as desvantagens da sua posição official. Isto, em breves palavras, sem fazer o quadro mais minucioso e realista da vida de um empregado

publico — lhes fará comprehender — que a pequena burguezia já está mais pobre que o proletariado: que ella vivendo sob a pressão feroz da carestia dos alugueres, do alto preço dos generos, da agiotagem, — não póde todavia fazer *grèves* — e que por exemplo, um primeiro official de secretaria é mais pobre e bem mais proletario do que um operario pintor de carruagens, cujo salario póde elevar-se a 2$000 réis por dia.

É verdade que um pintor de carruagens é a excepção — mas o director geral não é a regra.

Se além dos empregados publicos — o que lhes póde parecer uma approximação humoristica — os senhores se lembrarem das classes agricolas e da miseria dos trabalhadores do campo, que são, como os senhores, proletarios e não sei se diremos que elles, creados na salutar educação da terra e da cultura, nos merecem mais sympathias que o proletario da cidade, que tem uma polidez de mau agoiro — verão que no fim de tudo, para além dos senhores, muita miseria existe calada — que deveria fallar.

Outra cousa porém lhes pedimos com todo o empenho — é que estudem melhor as suas *grèves*. Porque, tendo os patrões o meio de se desforrar do augmento do salario que os senhores lhes exigem, augmentando o preço por que vendem aos que con

somem, não vão os senhores por excessivas *grèves* causar um encarecimento geral; de tal sorte que succeda este facto impertinente: os senhores terem um vintem mais por dia no que ganham, e gastarem por dia um pataco mais no que consomem. Vejam que uma parte dos homens eminentes da Internacional, porventura os mais scientifios, se estão oppondo ás *grèves*, as quaes já deram em Inglaterra para os operarios o resultado igual ao que tira um homem que lança ao ar uma pedra e ella lhe vem rachar a cabeça. Assim, por exemplo, os senhores chamam-se a *Fraternidade Operaria*. Se são irmãos, não devem deixar na sua miseria atroz os seus irmãos que trabalham nos campos; mas se houver uma *grève* agricola, os senhores, da cidade, teem immediatamente uma tal alta nos generos de primeira necessidade que não cobrirão com todas as *grèves* industriaes o desastre que lhes causou a *grève* agricola. E esta todavia é d'uma justiça irrecusavel: sómente arruina-os. Estudem portanto esta questão temerosa. Mas estudem-n'a. Não cantem um pouco de mais o *fado*. O fado é bom e bonito. Mas não é inteiramente á guitarra que os senhores hão de conhecer a questão do salario; e olhem que esssa questão envolve uma cousa positiva e nitida — a fome. Estudem, consultem os experientes, que residindo nos grandes centros industriaes teem a plena

129

intelligencia da lei economica das *grèves*. Os senhores teem de chegar e de vencer. É uma lei historica. Ninguem lh'o nega. A questão está toda no *meio*. Estudem-n'o bem — e pacificamente.

Outra cousa lhes pedimos, senhores operarios: é que contenham certas tendencias que os senhores vão mostrando para a litteratura. Apparecem aqui e acolá, nos annuncios, prosas d'operarios que em termos poeticos e com muita rhetorica agradecem aos patrões, exprimem o seu direito, ou suscitam a sua opinião. Os senhores não teem que fazer prosa. Prosa fazemol-a nós — e é mesmo essa uma das causas porque teremos de responder amargamente no dia de juizo social. Os senhores o que fazem é — producção e industria. Se porém os senhores sob a sua dignidade d'operarios escondem apenas organisações de localistas — tenham a bondade de esperar ahi um momento, que vamos buscar as bengalas.

Somos, srs. operarios, fraternaes amigos e antigos admiradores.

XXXV

Outubro 1872.

Deu-se ultimamente um facto singular: o soldado Barnabé mata o seu alferes com um tiro, e é, pelo conselho de guerra, condemnado a *ser passado pelas armas*. Immediatamente a imprensa apossa-se vorazmente d'este facto e, durante um mez, trava-se entre sanguineos e lymphaticos esta discussão: Deve o soldado Barnabé ser fusilado? deve o soldado Barnabé conservar-se vivo? E no entanto, na sua prisão, o soldado Barnabé, espera que os srs. jornalistas e curiosos decidam, — se elle póde continuar a aquecer-se ao sol, ou se deve ser encostado a um poste e atravessado de balas.

Podia suppôr-se ainda que o soldado Barnabé, na reclusão mortuaria da sua casamata, não conheceria esta discussão, que é para elle alternadamente — bandeira da misericordia e dobre de finados. Mas qual! O soldado Barnabé conhece os jornaes. O soldado Barnabé lê os jornaes, e, o que é peior tendo um correspondente improvisado, sobre elle,

uma anecdota excessiva, o soldado Barnabé escreveu para os jornaes. O soldado Barnabé *rectificou*. De modo que devemos crer que elle todas as manhãs abre a gazeta e vae procurar no artigo de fundo, soletrando a prosa florida, — a probabilidade de viver ou a probabilidade de morrer!

*
* *

Ora os que pedem a commutação da pena comprehendem-se, teem por si a belleza do sentimento: é a piedade, o respeito da vida, o odio das penas irreparaveis — que vivem e supplicam na sua prosa. São sympathicos, são sensiveis.

Mas os srs. sanguinarios que pedem a morte, em que se fundam?

Na Disciplina militar.

E é a primeira vez em Portugal que a Disciplina se estreia como *razão*. Nunca fôra invocado este personagem: desde a deserção do soldado até á insurreição do general — tudo se tem passado tranquillamente, sem que a disciplina se adiante a reclamar os seus direitos; — estava ha tanto tempo calada, tacita, inactiva, indifferente, desinteressada, que todos suppunham que ella pedira a sua reforma e gemia, nos suburbios, um rheumatismo antigo.

Mas trata-se duma vida — e vemos de repente, surprehendidos, a disciplina apparecer entre as columnas dos jornaes, e pedir essa vida em seu nome e para sua garantia. Sem o que a Disciplina não responde por si. Ou lhe dão o soldado Barnabé crivado de balas, ou a Disciplina se rebaixa inteiramente, e publicamente, nas ruas, se desabotoa.

*
* *

Esta apparição da Disciplina, que nunca ninguem vira, é tão singular que o movimento instinctivo é olhar para ella. E que desillusão! Vindo pedir sangue — podia suppôr-se que ella vinha forte, musculosa, aceada, correcta, intacta, pudica e grave. Qual! Vem tropega, caturra, esfarrapada, encebada, esmoucada, babando-se e pedindo sangue para se reconfortar, como um mendigo escavacado pede um caldo. Um copo de sangue para a Disciplina! E todo o mundo se admira que ella não prefira meio de Lavradio!

Entendamo-nos com a Disciplina. Ella tem em nós dois respeitadores immutaveis. Ella é a honra activa do exercito, a sua consciencia, a sua dignidade. Para ella se manter intacta e perfeita, se forem necessarios cadaveres, encostem-se homens ao muro

e forme-se o piquete d'execução; nós não temos o respeito sentimental e lyrico da vida humana, ou antes temos o respeito excessivo da vida publica e social, para hesitarmos em lhe sacrificar Barnabé ou João. Mas o que é necessario é que a Disciplina militar, que vem pedir essa vida para garantia da sua conservação, seja verdadeiramente e legitimamente a disciplina militar; isto é — a disciplina perfeita, sem nodoa, virgem de deserções e de revoltas, sem defecções e sem traições, tendo a religião da lei até á superstição, a obediencia do dever até á minuciosidade, rigorosa, exemplar, intacta, rigida e prussiana. Se esta disciplina, para se conservar assim, pede sangue, atirem-se-lhe baldes de sangue!

Mas se é uma disciplina exautorada e desmoralisada, desfigurada e polluida por todas as revoltas e todas as desobediencias, a que nos vem pedir, para se desaffrontar, a execução de um homem, — encolhem-se os hombros. É como se uma prostituta se viesse queixar que lhe deram mais um beijo! Pois tudo a disciplina tem soffrido sem se queixar! Corpos desorganisados, regimentos insubordinados, desordens nos quarteis, dissolução nos costumes, traições nas fileiras, roubos nos armamentos, desfalques nos ranchos, — está ferida, está extincta, está perdida — e de repente ergue-se e grita que a

quizeram violar e que matem o violador! E ha quantos annos te estás tu deixando violar, de semana em semana?

És tu que fazes os Barnabés. Quando um exercito se sente desorganisar, sem reagir, alimenta a desobediencia; e como perde o brio militar, o espirito de camaradagem, a attenção pelos inferiores e o respeito pelos superiores — termina-se pelo tiro; á anarchia da disciplina segue-se a tyrannia da brutalidade. Um general que leva os seus soldados á revolta termina na ultima escala pelo soldado que dá tiros nos seus officiaes. É a quem tem melhor pontaria.

Quando uma mulher se queixa, á uma hora da noite, que a insultaram, não tem andado desde ás sete da tarde a offerecer-se aos tumultos. Se á primeira falta contra ti, ó Disciplina, tivesses reclamado, tinhas agora o teu cadaver. Assim não. Se queres carne com sangue come *roast-beef*.

E diz-se que sem este exemplo o exercito em Portugal não póde ter *seriedade*. Escreve-se isto. Não é mau. De modo que temos o exercito sem espirito militar, sem instrucção, sem manobras, sem habitos de marcha e de acampamento, sem vigor physico, sem fé patriotica, os arsenaes sem armas, a artilheria sem peças, os quarteis sem condições, as escripturações sem regularidade, os quadros sem

gente, os estados maiores sem talento, os coroneis sem fidelidade, os soldados sem disciplina — e qual o remedio para tudo isto? — Matar o soldado Barnabé!

*
* *

Nós bem sabemos que são os novos officiaes saídos das escolas e cheios de um espirito vivo — que querem este exemplo, para impedir o *fim de tudo;* e se ha classe com que sympathisemos é a d'estes moços officiaes, homens positivos, instruidos, educados pela sciencia, tendo alguma cousa no espirito da rectidão mathematica, novos inteiramente no vigor e nas tendencias sociaes; mas estes bons rapazes estão na illusão. Elles não concorreram para a desorganisação militar — acharam-n'a assim e são como filhos, tardiamente nascidos, que encontram arruinada a casa de seus paes, desmoronando-se ao inverno.

Ora se elles são energicos e sentem em si a força das creações proveitosas, devem estar concertando a casa, vidro por vidro, e sustentando a disciplina caduca, cadaver por cadaver? — Não. Arrazem a casa e façam-n'a de novo. Depois se algum soldado resmungar, então sim: encostem-n'o ao muro e crivem-n'o de balas.

*

* *

Até lá, sejamos mais benevolos — e não seja o pobre Barnabé que vá estrear — o novo systema d'armas!

FIM

INDEX

		Pag.
I	O anno-bom de 1872	5
II	Epistola ao sr. Fontes Pereira de Mello, sobre o imposto do pescado	19
III	O nosso melhor navio de guerra, o «India»	23
IV	Epistola ao sr. Bispo do Porto a respeito dos maus sacerdotes	25
V	Pinheiro Chagas	29
VI	Incoherencias eclesiasticas	33
VII	A descentralisação administrativa	34
VIII	Ácerca da redacção das portarias	43
IX	Historia de um concurso	47
X	O enterro dos impios	51
XI	Auctorisadas opiniões sobre o estado da administração publica	55
XII	Cortezãos ou demagôgos?	57
XIII	As variadas reformas da carta	62
XIV	Pedro de Alcantara e D. Pedro II	65
XV	A mala de um principe	69
XVI	O idioma hebraico, predilecção principesca	73
XVII	Indumentaria de Pedro na sala dos Capellos	77
XVIII	O clero nos saraus do Paço	83
XIX	A casa de Alexandre Herculano	89
XX	Missiva a S. M. o Imperador do Brazil solicitando veneras	91

134

		Pag.
XXI	O brazileiro	95
XXII	Melancolicas reflexões sobre a instrucção publica em Portugal	103
XXIII	As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporanea	117
XXIV	Soccorros a naufragos	151
XXV	Os missionarios no Porto	157
XXVII	Guerrilhas carlistas. Batalhões sagrados	161
XXVIII	O sermão politico	185
XXIX	O Salva-vidas da Foz do Douro	191
XXX	Singulares aventuras de um soldado hespanhol internado em Portugal	197
XXXI	A cadeia da Relação do Porto	202
XXXII	Epistola—A' alma de D. Pedro IV, nos Elysios	207
XXXIII	O problema do adulterio	223
XXXIV	Os srs. operarios e suas gréves	253
XXXV	O soldado Barnabé	259

NOTA DO EDITOR

As provas d'este volume, ultimo da collaboração integral de Eça de Queiroz na primeira edição das *Farpas*, só puderam ser revistas pelo auctor até á pagina 166.

IN/19